UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CÍCERO JOSÉ DA SILVA

O USO DOS PRONOMES RETOS EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL SOBRE O FENÔMENO DA FLUTUAÇÃO

JOÃO PESSOA - PB
2019

CÍCERO JOSÉ DA SILVA

O USO DOS PRONOMES RETOS EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL SOBRE O FENÔMENO DA FLUTUAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.
Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Denilson P. de Matos

JOÃO PESSOA -PB
2019

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586u Silva, Cícero José da.
O uso dos pronomes retos em função de complemento : uma abordagem funcional sobre o fenômeno da flutuação / Cícero José da Silva. - João Pessoa, 2019.
125 f. : il.

Orientação: Denilson Pereira de Matos.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Pronomes. 2. Pronomes do caso reto. 3. Flutuação. 4. Prototipicidade. 5. Mudança linguística - Variação. I. Matos, Denilson Pereira de. II. Título.

UFPB/BC CDU 81'367.626(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PROLING

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CICERO JOSÉ DA SILVA

Aos treze dias do mês de agosto de dois mil e dezenove (13/08/2019), às dezessete horas, realizou-se na Sala de Reuniões do CCHLA, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada "**O uso dos pronomes retos em função de complemento: uma abordagem funcional sobre o fenômeno da flutuação**", apresentada pelo(a) mestrando(a) **CICERO JOSÉ DA SILVA**, Licenciado(a) em **Letras** pelo(a) **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho (Examinadora/UEPB) e Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (Examinadora/PROLING-UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Denilson Pereira de Matos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 13 de agosto de 2019.

Observações

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
(Examinadora)

Cidade Universitária – Campus I 58051-970 João Pessoa – PB
Caixa Postal: 5070 Fone/fax: (83) 3216-7745
E-mail: proling@cchla.ufpb.br www.cchla.ufpb.br/proling

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por permitir-me a vida e presentear-me com conquistas diárias que tornaram-me a pessoa que sou, apesar das minhas limitações.

À minha mãe, Marluce Maria Leal da Silva, que, com sua fé gigantesca em Deus, é pilar de amor, carinho, compreensão e apoio para todos nós.

Ao meu pai, José Sebastião Leite da Silva, que, mesmo diante das adversidades proporcionadas pela vida, nunca nos deixou faltar nada, um verdadeiro homem, guerreiro, honesto e exemplo de esposo e pai para todos nós.

Ao meu irmão, José Ronaldo da Silva (in memoriam), que sempre me protegeu em vida, um homem batalhador, forte, corajoso, iluminado por Deus. Infelizmente deixou-nos de forma tão rápida, hoje, com certeza, um anjo de luz, inclusive dedico este trabalho a ele. Saudade eterna meu irmão!!!

À minha esposa, Talia Jordana Santos Albuquerque, que sempre me apoiou com muita força, carinho, amor e muita compreensão, pois suportou minhas ausências para que pudéssemos atingir mais uma meta de vida.

À minha filha, Clara Sophia Albuquerque Silva, um amor incomparável brotou em meu coração e uma luz acendeu em minha vida com a chegada dela.

Ao meu primo, Paulo Lira da Silva, que, por meio da educação, regatou-me da lama social, retirou-me da caverna platônica, mostrando-me a importância de estudar e, consequentemente, transformando minha vida.

Ao Senhor, Vincent Flury, que me ajudou na construção do sonho de ser professor.

Ao meu querido orientador, o prof. Dr. Denilson P. de Matos, que impactou significativamente a minha vida acadêmica e não acadêmica, tornando-se orientador, amigo, conselheiro, irmão e pai acadêmico. Agradeço sua dedicação, paciência, alegria e seus direcionamentos constantes.

À Universidade Federal da Paraíba, por acolher e se transformar em um lar acadêmico, oferecendo Cursos de Pós-graduação de excelência. Estendo agradecimentos especiais ao Curso de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), na pessoa do prof. Dr. José Ferrari Neto, por sempre nos receber e atender da melhor maneira possível.

Às professoras, Drs. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa e Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho, pelos importantes apontamentos e contribuições na avaliação dessa dissertação no momento.

Ao professor Rodolfo Santiago pelas últimas revisões da dissertação.

A todos que compõem o Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB), eterna gratidão por dividirem comigo momentos acadêmicos de alta produtividade, assim como, por incentivarem minha caminhada com muita amizade e parceria.

Aos professores do PROLING que, com especial dedicação, dão o seu melhor e compartilham seus conhecimentos na sala de aula, elevando o conceito do curso.

A TODOS VOCÊS, MEU MUITO OBRIGADO!!!

SILVA, Cícero José. O USO DOS PRONOMES RETOS EM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL SOBRE O FENÔMENO DA FLUTUAÇÃO. João Pessoa-PB, 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as consequências sintático-discursivas resultantes da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função que assumem na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. Como embasamento teórico, utilizam-se os princípios de prototipicidade, variação e mudança linguística (HOPPER 1991), estes últimos, princípios motivadores de gramaticalização, oriundos da Linguística Funcional Clássica. Analisam-se dados dos *corpora* Discurso & Gramática (D&G), da cidade de Natal, *corpus* transcrito de situações de interação verbal natural (espontânea), e *CorpusCLELP*, *corpus* de textos escritos em interação verbal na plataforma virtual de aprendizagem do curso de Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa (CLELP). Metodologicamente, combinam-se os vieses qualitativo e quantitativo para a análise dos dados coletados, descrevendo-os e interpretando-os de maneira indutiva. Identifica-se que a função sintática prototípica dos pronomes em estudo é a de sujeito (nominativo), posição pré-verbal. Em concomitância, verifica-se a posição pós-verbal ocupada por essa categoria nas orações, exercendo, também, função sintática de complemento verbal (acusativo). Além disso, há um conjunto de verbos preferenciais utilizados pelos usuários com o intuito de atender demandas comunicativas em meio a pressões do discurso. E, ainda, é na modalidade oral da língua que ocorre maior regularidade do uso dos pronomes do caso reto em função acusativa. Ressalta-se, portanto, que a função acusativa exercida pelos pronomes *ele, ela, eles e elas* não anula a função original desses pronomes, assim, a mesma forma exerce duas funções; como também não anula a forma pronominal átona que continua atuando como complemento verbal – as duas formas coexistem na mesma função.

Palavras chaves: Pronomes do caso reto; Flutuação, Prototipicidade, Variação e Mudança Linguística.

SILVA, Cícero José. THE USE OF PERSONAL PRONOUNS IN FUNCTION OF COMPLEMENT: ONE FUNCTIONAL APPROACH OVER THE FLUCTUATION PHENOMENON. João Pessoa –PB. 2019. Dissertation (Mesters on Linguistics) Federal University –Paraiba – UFPB, 2019. Traditional grammar –Searching concepts and definitions.

ABSTRACT

This research analyze the syntactic- discursive consequences on the fluctuation of personal pronouns in third person , he, she , it and they, related to the function they take into the phrase in position before the verb and after the verb, as a theoretical base, usage the principles prototypicide, variation and linguistics change.(HOPPER 1991). These last principle motivator of grammaticalization, from classical functional linguistics. It was analyzed data of Corpora Discourse & Grammatical. (D&G) from Natal City, transcribed of corpus, verbal interaction situation and corpus CLELP, corpus of written texts in verbal interaction into a virtual platform of learning in science course of language with emphasis in teaching of Portuguese Language (CLELP). Methodologically, combine qualitative and quantitative bias, under the analyzing of data collected, describing and interpreting into inductive manners. Identifying that the syntactic function prototypica of pronouns in study works as subject, position before the verb. In concomitance, verifying the position after the verb, taking this category in phrases, having too, syntactic function of verbal complement (ACCUSATIVE). Besides this, there is one verbal group in use by the users with the purpose to assist the demand between the pression of the discourse. In that way, this occurs into the modality of the oral language function. Emphatize, therefore, that the accusative function exercises by pronouns *he, she, it and they* does not eliminate the original function of the pronoun, this way, the from itself, has two functions, and does not eliminate the unstressed pronominal form, that continue to act as verbal complement, the two forms co-existingin the same function..

Key-words: Personal Pronouns; Fluctuation; Prototypicity, Variation and linguistic Change.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	A declinação dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa no latim	18
Quadro 02	Pronomes demonstrativos - caso nominativo no latim	20
Quadro 03	Classificação pronominal	22
Quadro 04	Quadro dos pronomes pessoais	28
Quadro 05	Função dos pronomes pessoais	29
Quadro 06	Distribuição quantitativa de ocorrências de ele/ela acusativos	42
Quadro 07	Os pronomes pessoais no Português Brasileiro	54
Quadro 08	Tabela de coleta de dados	72
Quadro 09	Ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto.	76
Quadro 10	Ocorrência do pronome reto complemento verbal: modalidade oral e escrita.	78
Quadro 11	Pronomes *ele/ela/eles/elas* em posição de complemento verbal em comparação aos pronomes *o/a/os/as*	79
Quadro 12	Ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto	80
Quadro 13	Comparativo de ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto no *corpus D&G* Natal e *corpusCLELP*	82
Quadro 14	Frequência de ocorrências verbais com os pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas*	83

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Identificação de pronomes por meio do Adobe Acrobat Reader	71
Figura 02	Régua de gradação das funções e propriedades sintático-discursivas do pronome de terceira pessoa do caso reto em função de flutuação	82
Figura 03	Camadas	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Frequência de ocorrências do pronome *ele/ela/eles/elas* em posição de sujeito/em posição de complemento (D &G)	78
Gráfico 02	Frequência de ocorrências do pronome *ele/ela/eles/elas* em posição de complemento verbal em comparação aos pronomes *o/a/os/as*	80
Gráfico 03	Verbos e quantidade de ocorrências	84
Gráfico 04	Verbos mais frequentes ou outros verbos	87
Gráfico 05	Verbos que mais se relacionam com a flutuação pronominal	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I 16

1.ESTUDOS SOBRE PRONOMES: FORMAS E FUNÇÕES 16

1.1 A categoria pronominal: um percurso histórico da língua latina até a língua portuguesa 16

1.2 A visão histórica da categoria pronominal do português: da gramática histórica até a gramática tradicional 21

1.3 A categoria pronominal sob o viés tradicional 26

1.4 A categoria pronominal sob o viés funcional 33

CAPÍTULO II 50

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS BÁSICOS 50

2.1 Pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica 50

2.2 – Prototipicidade 57

2.3 A mudança Linguística 59

CAPÍTULO III 63

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 63

3.1 Tipo de metodologia 65

3.2 O *corpus* D & G: características e validade para a pesquisa 66

3.3 O *corpusCLELP*: características e validade para a pesquisa 68

3.4 O passo a passo metodológico, visando atender aos objetivos de pesquisa 69

CAPÍTULO IV 75

4 ANÁLISES E RESULTADOS 75

4.1 Funções sintáticas desempenhadas pelos pronomes retos de terceira pessoa 75

4.2 Relação dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto em função acusativa com verbos motivadores 83

4.3 A relação da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto com os princípios de mudança linguística 89

CAPÍTULO V 96

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 101

ANEXOS 104

INTRODUÇÃO

Este estudo está centrado no viés da Linguística Funcional Clássica (LFC) e surge através de inquietações teóricas suscitadas em debates proporcionados pelo grupo de pesquisa TLB – Teorias Linguísticas de Base, do qual o presente pesquisador (deste trabalho) faz parte. Alguns trabalhos desenvolvidos por membros do grupo de pesquisa como, Matos (2010), Vanderlei (2014) e Lemos (2015), sobre os usos dos pronomes átonos *lhe*, *me*, *te*, *o(os)* e *(a)s*, direcionam essa pesquisa quanto aos postulados funcionais dos usos categóricos dos pronomes no que se refere a abordagens linguístico-discursivas de um estudo centrado no uso pela Linguística Funcional. Assim, busca-se refletir sobre o uso dos pronomes retos de terceira pessoa na função de complemento verbal, a partir do entendimento desses itens como formas em flutuação discursiva na língua portuguesa, tendo como paradigma norteador as pesquisas citadas acima, assim como outras que possam contribuir com a abordagem pronominal em viés funcionalista, como também com as reflexões de cunho normativo desenvolvidas pelos conceitos da gramática tradicional.

Compreender a língua enquanto um instrumento de comunicação social é assumir o pressuposto de que a forma linguística é proveniente da relação constitutiva com a função exercida por suas estruturas no uso efetivo da linguagem. Nessa perspectiva, a estrutura gramatical é construída a partir de uma série de princípios linguísticos externos à própria língua. São princípios inerentes à construção linguística de qualquer categoria, à organização sistemática de estruturas por fatores pragmático-discursivos em uma correlação com as posições sintáticas exercidas pelas formas linguísticas em situação de comunicação efetiva. Na última década, algumas pesquisas sobre o uso dos pronomes em abordagens funcionalistas já foram desenvolvidas, inclusive no grupo de estudos do TLB[1]. Tais pesquisas comprovam que uma mesma estrutura pode desempenhar papéis distintos em uma determinada realização de uso efetivo da língua/linguagem. A presente pesquisa, particularmente, busca responder às seguintes questões:

- Há consequências sintático-discursivas decorrentes da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função que assumem na oração em posições pré-verbais e pós-verbais?

[1] TLB – Teorias Linguísticas de Base (grupo de pesquisa liderado pelo Professor Dr. Denilson Matos).

- Quais consequências semântico-pragmáticas se podem inferir de uma abordagem funcional/discursiva, sobre os pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas*, com relação à prototipicidade e regularidade de sua realização?

Diante de tais questionamentos, levantamos as seguintes hipóteses:

(i) Os pronomes pessoais retos (*ele, ela, eles e elas)* apresentam uma flutuação sintático-discursiva quando assumem a função de complemento e podem ser analisados em uma perspectiva funcional;

(ii) Existem verbos motivadores da atuação sintático-discursiva dos pronomes retos de terceira pessoa em posição acusativa, por refletirem especificidades próprias do uso oral e espontâneo da língua em diversas situações comunicativas;

(iii) Fatores como modalidade da língua (falada/escrita), discursivamente e comunicativamente, podem influenciar o uso dos pronomes pessoais do caso reto em função completiva.

Da problemática e hipótese de pesquisa, emergem os objetivos:

- Geral:

Confirmar ou refutar se há consequências sintático-discursivas na flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais.

- Específicos:

a) Apresentar da maneira mais sistematizada, que seja possível, o trajeto sintático-discursivo percorrido pelos pronomes em estudo, na configuração de complemento verbal;
b) Identificar e caracterizar os usos prototípicos dos pronomes em estudo;
c) Verificar até que ponto os usos em diferentes modalidades de língua (oral e escrita), sinalizam motivação para o câmbio sintático dos pronomes do caso reto.

Para atender a esses objetivos, a pesquisa segue as ocorrências dos pronomes do caso

reto *ele, ela, eles, elas* em posição de complemento verbal, utilizando-se o conceito de mudança linguística, de cunho da LFC (GIVÓN, 1990) e o princípio motivador de gramaticalização, *camadas*, proposto por Hopper (1991). Além disso, tem-se em Martelotta (2011) a noção direcionadora de que a mudança linguística está associada ao funcionamento das línguas e relacionada às estratégias de comunicação que os usuários utilizam nos diferentes eventos.

O presente trabalho apresenta contribuições funcionalistas sobre formas em flutuação no uso dos pronomes de terceira pessoa do caso reto em funções de complemento sob uma perspectiva funcional, confrontando conceitos gramaticais com os *corpora* em análise: *Discurso & Gramática (doravante D&G,) e CorpusCLELP*, na observância das motivações comunicativas relacionadas ao comportamento linguístico no uso efetivo do português brasileiro. A pesquisa está estruturada em duas partes: a primeira parte, a análise da categoria pronominal em gramáticas tradicionais, buscando conceitos e definições, além de uma análise de estudos teóricos pautado no estudo da arte de trabalhos acadêmicos realizados na última década sobre a categoria pronominal em arcabouço funcionalista; a segunda parte, a análise de *corpora* dos usuários do *D&G* (Natal) e do *corpusCLELP*. Assim, justificamos a importância desta pesquisa para a construção de novas concepções linguísticas que partam do uso para a estrutura, ou melhor, que reflitam a estrutura no uso funcional da língua.

Este estudo ancora-se nas bases teóricas da Linguística Funcional Clássica que integra as bases epistemológicas dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional. Nesse segmento, a gramática da língua emerge das construções linguísticas do uso em relação simbiótica entre estruturas linguísticas e discurso. São as pressões comunicativas da língua em uso que movimentam as formas linguísticas durante a interação, no intuito de suprir as necessidades comunicativas do usuário. Assim, fatores de ordem sistêmica estão em confluência com fatores de ordem discursiva e pragmática.

Para observar a flutuação no uso dos pronomes retos de terceira pessoa em funções de complemento verbal a partir das motivações comunicativas, tomaremos como fonte de análises dois *corpora*. O primeiro é o banco de dados organizado pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática, seção de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). O *corpus* em análise apresenta dados de fala e escrita em cinco diferentes tipos textuais.

Para consolidarmos um resultado mais preciso e obtermos um resultado mais plausível na relação língua escrita *vs* oralidade das ocorrências prototípicas dos pronomes de terceira do caso reto, também observaremos o fenômeno em um segundo corpus de textos escritos em interação verbal na plataforma virtual de aprendizagem do curso de Ciências da Linguagem

com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa (CLELP). Nessa plataforma há um conjunto de usuários, naturais de várias cidades do Nordeste brasileiro, que utilizaram a língua de forma autêntica e natural para construir textos em meio à interação verbal em discussões sobre assuntos diversos.

A disposição do trabalho está organizada em cinco capítulos, a saber:

a) Introdução: nessa parte do trabalho, pretendemos apresentar um panorama geral das intenções histórico-teórico–metodológicas da pesquisa;
b) Capítulo I: apresentamos um panorama das abordagens sobre os pronomes retos em estudo, sob os vieses tradicional e funcional. Já nessa parte do trabalho, sinalizamos algumas intenções indicadas na introdução;
c) Capítulo II: esse capítulo traz as bases teóricas e os conceitos essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa: prototipicidade e mudança linguística;
d) Capítulo III: os procedimentos metodológicos estão descritos nesse capítulo.
e) Capítulo IV: apresentamos as análises e os resultados sobre nosso objeto de estudo;
f) Capítulo V: estão as considerações finais acerca dos resultados observados no estudo.

CAPÍTULO I

1. ESTUDOS SOBRE PRONOMES: FORMAS E FUNÇÕES

Para evidenciar o trabalho com a colocação pronominal atual, faz-se necessário um percurso historiográfico dessa categoria que, em língua portuguesa, evoluiu e desenvolveu-se sob um paradigma linguístico de alta complexidade estrutural e funcional. Os estudos tradicionais apresentados pelos cânones gramaticais prescrevem um posicionamento sintático e pesquisas de cunho funcional já apontam uma variação de posições sintáticas expressas no uso comunicativo da língua. Nesse segmento, este capítulo tem como objetivo contrastar os estudos tradicionais sobre a colocação dos pronomes pessoais do caso reto de terceira pessoa ele, ela, eles, elas, com pesquisas funcionalistas que apontam outras funções assumidas por essas formas e por essa categoria em meio a atos comunicativos.

1.1 A categoria pronominal: um percurso histórico da língua latina até a língua portuguesa

A organização da língua latina está pautada em torno de dois grandes paradigmas: o morfológico e o sintático. No latim, esses dois componentes do sistema linguístico estudam a constituição das palavras e os processos pelos quais elas são construídas a partir de suas partes componentes, assim como determinam as relações formais que interligam os constituintes da sentença, atribuindo-lhes uma estrutura e uma classificação sintática. É centrado nesses dois paradigmas que o quadro pronominal latino está estruturado, ou seja, constrói-se o quadro pronominal latino partindo da classificação conceitual de elementos de ordens morfológicas e sintáticas, representados, principalmente, nas declinações dos casos: acusativo e dativo, para os pronomes que exercem as funções de complemento; e nominativo, para os pronomes que exercem a função de sujeito das orações. Uma ressalva é válida ao que se refere aos pronomes latinos. Os pronomes que exercem as funções de complemento, morfologicamente, sempre estiveram presentes nas orações, porém os pronomes que exercem a função de sujeito, na língua latina, eram marcados pela desinência verbal.

Etimologicamente, *pronome* vem do latim *pronomem,* é uma combinação da preposição *pro* com o substantivo *nomen* derivando o significado "*em lugar do nome*". Essa concepção está presente nas diversas gramáticas latinas, inclusive pautada sob os critérios sintáticos e morfológicos de classificação pronominal da língua latina. A *Ars Latina* (2012) *(curso prático*

da língua latina) define essa classe da seguinte maneira: “os pronomes ou substituem os nomes ou são determinantes (adjuntos) (Ars Latina, 2012, p. 204)”. Observa-se uma definição muito próxima da origem vocabular do termo *pronome*, salvo uma pequena alteração no ponto que propõe o acompanhamento do nome pelo pronome. Essa alteração já traz uma significância enorme, pois quando se coloca o pronome, apenas, como substituto do nome, reduz a categoria pronominal a uma definição puramente anafórica. Em uma definição mais ampla da classe pronominal latina, na *Gramática superior da língua latina*, Faria (1958) diz que:

> Pronomes: exprimem uma determinação de pessoa, de lugar, de posse, ou mesmo certa determinação de modo vago, podendo acompanhar ou substituir o nome. Exs.: Ego et tu praesúmus (Cíc, De Or., 1,39) "Eu e tu presidimos"; sollicitat me tua, mi Tiro, ualetúdo (Cíc, Fam., 16,20) "preocupa-me a tua saúde, meu caro Tirão"; Alliênus nostet est (Cíc, Q., 1,1,10) "Alieno é nosso"; h-íc e.3t, ille Demosthènes (Cíc, Tusc, 5,103) "este é aquêle famoso Demóstenes"; non suppêtet nobis quod cotidie áicãmus (Cíc, Arch.,12) "não nos sobrará de que falar todos os dias (FARIA, 1958, p.52).

Na segunda definição, aparecem elementos novos como “*determinação de pessoa, de lugar, de posse”*, há a inclusão de elementos linguísticos que ampliam a categoria pronominal no que remete à classificação sintática, principalmente no que remete à determinação de pessoas (pronomes pessoais), determinação de lugar (pronomes demonstrativos) e determinação e posse (pronomes possessivos). Isso aponta de forma mais categorial a construção do paradigma pronominal centrado em elementos linguísticos anafóricos e dêiticos. Mesmo a categoria pronominal latina sendo mais centrada em elementos morfológicos e sintáticos, a dêixis já aponta para movimentos extralinguísticos de colocação pronominal, embora de forma sútil e tímida, e, claro, sem se remeter ao uso, mas à própria arrumação sintática da língua latina.

Seguindo as proposições apresentadas acima, como definição categorial de um quadro descritivo pronominal latino, Faria (1958) diz que, há em latim, assim como em português, seis classes de pronomes: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Como o latim é uma língua de cinco declinações e seis casos, todos os pronomes são declináveis. Em relação aos pronomes pessoais, o autor supracitado diz que:

> Os pronomes pessoais dividem-se pelas três pessoas gramaticais, sendo em número de cinco: um pronome para a primeira pessoa do singular *ego* “eu”; um para a segunda do singular *tu* “tu”; um para a primeira do singular *nos* “nós”; um para a segunda do plural *uos* “vós”; e finalmente um pronome reflexivo, comum à terceira pessoa do singular e do plural, *se* “se, si”. Não havia pronome pessoal para a terceira pessoa do singular nem do plural. (FARIA, 1958, p. 131)

Almendra & Figueiredo (1997) apontam para os nítidos vestígios que os pronomes pessoais conservam dos casos latinos “eu (nominativo), me (acusativo), mim (dativo), migo

(ablativo – mecum)". De maneira direta, buscando maior clareza em relação à função sintática exercida por essa categoria gramatical nas orações, os autores ainda descrevem a classificação dos pronomes em latim, "os pronomes ora estão em vez de nomes (absolutos, substitutos), ora em concordância com eles e determinando-os (adjuntos, determinantes) (ALMENDRA & FIGUEIREDO, 2003, p. 64)". Com relação aos pronomes pessoais, Faria (1958, p. 131) faz a seguinte colocação, "os pronomes pessoais têm ainda as seguintes características que lhes são próprias: assim como o verbo a que costumam acompanhar, não têm os pronomes pessoais nenhuma indicação para o gênero". No quadro abaixo, evidenciam-se as declinações e os casos latinos que os pronomes pessoais do singular, em sua forma, recebiam nas frases:

Quadro 01: A declinação dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa no latim:

Casos latinos	**Função em português**	**I) 1.ª Pessoa**	**II) 2.ª Pessoa**
Nominativo	Sujeito	*Ego, eu*	*tū*
Vocativo	Vocativo		*tū*
Acusativo	Objeto direto	*Mē, me*	*tē*
Genitivo	Adjunto	*Meī, de mim*	*tuī*
Dativo	Objeto indireto	*Mihī (mī, na poesia), a mim, me*	*tibī*
Ablativo		*Mē, por, de mim*	*ē*

Fonte: FARIA (1958).
Nota: Adptado de Almendra, Figueiredo (2003).

Os pronomes "*eu"* e "*tu"* são originados diretamente das formas nominativas latinas "*ego"* e "*tū",* dessa forma, os pronomes do caso reto em português vieram do nominativo latino. Do acusativo "*mē*", "*tē*", "*nos*" e "*uos*", originam as nossas variações pronominais "*me",* "*te", "nos" e "se"*, ou seja, é do acusativo latino que se originam os pronomes átonos. Dos dativos "*Mihī"*, "*tibī"* e *"sibī"*, vêm as nossas variações *"mim*", "*ti*" e "*si*", sendo o dativo responsável pela origem dos pronomes oblíquos tônicos. Morfologicamente, percebe-se que há uma variação entre o tema do nominativo singular e o tema dos outros casos, marcando uma diferença acentuada na composição mórfica dos pronomes. São esses traços distintivos, morfemas e lexemas, constituintes dos pronomes, responsáveis pela função sintática desempenhada por cada pronome nas orações. Ou seja, em latim, a constituição morfológica pronominal é responsável pela função sintática desempenhada por essa classe nas orações.

Assim sendo, na transformação da língua latina para a língua portuguesa, localiza-se a função sintática exercida pelos pronomes da seguinte forma: *ego* (eu) é o nominativo, exerce a função sintática de sujeito; o *meī* (de mim) é o genitivo, exerce a função sintática de adjunto adnominal; o *mē* acusativo exerce a função sintática de objeto direto; o *mihī* (a mim) é o dativo, tem função de objeto indireto. É perceptível a falta do pronome de terceira pessoa ele/ela/eles/elas no quadro acima e na classificação sintática apresentada. Isso se deve, porque em latim há as formas linguísticas para expressar quem fala (1ª pessoa) e com quem se fala (2ª pessoa), todavia as formas linguísticas específicas para se referir acerca de quem se fala (3ª pessoa) não existiam, como já mencionado neste trabalho. Geralmente era a desinência verbal que apontava essa pessoa gramatical.

> [...] a flexão verbal indicava quando o sujeito não era nem o ouvinte nem o falante, e a especificação desse sujeito era feita pelo respectivo nome substantivo ou por um pronome demonstrativo em função do campo mostrativo da comunicação (CÂMARA JR., 1979, p. 91).

Assim, os pronomes demonstrativos exerciam o papel de terceira pessoa pronominal na língua latina e suas formas supriam a lacuna categorial deixada pela ausência de uma construção linguística específica. Dentre as várias formas de pronomes demonstrativos, o pronome *ille* assume a forma de terceira pessoa, segundo Câmara Jr. (1979, p. 93), "(...) na evolução do latim para o português, bem como nas demais línguas românicas, o sistema de pronomes pessoais se ampliou com a emergência de uma série de 3ª pessoa". O autor ainda coloca que o pronome demonstrativo *ille* teve seu valor dêitico enfraquecido, perdendo a propriedade ou a característica de se reportar diretamente ao mundo biossocial que envolvia a comunicação linguística. Em latim há um quadro extenso de pronomes demonstrativos, vários desses eram utilizados para representar o pronome de terceira pessoa, porém apenas o *ille* foi a forma cristalizada em língua portuguesa originando o pronome-sujeito "ele". Aos pronomes portugueses "ele", "ela" e suas flexões ("o", "a", "lhe" etc.) correspondem, em latim, os demonstrativos is, ea, id e ille, illa, illud (RÓNAI, 2006, p. 47)". Abaixo elencamos um quadro de pronomes demonstrativos em latim que são de suma importância para o aparecimento da terceira pessoa no português. O quadro é um recorte de outros quadros pronominais da Ars Latina (2012):

Quadro 02: Pronomes demonstrativos - caso nominativo no latim.

Demonstrativos latinos	**Singular**			**Plural**			
Caso	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro	Correspondente em português
Nominativo	*is*	*ea*	*id*	ii(ei)	Eae	Ea	este, esta, isto (o, a)
	hic	*haec*	*hoc*	Hos	Has	Haec	este, esta, isto (junto de mim)
	ille,	*illa*	*illud*	illi	illae	illa	aquele, aquela, aquilo (junto dele)
	iste	*ista*	*istud*	isti	istae	ista	esse, essa, isso (junto de ti)
	ipse	*ipsa*	*ipsum*	ipsi	ipsae	ipsa	o mesmo, a mesma; ele próprio, ela própria (não outro ou outra)
	idem	*eadem*	*idem*	eidem/ iidem	eaedem	eadem	o mesmo, a mesma (já citado ou citada)

Fonte: Adaptado de Ars Latina (2012).

Assim, os pronomes no paradigma latino apresentam definição conceitual categorial pautada na sintaxe e na morfologia seguindo os casos e as declinações dessa língua. Definir os pronomes apenas como substitutos de outras palavras é replicar diversas abordagens pronominais exercidas e concebidas por diversos gramáticos, principalmente, gramáticos pautados em vertentes mais tradicionais de classificações. Segundo Lopes et al. (2018, p. 26), "O quadro dos pronomes pessoais em português, principalmente na vertente brasileira, é bastante diferente do que se encontrava no latim, no que tange, principalmente, às formas pronominais que passaram a ocupar a posição de sujeito". Reitera Castilho (2016, p. 474):

> Do ponto de vista gramatical, essa classe exibe as propriedades morfológicas de (i) caso; (ii) pessoa e número; (iii) gênero. Morfemas afixais e lexemas distintos expressam essas propriedades. Quanto ao caso, embora o português seja uma língua de caso abstrato, uma subclasse dos pronomes, a dos pessoais, preservou a distinção de casos herdada do latim vulgar, marcando-a através de seus lexemas. É o caso dos itens nominativos (eu, tu, ele, nós), o acusativo (o), os acusativos-dativos (me, te, se, nos), e o dativo (mim, ti, si, lhe).

Entretanto, segundo Castilho (2014, p. 472), "os gramáticos latinos se interessaram mais pela classificação e pelas propriedades morfológicas dessa classe, embora não deixassem de

lado suas propriedades funcionais (...)". Aliás, é na morfologia que o quadro de pronomes latinos mais difere dos pronomes em português. É claro que como o latim não é uma língua, na atualidade, oralmente ativa, não há mais possibilidade de haver um novo processo de gramaticalização das suas formas pronominais, como aconteceu na evolução e na transformação dos pronomes latinos para o paradigma da língua portuguesa. Também é de suma importância ressaltarmos estes aspectos de ordem morfológica e sintática da língua latina, pois um exemplo evidente disso foi a inclusão do pronome de terceira pessoa ele/ela, objeto de análise desta pesquisa, no paradigma latino da língua. A inclusão do pronome de terceira pessoa ele/ela em latim acontece "advindo de um processo de gramaticalização do demonstrativo *ille* que ocorreu ainda no latim imperial (LOPES et al, 2018 p. 26. Grifo do autor) ".

Mesmo hoje, em diversas situações, as abordagens não contemplam dimensões semânticas e discursivas na forma e na classificação pronominal, detendo-se, bastantes vezes, em classificações mais sintáticas, mais morfológicas, menos discursivas e quase sem vertente semântica. No delinear histórico dessa classe, pode-se perceber que alguns vestígios de classificações da classe pronominal permaneceram. Said Ali (2001[1921]), Coutinho (2005 [1938]), Câmara Jr. (2013 [1970]) e Kury (1961) apresentam definições históricas sobre o quadro pronominal português na transição da língua latina para a língua portuguesa.

1.2 A visão histórica da categoria pronominal do português: da gramática histórica até a gramática tradicional

Na transformação do paradigma latino pronominal para o paradigma pronominal do português, Said Ali (2001[1921]) diz que, "pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso". Nota-se que, denotar, referir e considerar o denotado como pessoa do discurso estabelecem três movimentos na construção de um paradigma gramatical ancorado nas dimensões sintática, morfológica e semântica. Não muito distante das definições latinas dessa categoria linguística, Coutinho (2005 [1976]) ressalta em sua *gramática histórica* que os pronomes pessoais são os que mais fielmente guardam os vestígios da declinação latina. Ou seja, na passagem do latim para o português, os pronomes conservaram, até certa medida, características de forma, da função sintática e do sentido, sendo relacionados à pessoa do discurso. Por isso, reitera Said Ali (2001[1921]) que, mesmo na transição do latim para o português, os pronomes, comparados aos nomes, substantivos e adjetivos, é a categoria que mais carregou a estrutura da língua latina com suas propriedades e variações de número, de pessoa e, inclusive, de caso.

Em uma definição seca e carregada de resquícios do latim, Almeida (1965, p. 159) diz que "pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo". Vislumbra-se uma posição categórica na qual temos apenas o pronome como uma referência anafórica, semanticamente vazia, sem nenhum traço dêitico. Kury (1961) diz que os pronomes da língua portuguesa não exprimem qualquer noção intrínseca ou propriedades em relação aos seres, apenas os considera como pessoas do discurso, podendo ser usados em lugar dos substantivos, "indicando o ser apenas em referência à pessoa que fala" (KURY, 1961, p. 69). Nessa concepção, os pronomes não têm propriedades de nomear seres como a classe dos substantivos, ou de qualificar como a classe dos adjetivos. Semanticamente, as propriedades da classe pronominal são vazias de sentido, depende totalmente de elementos linguísticos (anafóricos) ou extralinguísticos (dêixes) para ganharem substância linguística.

Como referentes à pessoa do discurso, Kury (1961) classifica os pronomes em: pessoais, quando indicam uma pessoa do discurso; demonstrativos, quando indicam um ser em referência a uma pessoa do discurso; possessivos, quando indicam o ser como pertencente a uma das pessoas do discurso; interrogativos, considerados também como indefinidos; e relativos.

Quadro 03: Classificação pronominal, segundo Kury (1961).

CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES	SINGULAR	PLURAL
Pessoais retos	Eu, tu, você, o senhor, ele, ela.	Nós, vós – vocês, eles, elas.
Pessoais oblíquos não reflexivos átonos	Me, te, o, a, lhe.	Nos, vos, os, as, lhes.
Pessoais tônicos não reflexivos (precedidos de preposição)	(a) mim - comigo, (a) ti - contigo, (a) você - com você, a ele – com ele.	(a) nós - conosco, (a) vós - convosco, (com) você (s), (a) ele (s) – com eles.
Pessoais tônicos reflexivos	Me, te - (a) ti - contigo, se - (a) si – consigo.	nos, vos.
De tratamento	Tu, você, o senhor, V. Sª, V. Exª, V.A, V.Emª, V. Magnificência, S.Sª, S. Exª, S. M., S.S. etc.	vós.
Possessivos	Meu, teu, seu, e suas	Nosso, vosso.

	flexões.	
Demonstrativo	Este, esta, esse, essa, aquele, aquela, isto, isso, aquilo, o, a -equivalentes a aquela, aquele e aquilo.	Estes, estas, esses, essas, aqueles, aquelas, os, as -equivalentes a aquelas, aquele.
Indefinidos	Alguém, ninguém, outrem, algo, tudo, nada, qualquer um, cada um, qual, cada, certo, que, qualquer, algum, nenhum, outro, muito, pouco, todo, vários.	alguns.
Interrogativos	Que, quem, qual, quanto.	
Relativos	Que, quem, o qual (e flexões), onde (precedido de prep. = que), quanto, como, cujo (e flexões).	

Fonte: Kury (1961).

Macambira (1974) diz que o pronome é um tipo de nome que admite a oposição de pessoas gramaticais. Define-se uma pessoa gramatical em oposição à outra. Do ponto de vista morfológico, os pronomes pessoais de primeira e de segunda pessoa não sofrem flexão de número: "Eu" é primeira pessoa, não apenas por ser a forma que expressa quem está falando, mas morfologicamente por ser oposta a "tu", segunda pessoa. O autor ainda diz que essas formas pronominais não se distinguem por meio de flexões, mas por heteronímia ou supleção[2], ou seja, não se faz o plural com acréscimo de sufixo, nem tão pouco o plural de "eu" é "eus", mas sim, "nós". Outras formas pronominais como "ele", "ela", aceitam o plural através da flexão de número marcada em /s/ "eles" e "elas".

Segundo Said Ali (2001), alguns pronomes são usados ora como substantivos, ora como adjetivos. Por isso, para uma melhor categorização da classe pronominal e, para discerni-los das categorias dos nomes, como os substantivos e os adjetivos, principalmente no que se refere aos seus segmentos morfológico-sintático-semânticos, dividem-se os pronomes em dois segmentos, os pronomes absolutos e os pronomes adjuntos. Pode-se afirmar que, "todo o pronome é ou um substantivo (pronome-substantivo), ou um adjetivo

[2] Segundo Dubois (2014, p. 300), "Em gramática tradicional, chamam-se heterônimas as palavras de raiz diferente, mas que formam juntas uma estrutura semântica. Assim, os nomes de parentesco (mãe, pai, nora, genro, etc.), os nomes de cor (vermelho, verde, amarelo, etc.), os graus militares, etc".

(pronome-adjetivo). [...] diremos que são pronomes absolutos os que fazem vezes de substantivo, e pronomes adjuntos os que se empregam como adjetivo" (M. SAID ALI, 1964, p. 92). Sintaticamente os pronomes pessoais são utilizados como absolutos, tanto no singular como no plural, nas formas de nominativo, acusativo e dativo.

> Dividem-se em pronomes da 1.ª, 2ª. e 3.ª pessoa. *Eu*, pronome da 1.ª pessoa, representa o indivíduo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outras: *eu + tu*; *eu + ele*; *eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2ª. pessoa; *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, são os da 3.ª pessoa. (M. SAID ALI, 2001, p. 74)

Logo, os pronomes pessoais denotam as três pessoas do discurso: a 1ª pessoa se remete ao indivíduo que fala; a 2ª pessoa se remete ao indivíduo com quem se fala; e a 3ª pessoa se remete ao indivíduo de quem se fala ou coisa a que se refere. Segundo Câmara Jr. (2013), o sistema pronominal do português se caracteriza pela noção gramatical de pessoa e em que ela consiste.

> Há um falante – eu, que pode associar a si uma ou mais pessoas – nós, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) – tu, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) – vós. Todos os seres que ficam fora do eixo falante – ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou a terceira pessoa do plural (P6) – ele, com o feminino ela, e eles, com o feminino elas (CÂMARA JR., 2013, p. 117)

Vale salientar, como bem coloca Bechara (1962), que um dos grandes passos na categorização pronominal da língua portuguesa foi dado por Said Ali (2001[1921]), ao introduzir nos estudos gramaticais no Brasil, o conceito de pronome como vocábulo dêitico, dissociando-o da classe dos adjetivos. Said Ali (2001[1921]) leva em consideração a crítica de Sweet à lição de pronome como substituto do nome. Segundo Said Ali (2001[1921], p. 74):

> Por muito sugestivo que seja o termo, não satisfaz, contudo, à ciência da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo. Nada autoriza a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de criar substitutos para esses nomes. Correto me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como *nomes* e *adjetivos gerais*, em oposição aos ordinários nomes e adjetivos especiais, devendo-se advertir que alguns nomes e adjetivos são mais gerais em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quase equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou o *autor* e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou o *leitor*. E tanto é correta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em português antigo era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francês *on* (o qual é a própria palavra

> *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas *o senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O latim *rem*, pela sua aplicação geral, passou a ser pronome em românico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto*?

É perceptível como a classe gramatical dos pronomes amplia seu alcance semântico na perspectiva portuguesa, ganhando, já com Said Ali, traços semânticos e discursivos mais fortes e abrangentes, pois, enquanto elemento dêitico, o pronome não referenda apenas os elementos constitutivos da superfície textual, mas fazem referência à própria situação de enunciação, associando conceitos linguísticos entre um conjunto de palavras a o seu contexto extralinguístico ou situacional.

Dessa forma, os pronomes são classificados em formas retas, quando se posicionam como sujeito da oração e em formas oblíquas (átonas e tônicas), quando exercem a função de complemento. As formas oblíquas tônicas são seguidas de preposição. O pronome oblíquo átono, quando se refere ao próprio sujeito do verbo, é considerado pronome reflexivo. Ainda nesse segmento, o autor faz uma ressalva sobre as formas tônicas empregadas com a preposição *com* ou regidas por ela. Segundo M. Said Ali (2001[1921], p. 75), "dizemos *com ele* na 3.ª pessoa, mas em vez de *com mim*, *com ti*, *com si* etc. temos de dizer *comigo*, *contigo*, *consigo* (outrora *migo*, *tigo*, *sigo*), *conosco*, *convosco"*. Em relação à função sintática de expressões pronominais, o autor diz que "a mim, a ti, a ele, a si, a nós, etc., além de indicarem um objeto indireto, usam-se também para exprimir o objeto direto enfático: viu-me a mim e não a ele; A quem cuidas que venceram os godos? a mim? não por certo, se não a ti" (Bernardes, N. Flor. 5, 206) (M. SAID ALI, 2001[1921], p.76).

Vejamos alguns exemplos retirados de Bechara (2010, p. 20):

[01]: "Queixa-**nos** da fortuna [destino] para desculpar a nossa preguiça" (oblíquo átono).
[02]: "As virtudes se harmonizam, os vícios discordam entre ***si***" (oblíquo tônico).
[03]: "***Eu*** saio" (Pessoal reto).
[04]: "Eu ***me*** vesti rapidamente" (oblíquo átono).
[05]: "Eu ***o*** vi" (oblíquo átono).

Entretanto, uma ressalva se faz necessária no que concerne à formação categorial pronominal da língua portuguesa, principalmente no português brasileiro. Percebem-se diferenças em relação ao quadro pronominal latino, língua na qual o português tem suas bases epistemológicas de origem. Segundo Lopes et al. (2018), pode-se observar uma diferença acentuada "no que tange, principalmente, às formas pronominais que passaram a ocupar a

posição do sujeito" (LOPES et al., 2018, p. 26). E essas formas operavam mais na desinência verbal e, assim, eram marcadas por ela. No caso dos pronomes com funções de complementos (dativo e acusativo), esses sempre se faziam presentes na construção sintática das orações e sempre variavam morfologicamente através das declinações dos casos latinos.

Em relação à afirmação dos gramáticos históricos, no que concerne aos traços que o quadro pronominal do português carrega do latim, é muito importante observar as colocações de Câmara Jr. (1985, p. 96), que nos diz que essa "afirmação é inexata e confunde sistemas de formas inteiramente diversos". Diferentemente dos gramáticos históricos, Câmara Jr. (1985, p. 96) afirma que o sistema pronominal do português está "muito longe do sistema de casos latinos, em que o caso dependia da função do nome ou do pronome na frase". Willians (1994, p. 148) também ressalta que o quadro pronominal do português não pode ser visto como uma cópia fiel dos pronomes latinos, "já que algumas formas de acusativo são usadas como dativo e algumas de nominativo e dativo são usadas como objeto de preposições".

1.3 A categoria pronominal sob o viés tradicional

No que concerne a conceitos e classificações normativas acerca da categoria pronominal, alguns gramáticos brasileiros, como Bechara (2009), Cegalla (2009), Cunha e Cintra (2007) e Rocha Lima (2011), classificam os pronomes como uma classe gramatical variável (em gênero, número e pessoa), podendo substituir os nomes ou fazendo referências a eles.

Rocha Lima (2011) classifica os pronomes da seguinte forma:

> Pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso. *Pessoas do discurso* se chamam o indivíduo que fala, o indivíduo com quem se fala e o indivíduo ou a coisa de que se fala. Os pronomes, vazios de conteúdo semântico, têm significação essencialmente ocasional, determinada pelo conjunto da *situação: eu*, situação da pessoa que fala; *meu*, situação daquilo que pertence à pessoa que fala; *este*, situação de proximidade em relação à pessoa que fala, etc. Classificam-se os pronomes em seis grandes grupos: *pessoais, demonstrativos, relativos, possessivos, indefinidos, interrogativos* (LIMA, 2011, p. 156. Grifos do autor).

Para Cegalla (2009, p. 179), "Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso". Classifica os pronomes em pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos, sendo os pronomes pessoais divididos em retos e oblíquos de acordo com a função que eles exercem nas orações. Para Cegalla (2009), os pronomes retos funcionam, em regra, como sujeito da oração,

enquanto os oblíquos, funcionam como objetos ou complementos.

Outra concepção categorial dos pronomes é exposta por Bechara (2009). O autor chama a atenção para a construção de especificidades substanciais contidas na formação dessa classe gramatical, ao dizer que "o pronome é uma classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto" (BECHARA, 2009, p.138). Ao usar o termo "categoremáticas", o referido autor expõe a necessidade que essa categoria tem em ligar sua "forma" a algum "referente" linguístico ou extralinguístico, para assim ganhar "substância" ou propriedades linguísticas que o remetam a alguma carga de significado, ou seja, os pronomes são uma categoria, primeiramente, de forma sem substância. Dessa maneira, entende-se que a categoria pronominal, por si só, é vazia, apontando, assim, a necessidade de um referenciador linguístico ou extralinguístico para atribuir-lhe propriedades semânticas a partir dos movimentos sintáticos e discursivos. Pode-se dizer que Bechara (2009) propõe um movimento de "forma *versus* referência".

O autor ainda diz que a referência pronominal é feita a um objeto substantivo, considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso, e, dessa maneira, Bechara (2009), em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa,* expõe as pessoas do discurso: a 1.ª pessoa "*eu",* pessoa referenciada ao falante; a 2.ª pessoa "*tu",* pessoa referenciada ao ouvinte; a 3.ª *"ele/ela",* pessoa indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Quanto à função dos pronomes, Bechara (2009) diz que as formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas* funcionam como sujeito e se dizem *retas*[3]. A cada um desses pronomes pessoais retos, corresponde um pronome pessoal oblíquo, funcionando como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Da mesma maneira que Cegalla (2009), e já exposto aqui, Bechara (2009) também diz que os pronomes do caso reto funcionam como sujeito e predicativo, enquanto os oblíquos têm a função sintática de complemento. Azeredo (2018) traz maior clareza quando diz que a classe dos pronomes tradicionalmente chamada de pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: a) pronomes retos – servem às funções de sujeito e predicativo; b) pronomes oblíquos átonos – servem às funções de complemento do verbo (objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial); c) pronomes oblíquos tônicos – servem às funções de complemento precedido de preposição.

[3] Bechara (2009) utiliza "formas retas" para se referir aos pronomes pessoais retos, e "forma oblíqua" para se referir aos pronomes pessoais oblíquos. retas, quando funcionam como sujeito da oração; oblíquas quando empregadas fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Como pode-se observar nos exemplos abaixo de Azeredo (2018, p. 282):

[06]: “Levem-**nas** com você”. (oblíquo átono)
[07]: “comprou para **si**”. (oblíquo tônico)
[08]: “Perguntei-lhe se gostaria de nos acompanhar, mas **ele** não o quis”. (pessoal reto)
[09]: “Você não **os** pode acusar”. (oblíquo átono)
[10]: “Nós não **as** tínhamos convidado”. (oblíquo átono)

Para melhor explanação, apresentamos abaixo um quadro ilustrativo da categoria pronominal de acordo com o exposto por Bechara (2009) em sua Moderna Gramática Portuguesa, remetendo-se aos pronomes pessoais retos e oblíquos.

Quadro 04: quadro dos pronomes pessoais

Pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo				
	Pessoas do discurso	**Retos**	**Oblíquos**	
			Átonos	**Tônicos**
SINGULAR	1ª pessoa	eu	me	mim
	2ª pessoa	tu	te	ti
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe, se	ele, ela, si
PLURAL	1ª pessoa	nós	nos	nós
	2ª pessoa	vós	vos	vós
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si

Fonte: Bechara (2009).

Ainda sob a perspectiva pronominal, segundo Bechara (2009), os átonos vêm desprovidos de preposição, enquanto a forma tônica exige, no português moderno, esta partícula:

[11]: Eu ***o*** vi (pronome oblíquo átono).
[12]: Referiu-se ***a ti*** (pronome oblíquo tônico, presença de preposição).

Sobre a função sintática dos pronomes pessoais, Lima (2011) pontua que os do caso *reto* ou *subjetivos* funcionam como “sujeitos” nas orações. Os *oblíquos* ou *objetivos* têm

função sintática de complemento verbal. Com relação à forma, os pronomes objetivos ou oblíquos dividem-se em átonos e tônicos "as primeiras são partículas inacentuadas, que se colocam antes ou depois do verbo, como se fossem uma sílaba a mais desse verbo; as segundas vêm sempre regidas de preposição" (LIMA, 2011, p.157). No que se refere ao emprego de alguns pronomes, Lima (2011) aponta as formas *o, a, os, as* empregadas em substituição a um substantivo que, sem vir precedido de preposição, completa o regime de um verbo, apresentando os seguintes exemplos para explanar sua colocação:

[13]: Vi o menino (vi-**o**).
[14]: Não escrevi *as cartas* (não ***as*** escrevi).

O referido autor expõe as formas átonas *lhe/lhes* como representantes de substantivos regidos das preposições *a* ou *para*. Para exemplificar, Lima (2011, p.158), apresenta as seguintes orações:

[15]: Dei o livro ***ao menino*** (ou dei-**lhe** o livro).
[16]: Os reis magos levaram ouro, incenso e mirra ***para Jesus*** (ou — os reis magos levaram-***lhe*** ouro, incenso e mirra).

O quadro 05, abaixo, apresenta os pronomes pessoais do caso reto e os oblíquos em suas funções sintáticas. O referido quadro foi construído a partir da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* de Lima (2011).

Quadro 05: Função dos pronomes pessoais

PRONOMES PESSOAIS		
FORMAS RETAS OU SUBJETIVAS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
Função sintática de sujeito/predicativo	Átonos Objetivas direta	Tônicos Objetivas indiretas
1ª pessoa: eu	*Me*	*Mim*
2ª pessoa: tu/você	*Te, lhe (a você)*	*Ti, você*
3ª pessoa: ele/ela	*o, a, lhe (a ele, a ela)* *se* (singular e plural, exclusivamente reflexivo)	*Ele, ela, si*
1ª pessoa: nós	*Nos*	*Nós*

2ª pessoa: vós/vocês	*Vos, os, as, se*	*Vós, vocês*
3ª pessoa: eles/elas	*os, as, lhes (a eles, a elas) se* (singular e plural, exclusivamente reflexivo)	*Eles, elas, si*

Fonte: Lima (2011).

Cunha e Cintra (2008) reforçam a divisão dos pronomes pessoais em retos ou oblíquos, ressaltando uma separação categórica a partir da função exercida por eles nas orações. Os retos funcionam como sujeito da oração; enquanto os oblíquos são empregados fundamentalmente como objeto (direto ou indireto). Além disso, caracterizam os pronomes por denotarem as três pessoas gramaticais, com capacidade de indicarem cada uma dessas pessoas no colóquio:

a) quem fala = 1ª pessoa: eu (singular), nós (plural);

b) com quem se fala = 2ª pessoa: tu (singular), vós (plural);

c) de quem se fala = 3ª pessoa: ele, ela (singular); eles, elas (plural)

Acerca da acentuação, Cunha e Cintra (2008) classificam os pronomes em formas átonas e tônicas. Na 3ª pessoa, os pronomes podem apresentar uma forma nominal anteriormente expressa, variando de forma de acordo com a função que desempenham na oração e segundo a acentuação que nela recebam.

De acordo com os gramáticos pesquisados neste item, é perceptível a equidade em torno da definição do conceito de pronome. Não se pode afirmar que todos categorizam os pronomes homogeneamente, porém percebe-se um princípio de paráfrase presente em todos os direcionamentos atribuídos à classe pronominal exposta pelos autores. É notória, também, a concepção de língua como objeto estático, cristalizado e homogêneo, utilizada por cada autor para categorizar e classificar os pronomes em todas as gramáticas consultadas nesta pesquisa. Esses fatores citados demonstram que a concepção gramatical tradicional de abordagem da classe dos pronomes é conceitual, apresenta classificações e funções prescritivas, um direcionamento de uma língua estruturalmente virtual, de análises sistêmicas, sem considerar fatores discursivos e pragmáticos. Assim, os pontos convergentes entre os diversos conceitos são:

a) os pronomes substituem os nomes ou fazem referência a eles;
b) representam as três pessoas do "discurso", ou do "colóquio", variando em gênero, número e pessoa;
c) os pronomes pessoais são divididos em formas retas e oblíquas;
d) as formas retas exercem função de sujeito e as oblíquas de complemento;
e) quando se expõe as funções sintáticas dos pronomes retos e oblíquos, diz-se que o

primeiro atua como sujeito e o segundo, como complemento.

Ou seja, há um consenso entre definição, classificação e função sintática entre todos os gramáticos analisados nesse item acerca do quadro pronominal do português brasileiro. Apenas em Cunha e Cintra (2007), encontramos uma ressalva em relação à função sintática dos pronomes retos de 3ª pessoa, especificamente sobre a função objetiva deles:

> Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo: vi ele. Encontrei ela(s). Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritos portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 288).

Embora Cunha e Cintra (2007) citem a possível construção linguística em que os pronomes pessoais retos exercem uma função de complemento verbal "*vi ele*", ocupando um lugar que, de acordo com a gramática tradicional seria de um pronome oblíquo átono "*o vi*", há uma mudança no papel sintático exercido por este pronome reto. É evidente a função sintática de objeto direto exercida pelo pronome "*ele*" na oração citada acima, ocupando uma posição pós-verbal de complemento oracional, e não ocupando uma posição pré-verbal, sintaticamente, prevista pela gramática tradicional, de sujeito (nominativo), exercendo uma posição agentiva na oração. Entretanto, Cunha e Cintra (2007) atrelam essa ocorrência a fatores de ordem linguística de desvio de norma, ou seja, de colocação sintática inadequada no uso dos pronomes pessoais. Assim, construções como as supracitadas devem ser evitadas na visão dos gramáticos, mesmo tendo raízes no português arcaico.

O que se percebe em todas as construções sintáticas envolvendo a categoria pronominal de cunho tradicional são posições cristalizadas e delimitadas por uma perspectiva de língua estática e fixa, na qual não se leva em consideração a construção de uma gramática pautada no uso que envolva elementos linguísticos e extralinguísticos. No viés tradicional, a língua é um sistema preso em uma estrutura fixa sem interferência de fatores externos; um código virtual e totalmente fechado. Portanto, essas concepções categóricas pronominais seguem a descrição de uma língua mecânica e engessada.

Sobre os pronomes, Bechara (2009) diz que "é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto". O autor refere-se aos pronomes pessoais como aqueles que designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não eu, não tu), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa. Assim, as formas pessoais *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles* e *elas* funcionam,

sintaticamente, como sujeito e se classificam como formas do caso reto. A cada uma dessas formas de pronomes retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que, segundo o autor, funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. As tônicas sempre são acompanhadas por preposições.

De modo geral, os pronomes pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles* e *elas*), em uma visão tradicional, são colocados como uma categoria morfologicamente variável (singular e plural/masculino e feminino) e sintaticamente definida por exercer as funções de "sujeito" e de "predicativo" das orações. Além disso, representaram as pessoas do discurso, ou são indicados como possibilidade de substituição para os nomes em um movimento de retomar referentes, ou até mesmo de inserir um referente na construção textual. No caso dos pronomes de terceira pessoa do caso reto, "ele e ela/eles e elas", observa-se da seguinte forma:

[17] Eu não sou **ele**.
("Eu" função de sujeito/"ele" predicativo do sujeito)
[18] Golfinhos são animais inteligentes; mas, segundo biólogos, **eles** podem também ser muito violentos.
("*eles*" - função de sujeito/índice anafórico do substantivo "golfinho")

Assim, os pronomes de 3ª pessoa do caso reto têm a função sintática definida segundo a classificação elencada nos exemplos acima, na forma de "sujeito" ou de "predicativo do sujeito". Porém, Bechara (1928[2014]) chama a atenção para o uso do "ele" como objeto direto, ressaltando que não se usa essa construção no português padrão moderno:

[19] Eu o vi (e eu vi ele).

Entretanto, nessas construções há uma alternância, ou flutuação, entre usos pronominais, como na opção do "ele" para assumir determinadas funções sintáticas tradicionalmente ocupadas por um pronome átono, como a posição de complemento verbal, em determinados posicionamentos pós-verbais e não pré-verbais. É o que se verifica nos exemplos a seguir:

[20]I: aí outro dia eu estava com o meu namorado... na padaria ali... da rua do Brizolão... **eu vi ele** parado assim conversando com os colegas... (D & G, p.2)

[21]I: eh... eu/ a minha colega me contou... que... a mãe dela estava... estava indo pro... pro açougue... aí... ela foi no açougue... quando voltou do açougue já tinha dois caras **esperando ela** ali na esquina... mas não foi aqui não... **esperando ela** na esquina... aí quando ela voltou... o cara... ro/ainda roubou a carne... ainda **roubou ela**... e que/ e... deu um tiro no... no peito dela... (D & G, p.2)

Nessas ocorrências, situações comunicativas de uso verbal, o pronome "*ele/ela*" participa de todas as ações verbais na posição de complemento verbal (objeto), assumindo, dessa maneira, uma posição acusativa nas orações, um típico lugar de pronome átono, o que na enunciação traz consequências sintático-discursivas e semântico-pragmáticas no ato da codificação do evento comunicativo. Essas consequências são devidas às escolhas realizadas pelo usuário da língua no momento efetivo do ato comunicativo oriundos da posição sintática assumida pelo pronome na enunciação. Dessa forma, observa-se que os pronomes retos de terceira pessoa flutuam de uma construção tradicional nominativa (sujeito), na qual ele é agentivo, para uma posição acusativa (objeto direto), se colocando como complemento verbal.

1.4 A categoria pronominal sob o viés funcional

Como nosso objeto de pesquisa é o pronome pessoal do caso reto de terceira pessoa *ele, ela, eles, elas* e as funções sintático-discursivas assumidas por eles em posicionamentos oracionais variados e nossa base teórica é a Linguística Funcional Clássica, concebendo a língua como instrumento de comunicação e a gramática como emergente das situações efetivas de comunicação, buscamos analisar se há consequências sintático-discursivas no movimento de colocação e uso desses pronomes retos de terceira pessoa em relação à função assumida nas orações quando usados em posições sintáticas de complemento verbal (acusativo).

Geralmente, nas funções sintáticas assumidas por pronomes, as colocações pós-verbais são lugares tipicamente preenchidos por pronomes átonos ou tônicos, já que é uma posição objetiva da oração. Tal posição sintática está em desacordo com a prescrição das Gramáticas Tradicionais (Doravante GT), analisadas aqui, que, como citado neste trabalho, define e classifica o pronome pessoal do caso reto como uma categoria morfologicamente variável (singular e plural/masculino e feminino), sintaticamente definida por exercer as funções de "sujeito" e de "predicativo" das orações, semanticamente por representarem as pessoas do discurso. Além disso, é indicada como possibilidade de substituição para os nomes em um movimento de retomar referentes, ou até mesmo de inserir um referente na construção textual, propriedades anafóricas e catafóricas. Nos exemplos abaixo, os Ex22 e Ex23 já mencionados

neste estudo, pode-se observar a mudança de posicionamento e, consequentemente, de função sintática do pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto em posição acusativo, como também alguns exemplos de posicionamento sintático do mesmo pronome defendido pela GT.

Exemplos da classificação sintática de colocação e função do pronome reto de terceira pessoa prescrito pela GT:

[22]: ***Eu*** não sou ***ele***.

("***Eu***" função de sujeito/"***ele***" predicativo do sujeito)

[23]: Golfinhos são animais inteligentes; mas, segundo biólogos, ***eles*** podem também ser muito violentos.

("***eles***" - função de sujeito/índice anafórico do substantivo "golfinho")

Exemplos funcionais do uso do pronome reto de terceira pessoa:

[24]: (04) I: aí outro dia eu estava com o meu namorado... na padaria ali... da rua do Brizolão... **eu vi ele** parado assim conversando com os colegas... (D & G, NATAL, p.2)

[25]: (05) I: eh... eu/ a minha colega me contou... que... a mãe dela estava... estava indo pro... pro açougue... aí... ela foi no açougue... quando voltou do açougue já tinha dois caras **esperando ela** ali na esquina... mas não foi aqui não... **esperando ela** na esquina... aí quando ela voltou... o cara... ro/ ainda roubou a carne... ainda **roubou ela**... e que/ e... deu um tiro no... no peito dela... (D & G, NATAL, p.2)

Nos exemplos [22] e [23], apresentados pela GT, é evidente a posição pré-verbal do pronome, sendo classificado como "sujeito", e, quando o pronome reto de terceira pessoa aparece em posição pós-verbal, é classificado como "predicativo do sujeito", sendo esta ocorrência com verbos de ligação, em orações que expressam condição, estado ou localização.

Os exemplos [24] e [25] são ocorrências de uso verbal efetivo da língua. O pronome "*ele/ela*" participa de todas as ações verbais na posição de complemento verbal (objeto), em posição acusativa nas orações, preenchendo uma posição oracional e exercendo função sintática de pronomes átonos, acarretando consequências sintático-discursivas e semântico-pragmáticas no ato da codificação do evento enunciativo. Essas consequências ocorrem devido às escolhas lexicais e categóricas realizadas pelo usuário da língua durante o ato comunicativo oriundas de pressões discursivas e da posição sintática assumida pelo pronome na enunciação. Dessa maneira, é perceptível observar que o pronome reto de 3ª pessoa flutua de uma construção tradicional nominativa (sujeito), na qual ele é agentivo, acusativa (objeto direto), se colocando como complemento verbal.

Assim, já é perceptível a existência de uma tendência de mudança sintática na função assumida pelo pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto em decorrência do seu

posicionamento. Chamamos esse processo de flutuação pronominal. Como estamos relacionando a flutuação pronominal ao âmbito da função exercida por um pronome, consideramos, neste trabalho, esse fenômeno um movimento relacionado às funções que as formas linguísticas exercem nas orações em decorrência do uso.

Para melhor embasamento teórico e clareza do nosso objeto de estudo, buscamos observar algumas pesquisas sobre a categoria pronominal do português brasileiro sob a vertente teórica da linguística funcional, especificamente em pesquisas atuais. Nesse sentido, colocaremos em discussão os seguintes trabalhos: Matos (2008), Vanderlei (2014) e Queiroz (2016), já que essas pesquisas abordam e apresentam propostas e estudos linguísticos do período acima citado. Além disso, os estudos elencados trazem concepções de alguns gramáticos e linguistas do século XX, sobre questões como o uso, a classificação e vários conceitos acerca da categoria pronominal. Assim, poderemos trabalhar com pesquisas atuais, delimitando o objeto teórico da análise de forma mais palpável, visto esses estudos já sinalizarem resultados que apontam mudanças sintáticas e discursivas de alguns pronomes do quadro pronominal do português brasileiro. Esse fator citado anteriormente fortalece nossa análise em torno do nosso objeto de estudo, "o pronome pessoal de terceira pessoa", proporcionando uma análise mais tangenciada de bons resultados.

A seguir, breve comentário acerca desses trabalhos.

Matos (2008): *"Perspectiva gramatical e discursiva no uso do pronome lhe*"

Em sua pesquisa intitulada a *"Perspectiva gramatical e discursiva no uso do pronome lhe*", Matos (2008) analisa as funções sintáticas do pronome *lhe*, tendo como base teórica algumas categorias e princípios da Linguística Funcional Clássica, como as noções de: prototipicidade, marcação e transitividade oracional; já que, para esse tipo de análise essas categorias e princípios da Linguística Funcional Clássica apresentam noções essenciais e fundamentais para uma análise em perspectiva discursiva do pronome *lhe* e, dessa maneira, possibilitam e fornecem subsídios teóricos para uma abordagem de um estudo discursivo do pronome estudado. Como temos a intenção de realizar uma análise dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa levando em consideração o comportamento linguístico prototípico dessa categoria gramatical, suas ocorrências textual-discursivas oriundas do uso, o princípio de prototipicidade também nos será essencial.

Em seu trabalho sobre o pronome *lhe*, Matos (2008) realiza um levantamento sobre a noção de transitividade verbal adotada por gramáticos do século XX e XXI, buscando

comparar e discutir os pressupostos teóricos da gramática tradicional sobre regência verbal, pois apresenta a regência "como termo equivalente à transitividade". A discussão apresentada pelo referido autor neste ponto de seu trabalho é a observação da formação do complemento verbal (objeto direto e indireto), que são elementos essenciais para a movimentação sintática do pronome *lhe*.

Em seguida, Matos (2008) regressa à língua latina e a textos do português arcaico, especificamente do final do século XVIII e final do século XIX, para construir de forma histórica a trajetória do pronome *lhe*, que tem sua origem no quadro pronominal do latim, perpassando pelo português arcaico, até chegar ao quadro pronominal do português.

Despois de estudar o *lhe* sob o olhar da gramática tradicional, Matos (2008) apresenta os pressupostos teóricos da Linguística Funcional utilizados como subsídios para a fundamentação teórica da pesquisa. O autor desenvolve sua pesquisa utilizando uma linha mais atenuada da Linguística Funcional que admite a linguagem como sistema de interação social sem desprezar as observações formais e encarando-as em bases funcionais. É uma linha menos radical de estudos funcionais que, segundo Matos (2008), atende os propósitos de sua pesquisa, pois é capaz de admitir a concomitância do estudo das categorias sintáticas realizadas pelo pronome *lhe* e os planos do discurso dos textos em que o pronome *lhe* se apresenta.

Para atingir o propósito apresentado acima, Matos (2008) começa por uma análise da prototipicidade do pronome *lhe*, buscando na frequência sintática, das ocorrências do referido pronome, um tipo de parâmetro para apontar uma estrutura prototípica de uso. No caso em estudo, a função sintática do pronome *lhe* que ocorre com maior frequência é a de objeto indireto. Para analisar outras funções sintáticas apresentadas pelo pronome estudado, como as de objeto direto, complemento nominal e adjunto adnominal, foi utilizado o princípio da marcação. Constatou-se que essas outras funções sintáticas exercidas pelo pronome *lhe* têm um nível de ocorrência com expressividade menor em comparação ao *lhe* prototípico. Assim sendo, Matos (2008) ressaltou que, diante das associações dessas funções sintáticas e dos critérios de marcação (complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva), algumas funções sintáticas são não-marcadas ou mais prototípicas.

Como a proposta de Matos (2008) é a perspectiva discursiva do pronome *lhe*, analisar apenas as funções sintáticas prototípicas era insuficiente, por isso, o princípio de transitividade oracional foi abordado no intuito de observar a oração em sua realização plena (participantes, eventos e verbos), buscando estabelecer uma escalaridade oracional dentro da perspectiva discursiva do que é mais transitivo ou menos transitivo. Nesse segmento, os

fundamentos de Hopper e Thompson (1980), os 10 critérios que possibilitam verificar a participação de uma determinada categoria, foram essenciais para determinar em que ambiente discursivo, de baixa ou de alta transitividade, desenvolvem-se as ocorrências do pronome *lhe* no corpus em análise.

É nessa perspectiva citada acima que Matos (2008) verifica os planos discursivos de figura e fundo, a partir do grau de transitividade oracional do pronome *lhe* nos textos em análise. O autor apresenta a função sintático-discursiva desse pronome em termos mais centrais (figura) ou mais periféricos (fundo).

Em sua pesquisa, Matos (2008) utilizou como *corpora* livros didáticos nos quais teve como objetivo compreender as funções sintáticas do pronome *lhe* e os parâmetros de sustentação da concepção teórica de transitividade verbal. Em seguida, utilizou os *corpora* do CETEMPúblico (Corpus de Estractos de Textos Electrónicos MCT/Público) e CETEM Nilc S. Carlos, e o *corpus* do Grupo D&G (Discurso e Gramática – A língua falada e escrita). O intuito foi partir desses bancos de dados, uma seleção de diversas orações das narrativas que compõem os *corpora*, as quais demonstrassem as diferentes funções sintáticas do pronome *lhe* e as relacionasse com os dez critérios estabelecidos por Hopper e Thompson (1980) para aferir o grau de transitividade oracional.

Os resultados obtidos por Matos (2008) mostram que o pronome *lhe*, quando exerce a sua função mais prototípica de objeto indireto apresenta uma variação de média a muito alta transitividade, estando localizado em um contexto de uso escrito da língua apontando para o plano de figura. O pronome *lhe* como adjunto adnominal exerce uma variação de média a baixa transitividade, ficando mais para o plano de fundo do que para o plano de figura, e o pronome *lhe*, enquanto complemento nominal, está presente em ambientes discursivos de baixa transitividade, estando ligado ao plano de fundo.

Diante do exposto, podemos constatar que o estudo de Matos (2008) nos apresenta caminhos para uma análise das funções sintático-discursivas de usos do pronome *lhe*, que parte da verificação de conceitos e parâmetros contidos nas abordagens da Gramática Tradicional, perpassa um estudo historiográfico, chegando a análises desse pronome numa vertente da Linguística Funcional. Pretendemos utilizar um percurso semelhante em nossa pesquisa, partindo da conceituação histórica do pronome de terceira pessoa do caso reto ele, ela, eles, elas, passando pelo parâmetro histórico de sua origem latina, até chegarmos à abordagem da Linguística Funcional Clássica, observando as ocorrências relacionadas à função (+) ou (-) prototípica do nosso objeto de estudo. Portando, a pesquisa de Matos (2008) se faz de grande relevância para o caminhar e o desenvolvimento da nossa proposta já exposta

aqui.

Vanderlei (2014): *Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te*

Vanderlei (2014), em sua pesquisa "*Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te*", nos traz uma investigação sobre esses pronomes oblíquos átonos, trabalhando com os princípios e com as categorias da Linguística Funcional, especificamente com os conceitos de prototipicidade e transitividade oracional (HOPPER; THOMPSON, 1980), em uma vertente discursiva de análise dos pronomes.

A autora começa seu estudo acerca dos pronomes supracitados realizando, assim como Matos (2008), um percurso historiográfico que versa sobre a origem dos pronomes átonos *o(s), a(s), me, te*. Uma análise dessa categoria pronominal começando com a origem dessa classe no latim, até a fixação dessas formas pronominais ao quadro pronominal do português. Vanderlei (2014) aponta a uniformização do quadro gramatical dos pronomes realizado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959 (NGB).

Para contemplar seu objeto de estudo sobre os pronomes átonos *o(s), a(s), me, te*, Vanderlei (2014) realiza uma investigação centrada desde a análise sintática tradicionalista, em manuais de gramática tradicional, seguindo até uma abordagem discursiva, que, como já citado, utiliza os fundamentos teóricos da Linguística Funcional. Nesse segmento, a autora mostra que a análise sintática pautada nas prescrições tradicionais das abordagens normativas não concebe um estudo que garanta uma ampla noção das funções sintáticas da categorial gramatical em estudo, pois, em uma abordagem sintática mais formal dos pronomes átonos apresentados acima, não considera os elementos extralinguísticos das situações discursivas proporcionadas pelo uso, mas analisa-os de forma isolada.

Vanderlei (2014), apresentando as funções sintáticas dos pronomes *o(s), a(s), me, te*, de complemento verbal (objeto direto e objeto indireto), pautando essa análise nos pressupostos teóricos da abordagem tradicionalista das gramáticas estudadas, levanta hipóteses de haver uma possibilidade dessas funções sintáticas serem confirmadas como prototípicas dessa categoria pronominal. Por isso, a prototipicidade, transitividade e relevância discursiva são princípios pelos quais a pesquisa adentra, como pressuposto de que seja possível a análise dos usos das formas linguísticas em contextos sociais.

Para confirmar as funções sintáticas de complemento verbal (objeto direto e objeto

indireto) exercidas pelos pronomes *o(s), a(s), me, te,* admitidas como prototípicas, Vanderlei (2014) analisou as funções sintáticas exercidas por essa categoria pronominal dentro das orações selecionadas em seu *corpus* de análise. Ampliando a análise, a autora buscou mais dois princípios da Linguística Funcional, o de transitividade oracional e o de função textual ou relevância discursiva.

O princípio da transitividade oracional, sob o viés teórico da Linguística Funcional, possibilita à autora realizar uma análise que vai além da simples categorização verbal nas orações em conceitos gramaticais de transitivos e intransitivos. Esse princípio observa os componentes linguísticos formadores das orações considerando todo o contexto comunicativo da língua em uso efetivo. Assim, a transitividade oracional permite uma análise sintático-discursiva envolvendo fatores linguísticos e extralinguísticos expressos nas orações, uma análise que não se limita apenas a descrever elementos componentes e suas funções sintáticas, mas vai muito além disso.

Vanderlei (2014) utilizou o *corpus* de pesquisa constituído de contos narrados por Luzia Teresa, integrantes de parte do acervo Núcleo de Documentação Popular (NUPPO). A título de esclarecimento e, de acordo com a própria autora:

> O NUPPO é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, tem sua sede no térreo da Reitoria, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa, e é coordenado pela professora Beliza Aurea. Os livros de contos populares narrados por Luzia Tereza dos Santos são compostos por três Volumes: 1995, 2001, 2007 que resultam em 236 histórias narradas. Luiza Tereza apresenta uma marca de contos narrados, até então não superada. Os textos foram narrados entre 1977 e 1983 (VANDERLEI, 2014, p. 36).

No *corpus* Vanderlei (2014) observou as funções sintáticas exercidas pelos pronomes *o(s), a(s), me, te*, buscando na regularidade da frequência a função prototípica dessa categoria. Como a autora quer observar as funções discursiva-textuais dos pronomes supracitados, o referido *corpus* utilizado no estudo favorece a análise da transitividade oracional, visto que, nas narrativas, as orações tendem a ter um grau maior de transitividade na escalaridade que infere o nível de transitividade, se mais transitiva ou menos transitiva. Nesse sentido, Vanderlei (2014) aponta para o fato de que, em orações com um grau maior de transitividade, há uma tendência maior à noção de figura, já que apresentam relevância discursiva mais para figura do que para o fundo.

Durante a análise do *corpus*, Vanderlei (2014) coletou e elencou todas as orações que detinham os pronomes átonos *o(s), a(s), me, te,* encontradas nas narrativas. No decorrer da coleta, houve a observação das funções sintáticas exercidas pelos pronomes citados acima,

assim como, através da regularidade das ocorrências sintáticas de cada pronome, houve a definição da noção de prototipicidade de cada pronome, para só então serem comparados os pronomes e suas funções, seguido da análise do grau de transitividade nas orações selecionadas.

Após a aferição da prototipicidade dos pronomes átonos analisados por Vanderlei (2014), o pronome *me* foi o que mais apareceu durante a coleta dessa categoria de análise da Linguística Funcional. Partindo dessa premissa, a autora fez um recorte das orações nas quais esse pronome apareceu, já que ele foi o pronome mais presente nos usos em relação aos outros o(s), a(s), te.

Vanderlei (2014) tomou como base teórica da Linguística Funcional os dez parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980): participantes, cinese, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do objeto e individuação do objeto. São esses elementos constitutivos da gradiência que permitem à pesquisadora construir, através da análise, uma escalaridade de mais transitivo ou menos transitivo e, assim, contemplar o contexto discursivo das realizações oracionais e seus envolvidos, dentro de uma perspectiva de análise considerando a compreensão do texto em sua plenitude (participantes, eventos e verbos). Nesse segmento, a autora realizou um recorte de vinte ocorrências do pronome *me*. E, em dez dessas ocorrências, o pronome referido funciona como objeto direto e, nas outras dez, o pronome funciona como objeto indireto.

Vale ressaltar que, na análise do pronome *me*, Vanderlei (2014) utilizou uma "tabela gradiente de transitividade", proposta por Matos (2008) construída a partir dos dez critérios de Hopper e Thompson (1980). Todas as análises são realizadas com a tabela gradiente citada e, utilizando esse instrumento de aferição da transitividade oracional, Vanderlei (2014) constatou que o pronome *me,* atuando como objeto direto e como objeto indireto, tende a se colocar mais na compatibilidade da noção de figura do que com a noção de fundo nos contextos linguísticos de uso, assim estando o pronome *me* localizado na parte da informação mais relevante do texto narrativo analisado na pesquisa referida. Em todas as ocorrências registradas pela autora, observou-se um grau de média a alta transitividade na maioria dos critérios elencados na tabela.

Vanderlei (2014) concluiu que o pronome *me* é mais prototípico em termos de frequência, quando exerce a função sintática de objeto direto. Dessa forma, concluiu-se que este uso, *me* como objeto direto, é o mais regular na língua. Logo, pretendemos utilizar os caminhos adotados por Vanderlei (2014), acerca da identificação dos usos prototípicos do

pronome de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas,* sob a perspectiva de função sintática exercida por essa categoria nas orações em que ele aparece no nosso *corpus*.

Entretanto, o que nos chama a atenção, é o registro do pronome de terceira pessoa do caso reto em função acusativa citado pela autora em sua pesquisa, já que Vanderlei propôs uma reflexão textual-discursiva dos pronomes *o(s), a(s), me, te*, realizando um recorte do *me*, como exposto acima, visto seu maior número de ocorrências. Na separação dos outros pronomes estudados pela autora, outro segmento da pesquisa nos chama à atenção, além da prototipicidade citada, é a questão dos pronomes átonos *o(s), a(s)*. Como o corpus utilizado por Vanderlei (2014) são narrativas orais transcritas, preservando-se as marcas da oralidade, uma dessas marcas Vanderlei (2014) atribui ao uso do pronome de terceira pessoa do caso reto ele, ela, eles, elas no lugar do *o(s)* ou *a(s)*.

Sobre os usos dos pronomes pessoais com função acusativa, Vanderlei (2014), sucintamente, diz que existe uma tendência no português falado de se evitar o uso dos pronomes oblíquos *o(s)* e *a(s)*. Para confirmar essa hipótese, a autora cita Monteiro (1994, p. 87), "o objeto direto anafórico em português é, além disso, e com mais frequência, expresso pelas formas do caso reto ele(s) e ela(s), com mais tática de fuga dos clíticos o(s) e a(s)".

Em Matos (2008), nos estudos acerca da *"Perspectiva gramatical e discursiva no uso do pronome lhe*", como já colocado no tópico anterior, há um movimento sintático-discursivo do pronome lhe assumindo a função de acusativo (objeto direto) e não de dativo (objeto indireto). Não nos cabe definir se essas ocorrências também se enquadram no que chamamos de flutuação pronominal, mas percebemos que seguem o nosso escopo teórico de que a mesma forma linguística pode desenvolver duas, ou até mais, funções nas orações em perspectiva discursiva. Matos (2008) sinaliza que "o usuário da língua faz as escolhas que considera mais eficientes para obter comunicação, mesmo que isso contradiga a gramática tradicional".

Vanderlei (2014), ainda justifica a colocação dos pronomes pessoais do caso reto *ele, eles, ela, elas* na posição de acusativo assumindo o lugar do clítico, citando Calles (2006), ao dizer que o emprego do ele acusativo em substituição ao clítico na língua escrita não é usual. Entretanto, na língua falada, a autora afirma que o mesmo recurso vem sendo usado cada vez mais, sem estranhamentos ou reprovações causadas por outros tipos de desvios vinculados (VANDERLEI, 2014, p. 39). Nesse sentido, a autora apresenta a substituição do pronome clítico pelos pronomes do caso reto como sendo uma ocorrência linguística ligada à oralidade, pois nessa modalidade há uma naturalidade no uso da língua, o que consideramos em nossa pesquisa o uso fluido da língua, o discurso, o lugar do funcionamento das categorias

linguísticas, uma vez que a gramática funcional surge do uso da língua na simbiose de elementos linguísticos e extralinguísticos.

Em relação à troca pronominal da forma átona *o(s), a(s)* pelos pronomes do caso reto *ele, eles, ela, elas*, na escrita, Vanderlei (2014) está em consonância com Calles (2006) a quem a autora faz referência em seu estudo citado e analisado aqui. Segundo Calles (Apud Vanderlei, 2014) a escrita, em textos formais, os pronomes do caso reto em substituição ao clítico não é produtiva, a não ser em textos que refletem a fala, como em textos literários, piadas, tirinhas etc. Logo, Vanderlei (2014) atribui a ocorrência do uso dos pronomes pessoais retos na função sintática de acusativo, em posição pós-verbal, o que nossa pesquisa chama de flutuação pronominal, como sendo uso mais frequente, ou até mesmo exclusivo, da modalidade oral da língua, visto os textos escritos por Luzia Tereza. Ainda devido a este fato a autora ressalta que só encontrou apenas dois pronomes oblíquos *o* em todo o *corpus* de análise.

Mesmo não constituindo o objeto de estudo de Vanderlei (2014), a autora buscou nas histórias narradas por Luzia Tereza, o uso dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa *ele, eles, ela, elas*, na função de acusativo (objeto direto), sintaticamente em uma posição pós-verbal, discursivamente em situação acusativa, no lugar dos clíticos *o(s)* ou *a(s)*. Em seu levantamento sobre os casos de ele/ela acusativo, a autora encontrou um número de ocorrências distribuído conforme quadro apresentado em Vanderlei (2014), exposto abaixo:

Quadro 06: Distribuição quantitativa de ocorrências de ele/ela acusativos

Casos de ele/ela acusativo	**Ocorrências por Volume**			**Total**
	Vol. I	Vol. II	Vol. III[4]	
	47	130	32	209

Fonte: Vandelei (2014).

Vanderlei (2014) identificou 209 ocorrências de casos de *ele, ela, eles, elas,* acusativos, um número considerável desse fenômeno linguístico. A autora utiliza esse dado para justificar a ausência dos pronomes átonos (críticos) *o(s), a(s)* nas narrativas, já que foram substituídos por pronomes do caso reto de terceira pessoa, reforçando o fenômeno como algo ocorrente da oralidade.

> (...) embora os textos sejam escritos; ou seja, verifica-se que há indícios de oralidade perceptíveis no vocabulário dessas narrativas analisadas, e que essas marcas orais

[4] Volume I, II e III referem-se as narrativas de Luzia Tereza divididas em três obras escritas.

> são destacadas de forma diferente justamente por não fazerem parte da língua escrita e por estarem ali como reforço da oralidade da narradora (VANDERLEI, 2014, p. 40).

Por fim, em sua pesquisa, Vanderlei (2014) já sinaliza o fenômeno linguístico proposto por nosso estudo, já que temos como objetivo analisar se há consequências sintático-discursivas na flutuação do pronome de 3ª pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. No entanto, a autora descreve a colocação do pronome pessoal reto como sendo um possível substituto dos pronomes átonos críticos *o(s), a(s),* uso este, para a autora, predominante da modalidade oral da língua. Nessa assunção, essa parte do trabalho de Vanderlei (2014) tem uma relevância significativa para nossa pesquisa por apontar o nosso objeto de estudo "o pronome de terceira pessoa do caso reto em função acusativa". Assim, é nessa direção que pretendemos pautar nossa análise, porém utilizando outras categorias analíticas da Linguística Funcional Clássica como a mudança linguística, visto que acreditamos que uma forma desempenhando duas ou mais funções é um fenômeno, não apenas ligado a uma modalidade linguística, mas a fatores cognitivos, discursivos e pragmáticos.

QUEIROZ (2016): *Os usos dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa: um estudo a partir da linguística funcional centrada no uso*

Em seu estudo "*Os usos dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa: um estudo a partir da linguística funcional centrada no uso",* Queiroz (2016) se propõe a analisar o uso dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa (*ele, ela, eles, elas*) em função objetiva, nas produções textuais dos alunos do 6º, 7º, 8º e 9º anos, do Ensino fundamental II. A pesquisa citada tem como propósito perceber se esses pronomes variam da função subjetiva para a objetiva e com que frequência isso ocorre nos textos produzidos por estudantes do seguimento exposto. Tendo como embasamento teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso, a autora elenca como postulados teóricos a *variação* e a *mudança linguística*, analisadas a partir da vertente funcionalista dos estudos linguísticos, pautando os pressupostos teóricos nos princípios funcionalistas da iconicidade, da marcação – formas marcadas e não marcadas –, da transitividade oracional, e do princípio motivador de gramaticalização – as camadas –, ancorando, assim, a discussão em Givón (1990, 2001, 2012); Hopper e Thompsom (1980, 1991), Castilho (2012); Cesário e Furtado da Cunha (2013), Vidal (2009) e Martellota (2003).

Englobando a discussão dos gêneros textuais em sala de aula, Queiroz (2016) recorreu

a Bakhtin (2000, 2010) e Brait (2008), em busca de embasamento teórico para sustentar a concepção de que os gêneros textuais são compreendidos como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação humana alicerçada na palavra. A autora justifica a utilização dessa linha de discussão teórica, uma vez que, para ela, trabalha-se com o discurso dos alunos, efetivados na escrita através dos gêneros abordados em sala de aula. Um detalhe chama à atenção nesse momento da pesquisa, o anúncio da autora em desenvolver a análise do fenômeno estudado a partir da escrita, e não direcionar, exclusivamente, a ocorrência dos pronomes de terceira pessoa *ele, ela, eles, elas* em funções acusativas como algo pontual apenas da oralidade. É perceptível um ponto de divergência em comparação ao exposto por Vanderlei (2014) que coloca as ocorrências oriundas do uso dos pronomes pessoais retos *ele, ela, eles, elas* na função de complemento verbal, ou acusativa, como um fenômeno linguístico voltado para a modalidade oral da língua. Queiroz (2016) faz um movimento de apresentação do fenômeno como algo efetivado na fala e na escrita dos usuários do português brasileiro. Contudo, esse fenômeno linguístico ainda é visto de modo estigmatizado por uma parte dos usuários da língua pelo fato de não atender às exigências da norma culta, proposta na gramática tradicional.

Como *corpus* da pesquisa, a autora selecionou quarenta textos, todos coletados nas aulas de Língua Portuguesa nas turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos, do Ensino Fundamental II, de uma escola pública municipal localizada na cidade de Doutor Severiano – RN, na qual a pesquisadora trabalha como docente, porém a pesquisadora não ministrava aulas nas turmas envolvidas na pesquisa. Um detalhe pertinente na pesquisa citada é o de que o objeto de pesquisa, o pronome de terceira pessoa *ele, ela, eles, elas* nas funções acusativas, nasce da observação da autora em suas aulas e convivência com o público estudantil da referida escola. O público da escola, como informado pela autora, é formado por alunos oriundos de comunidades urbanas, de conjuntos habitacionais e rurais. Os alunos participantes têm entre 10 e 15 anos de idade. Segundo a autora, as turmas foram escolhidas a partir de motivação comunicativas dos estudantes, no sentido de compreender de maneira mais consistente as mudanças linguísticas efetivadas na escrita e na fala dos alunos, como uma busca dos estudantes por expressões e mecanismos linguísticos diferenciados para interagir com o mundo que a cerca.

É importante percebermos que, em relação a Matos (2008) e a Vanderlei (2014), Queiroz (2016) cria o seu próprio corpus de pesquisa, formado, como já citado acima, por textos de estudantes construídos em situações de produção e uso da língua, utilizando alguns gêneros discursivos no intuito de buscar refletir situações comunicativa de uso da língua. Os

gêneros textuais utilizados em cada turma foram: conto, relato pessoal e carta argumentativa, textos da esfera argumentativa e narrativa; embora duas turmas 7º e 9º anos tenham produzido o mesmo gênero (relato pessoal), por opção metodológica da professora colaborada. A autora relata que a utilização dos gêneros discursivos supracitados contribuiu significativamente para a análise, no sentido de facilitar a quantificação das ocorrências do fenômeno estudado em cada texto, bem como verificar se algum aspecto referente às características dos gêneros produzidos contribui para a ocorrência do fenômeno linguístico estudado.

Para a construção do corpus, foram lidos, aproximadamente, 120 textos para a constatação do fenômeno linguístico do uso dos pronomes pessoais do caso reto *ele, ela, eles, elas* em função objetiva nos dados analisados. Foram selecionados, como já citado aqui, apenas 40 textos, seguindo o critério dos textos que apresentam um maior número de ocorrências do pronome reto em função objetiva. Queiroz (2016) diz que muitos outros textos apresentaram o fenômeno em análise, porém em uma pequena quantidade de ocorrências por texto, havendo assim uma não utilização desses outros. Segue abaixo um esclarecimento acerca da constituição final do *corpus*:

> Desse modo, o *corpus,* na sua constituição final permaneceu assim definido: dez textos do 6º ano, gênero conto; dez do 7º ano, gênero relato pessoal; dez do 8º ano, carta argumentativa; e dez do 9º ano, gênero relato pessoal; totalizando quarenta produções, em três gêneros diferentes. As produções constitutivas do *corpus* foram escritas no contexto de sala de aula, como prática constante dos docentes nas aulas de língua materna e não especificamente para a realização desse trabalho (QUEIROZ, 2016, p. 63).

O estudo exposto delimita uma metodologia de caráter descritivo-interpretativo, os dados foram analisados qualitativamente e quantitativamente, considerando-se a ocorrência, a frequência de uso do fenômeno em estudo, bem como a dinamicidade da língua. Nesse segmento, Queiroz (2016) considera que o aspecto qualitativo predomina sobre o quantitativo, já que os dados norteadores da pesquisa são retirados de produções escritas dos alunos, em situações concretas de comunicação no ambiente de sala de aula, os quais são submetidos a um processo de codificação e análise.

A autora coloca que um dos aspectos a considerar é a flexibilidade de mudança inerente à categoria pronominal, principalmente, no Português Brasileiro (PB), uma vez que as discussões da gramática tradicional desconsideram essas variações instauradas em diversos contextos de interações comunicativas. Queiroz (2016) diz que não se pode pensar em uma língua homogênea, mais próxima da modalidade escrita da linguagem concebida pelos manuais didáticos, ou por prescrições normativas da gramática escolar, visto que esses instrumentos

utilizados em diversas escolas têm como objetivo prescrever regras de utilização da língua. Dessa maneira, a autora expõe uma disparidade entre o ensino da língua materna e o real funcionamento da linguagem.

No desenvolvimento dos conceitos funcionalistas, Queiroz (2016) cita de maneira rápida os princípios da iconicidade e da marcação, dando uma ênfase maior ao princípio da transitividade oracional, apresentando os dez parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980) e que foram trabalhados por Cunha, Costa & Cezário (2003), na mesma perspectiva que Vanderlei (2014): participantes, cinese, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade da sujeito, afetamento do objeto e individuação do objeto. Para cada parâmetro de transitividade apresentados, a autora faz uma explanação com exemplos do uso dos pronomes *ele, ela, eles, elas* exercendo funções objetivas, destacando que a transitividade reflete, além dos aspectos sintáticos da oração, os aspectos semânticos e pragmáticos, imbuídos no ato comunicativo.

No decorrer da pesquisa, Queiroz (2016) apresenta o conceito de mudança linguística como um movimento que ultrapassa a concepção estrutural da língua, tendo a gramática como um sistema adaptativo de regras em uso. A autora ressalta que na Linguística Centrada no Uso, a variação e a mudança da língua são fenômenos tratados pelos processos de gramaticalização permeados pela frequência de uso de determinados elementos linguísticos, nas mais variadas situações comunicativas. Colocando ainda que a gramaticalização ocorre no momento que uma expressão linguística começa a adquirir propriedades gramaticais ou, amplia sua gramaticalidade. Assim, a autora expõe os cinco princípios de gramaticalização elencados por Hopper (1991): camadas; divergência; especialização; persistência e decategorização. A autora adota o princípio de camadas e o associa diretamente com o seu objeto de estudo, os pronomes *ele, ela, eles, elas* na posição de complemento, justificando a escolha a partir da movimentação sintática do pronome pessoal do caso reto ao assumir a função de objeto direto e/ou indireto em alguns contextos de uso, “o que para a gramática tradicional é função dos pronomes oblíquos” (QUEIROZ, 2016, p. 34).

É importante ressaltar que em seu estudo, Queiroz (2016) apresenta um levantamento de conceitos sobre o quadro pronominal brasileiro, contrastando as concepções normativas de algumas gramáticas tradicionais com as concepções dos livros didáticos que circulam no ambiente escolar. Em seguida, apresenta uma explanação acerca da abordagem do pronome pessoal de terceira sob um viés funcionalista com Lopes (2007), Castilho (2012) entre outros autores versados por ela em sua pesquisa.

Acerca dos resultados, Queiroz (2016) deixa claro que foram analisados 40 textos, nos quais foram observados: (i) O uso do pronome pessoal reto em função de objeto direto; (ii) O uso do pronome pessoal reto com preposição em função de objeto indireto. Foram coletados dez textos de cada turma: 6º ano do EF – dez textos do gênero conto; 7º ano do EF – dez textos do gênero relato pessoal; 8º ano do EF – dez textos do gênero carta argumentativa; 9º ano do EF – dez textos do gênero relato pessoal. Foram registradas 69 ocorrências do pronome pessoal reto em função objetiva: no 6º ano, com o gênero conto são 19 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e 06 na função de objeto indireto; no 7º ano, com o gênero relato pessoal, foram registrados 17 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e zero em função de objeto indireto; no 8º ano, com o gênero carta argumentativa, foram registradas 13 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e nenhum na função de objeto indireto; no 9º ano, com o gênero relato pessoal, foram registradas 12 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e 02 casos, com preposição em função de objeto indireto.

Queiroz (2016) constatou que, nas tipologias narrativas, conto e relato pessoal, a frequência de uso dos pronomes de terceira pessoa do caso reto em função de objeto direto é bem maior do que no gênero carta argumentativa. No conto, o registro é de 31% de frequência; no relato pessoal, registrou-se 41% de frequência; no gênero argumentativo, houve o menor número de ocorrências com apenas 21%. Como objeto indireto, os pronomes de terceira pessoa do caso reto, no gênero carta argumentativa, não apareceu, assim nesse gênero não houve registro de nenhuma ocorrência desse uso; nos textos da tipologia narrativa, no gênero conto, registraram-se 06 ocorrências, que equivalem a 75% de frequência e, no gênero discursivo relato pessoal, apenas 02, equivalendo a 25%. Queiroz (2016) conclui que as características de cada gênero influenciam na recorrência do fenômeno gramatical em estudo, além disso, a autora considera o grau de escolaridade do falante, um dos fatores que também influenciam na elaboração e na organização discursiva.

Com relação à marcação, a autora coloca os gêneros conto e relato pessoal como as formas não marcadas, enquanto o gênero carta argumentativa representa a forma marcada. Em relação aos pronomes, os pronomes do caso reto apresentam-se como categoria não marcada em relação à forma oblíqua.

A autora realiza uma análise da transitividade oracional de cinco orações retiradas de trechos do *corpus* da respectiva pesquisa. Observou-se o grau mais alto na escala da transitividade (grau 10) por conterem todos os pontos de alta transitividade. Dando sequência, Queiroz (2016) relaciona a importância da frequência com que o fenômeno acontece com o

fenômeno de mudança linguística, corroborando para a inserção desses usos nos processos de gramaticalização. Em relação ao processo de gramaticalização, a autora aponta para o princípio de *camadas*, relatando que dois itens da língua podem coexistir num mesmo campo semântico em contextos variados, como é o caso do pronome reto de terceira pessoa. Na gramática tradicional esse pronome possui apenas valor de sujeito, enquanto o oblíquo representa a função de objeto. No entanto, a análise do *corpus* mostra que os estudantes utilizam os pronomes do caso reto de terceira pessoa como complemento verbal. Queiroz (2016) apresenta esse movimento como uma flutuação, dizendo que esta "classe de palavras, pois ora funciona como sujeito, ora como complemento verbal, sem anular o uso das formas já existentes" (QUEIROZ, 2016, p. 88). A autora diz que as duas formas convivem lado a lado sem uma anular a outra.

Finalizando o estudo de Queiroz (2016), a autora ressalta que tanto os pronomes pessoais do caso reto, em especifico os de terceira pessoa, quanto os pronomes oblíquos foram utilizados pelos estudantes, do ensino fundamental II, nas produções textuais como complemento verbal. Mesmo a autora não apontando a frequência de ocorrências da forma átona, ela conclui que as duas formas são empregadas simultaneamente pelos alunos, havendo apenas divergência quanto à frequência. Segundo Queiroz (2016), tal ocorrência se manifesta na interação verbal numa perspectiva icônica, motivada por fatores cognitivo-interacionais, são duas formas para a mesma função atendendo necessidades comunicativas.

O estudo de Queiroz (2016) é relevante por tratar do mesmo objeto de pesquisa por nós abordado, os pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* em funções de complemento verbal. A autora utiliza algumas categorias de análise da Linguística Funcional, as mesmas que utilizaremos em nosso estudo como prototipicidade e mudança linguística. Além disso, o estudo da autora direciona nossa análise no sentido de acreditarmos em aspectos ou pressões discursivas e pragmáticas no uso efetivo da língua como fatores atuantes na construção de padrões categóricos da realização linguística, como é o caso das funções desempenhadas pelos pronomes retos de terceira pessoa em sua movimentação sintática da posição de nominativo para a posição de acusativo.

Outro aspecto relevante, a partir do estudo de Queiroz (2016), é a colocação da flutuação como uma possível movimentação sintática dos pronomes retos *ele, ela, eles, elas*, ocupando posição de complemento verbal nas orações. Acreditamos que em nossa pesquisa poderemos aprofundar esse conceito para um maior esclarecimento de suas propriedades fundamentais atribuídas à movimentação sintática dos pronomes de terceira pessoa do caso reto exercendo funções de pronomes átonos.

No tocante à pesquisa de Queiroz (2016), há pontos que convergem com o nosso estudo, como os supracitados, porém há pontos de divergência, primeiro em relação ao *corpus*, já que a autora utiliza como *corpus* de análise textos escolares coletados em uma escola municipal, textos construídos em situações comunicativas, mas não são textos transcritos de práticas orais, logo são textos escritos, o que, é claro, não compromete a autenticidade da pesquisa em linha funcional. Todavia, o nosso corpus é o *Discurso & Gramática* e nossa pesquisa vislumbrará as duas modalidades da língua, tanto a escrita quanto a oralidade, já que uma das nossas pretensões é verificar até que ponto os usos em diferentes modalidades da língua sinalizam motivações para a flutuação sintática dos pronomes de terceira pessoa do caso reto. Também sinalizamos para um levantamento historiográfico da categoria pronominal, não realizado por Queiroz (2016), apesar de tanto nossa pesquisa quanto a da autora obter um capítulo dedicado ao levantamento de conceitos e parâmetros sintáticos de usos dos pronomes retos de terceira pessoa contidos nas abordagens da gramática tradicional no intuito de compará-lo ao uso comunicativo dessa categoria, divergimos da pesquisa citada pois, também realizamos um levantamento do estudo da arte do referido fenômeno linguístico.

O trabalho de Queiroz (2016) nos aponta uma direção na qual pautamos parte das nossas pretensões de estudo: o objeto de pesquisa é o mesmo, a teoria base é o funcionalismo, mas só utilizaremos a prototipicidade e a variação e a mudança linguística; a abordagem difere quanto aos objetivos e ao *corpus* de pesquisa; além de termos a pretensão de estudar o conceito de flutuação sintática no intuito de utilizar o conceito com maior clareza. Além disso, pretendemos delimitar com maior precisão os dados de ocorrências do pronome de terceira pessoa do caso reto exercendo funções dos pronomes átonos no que se refere a um possível desuso ou perda de frequência da forma átona no português brasileiro. Contudo, pretendemos utilizar um percurso semelhante em nossa pesquisa, partindo da conceituação histórica do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas,* até chegarmos à abordagem da Linguística Funcional Clássica, observando as ocorrências relacionadas à função mais ou menos prototípicas do nosso objeto de estudo. No que concerne a esses pontos, essa pesquisa tem importância significativa para o caminhar e o desenvolvimento da nossa proposta.

CAPÍTULO II

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS BÁSICOS

Esta pesquisa emerge de discussões teóricas no Grupo de pesquisa Teorias Linguísticas de Base (doravante TLB), principalmente, no que concerne a estudos sobre movimentações sintáticas da categoria pronominal. No português brasileiro, essa classe gramatical vem sofrendo constantes modificações, principalmente no que concerne às funções assumidas por ela nas orações. Em nosso trabalho observamos a forma pronominal de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* exercendo função sintática de complemento verbal (acusativo), assumindo uma posição oracional pós-verbal, função e posição sintática não prevista pela Gramática Tradicional. Conforme apresentado no capítulo I, a Gramática Tradicional pautada pelos estudos tradicionais da língua prescreve a função de sujeito oracional, posição pré-verbal para os pronomes em estudo na nossa pesquisa. Assim, qualquer investida em uma perspectiva de análise versada no uso efetivo dessa categoria exige uma base teórica diversa dos cânones gramaticais, por esse motivo recorremos aos estudos funcionalistas da língua.

Usa-se a terminologia "Linguística Funcional Clássica" (doravante LFC), para fazer referência aos estudos funcionais da linguagem que se desenvolvem na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos, com Givón (1979), Hopper (1980) e Sandra Thompson (1980).

Nesse sentido, o presente capítulo expõe alguns pressupostos teóricos utilizados em nosso estudo com o objetivo de buscar na abordagem funcionalista da língua outra perspectiva de se analisarem as funções sintático-discursivas dos pronomes do caso reto de terceira pessoa *ele, ela, eles, elas*.

2.1 Pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica

O funcionalismo linguístico apresenta seus primeiros estudos no Círculo Linguístico de Praga (doravante - CLP) e seus primeiros pressupostos teóricos em meio a estudos estruturalistas acerca da natureza linguística da língua/linguagem. Por volta de 1926, atribui-se a este grupo de estudiosos da Escola de Praga as primeiras reflexões em torno da língua como um objeto constituído por uma estrutura linguística sistêmica e por um mecanismo linguístico funcional. Os linguistas desse período já pensavam na estrutura linguística com

propósitos comunicativos, observando a organização dos elementos linguísticos, primeiro em unidades fonológicas (o papel dos fonemas) e, depois, na sintaxe (o papel da estrutura no contexto). Ou seja, os linguistas do CLP percebiam uma relação funcional que atrelava a organização dos elementos linguísticos sistêmicos, principalmente a construção sintática da oração, ao contexto discursivo de realização da língua.

No CLP, os linguistas concebem a língua como um sistema de meios apropriados a um determinado fim, a comunicação, e passam a aceitar a noção teleológica de função, por entenderem a língua como um sistema funcional com propósitos comunicativos. Dessa maneira, a frase, com seus constituintes linguísticos, tem natureza comunicativa e deve ser observada a partir de sua realização, considerando que as análises ultrapassem os níveis fonológico, morfológico e sintático. É neste ambiente de pressupostos funcionais da sentença[5] que se começa a pensar em uma abordagem da língua em seu uso efetivamente verbal, levando em consideração elementos contextuais (discursivos) e extralinguísticos (pragmáticos).

Ao longo do tempo, as concepções funcionalistas passaram por reformulações, chegando a Givón (1979), Hopper (1980) e Thompson (1980), que preconizavam investigações em direção ao uso da língua, sendo este uso o ponto de partida para se explicar as motivações que dão forma à língua, sem descartar a existência da forma em suas investigações.

> O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 70, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Desta maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é neste espaço que a gramática é constituída (MARTELOTTA E KENEDY, 2015, p. 16).

O funcionalismo analisa a língua/linguagem como um instrumento de comunicação e interação social, buscando na realização linguística elementos que justifiquem o uso das categorias gramaticais. Aqui uma ressalva teórica se faz necessária, principalmente no que concerne às teorias saussurianas, já que o estruturalismo tem as ideias de Saussure como base

[5] Os termos frase, oração e sentença, neste capítulo, são admitidos como sinônimos, ainda que, na especificidade de cada um destes termos e no recorte teórico de cada um deles, reconhecemos que há algumas propriedades conceituais que os caracterizam e distinguem um do outro.

epistemológica e o funcionalismo linguístico se articula com a forma sob um prisma distinto. O primeiro ponto a ser abordado é o da dicotomia "langue" e "parole" instituída por Saussure. A língua, para Saussure, é o objeto real da linguística, pois é um produto social depositado na cabeça das pessoas, a "langue" teria as propriedades possíveis de análise linguística por ser sistêmica, logo a fala ficaria em segundo plano de análise, ou para um segundo momento, por não ser equanimemente homogênea em sua realização social. Como sistema, há na língua um conjunto sincrônico de elementos linguísticos em uma relação operacional solidária, na qual um elemento linguístico depende do outro para constituir uma unidade linguística. Dessa maneira, não existe, no sistema da língua, um elemento linguístico que se constitua por si só, o que há é uma dependência na relação constitutiva dos elementos linguísticos. Assim, na noção de sistema há uma prioridade do todo da língua em relação aos elementos que a constituem, a forma linguística está presa ao sistema e se realiza no interior do próprio sistema.

Depois da publicação do Curso de Linguística Geral de Fernand Saussure, em 1916, e da concepção de língua como sistema apresentada pelo autor, o CLP desenvolve estudos sobre a língua/linguagem tendo como base os tratados saussurianos e, a partir de 1928, adota o termo *estrutura* em substituição ao termo *sistema*. A língua passa a ser vista como um mecanismo linguístico autônomo, de formas linguísticas imersas no sistema em cadeia de dependência interna, formando assim uma estrutura, uma rede de elementos agrupados em torno de um todo organizado, vertente, esta, de estudos da língua denominada estruturalismo linguístico. Esta concepção de língua como estrutura direciona uma análise linguística, em suas vertentes sintático-morfológica, restrita ao sistema da língua, uma vez que o sistema é um todo organizado, a análise apenas o descreve. Concepção, esta, muito próxima às adotadas pelos cânones gramaticais de viés tradicional, embora estes manuais, além de descreverem a língua, também a prescrevem. Assim, segundo Martelotta e Kenedy (2015, p. 12), "a análise linguística estava, então, restrita à rede de dependências internas em que se estruturam os elementos da língua".

Como o estruturalismo linguístico é uma escola de várias tendências de estudo da língua como sistema, influenciada, principalmente, pelos estudos saussurianos, todavia não é uma tendência de estudos uniformes, apresentando uma definição unitária de estrutura linguística, um aspecto, em especial, diferencia o estruturalismo desenvolvido no CLP, dos outros estudos estruturais desenvolvidos na Europa, no século XIX. É o aspecto da *função* "como um elemento essencial à linguagem" (MARTELOTTA E KENEDY, 2015, p. 12), elemento este adotado pelos estudos estruturalistas no CLP, através da influência dos estudos do

filósofo Husserl, e de sua teoria da Gestalt[6], desenvolvida por meio do contato com o psicólogo alemão Karl Bühler. Segundo Dirven e Fried (apud Martelotta e Kenedy, 2015), a ênfase dada ao elemento da função em modelos teóricos estruturalistas divide estes estudos em dois grandes polos:

> a) polo formalista, no qual a análise ressalta a forma linguística, ficando sua função num plano secundário;
> b) polo funcionalista, no qual a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante (MARTELOTTA E KENEDY, 2015, p. 13).

É neste contexto que se situa o formalismo, uma tendência de observar e analisar a língua como um objeto autônomo, de estrutura independente do uso efetivo e comunicativo situado em situações verbais reais, como propõe Hjelmslev (apud Martelotta e Kenedy, 2015) ao afirmar que a língua é uma unidade encerrada em si mesma, como uma estrutura *sui generis*, propondo uma interpretação da língua fora do contexto comunicativo, uma análise pautada apenas em elementos abstratos e estáticos. Uma das grandes forças do polo formalista foi o descritivismo americano, representado por autores como Bloomfield, Trager, Bloch, Harris e Fries, e a tendência gerativista e seus modelos de análise da língua.

Em contraponto ao polo formalista, para o funcionalismo, a forma linguística é oriunda da realização da fala, pois é no plano discursivo e da possibilidade comunicativa que a forma se revela, não podendo haver forma sem função, ou função sem propósitos comunicativos. Do mesmo modo, não há distinção entre fala e língua, o que há é uma relação simbiótica entre a estrutura (*langue)* e a realização linguística dessa estrutura (*parole*). É notório que a própria concepção de língua apresentada é um exemplo de distinção entre funcionalismo linguístico e estruturalismo linguístico.

Em relação à sintaxe, o funcionalismo linguístico revê a ideia de arbitrariedade da língua, a sintaxe não é mais uma organização autônoma em uma rede de dependência estrutural de formas linguísticas, já que a organização sintática é um movimento motivado, havendo uma correlação natural e motivada entre forma (código linguístico) e função (significado). "Os linguistas funcionais defendem a ideia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência" (FURTADO DA CUNHA, 2015, p. 164).

[6] Doutrina da psicologia alemã que defende a concepção de que, para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo.

Diante do exposto, a língua não é um sistema autônomo, mas desempenha funções extralinguísticas, é o uso das formas linguísticas desenvolvendo funções nos ambientes de uso efetivo verbal.

> A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica o uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos de uso. Segundo a hipóstase funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 21).

O funcionalista observa a língua em meio à interação verbal dos falantes em situações comunicativas diversas. Por isso, a língua é um fator social em meio aos contextos comunicativos dos usuários. Assim, é importante levar em consideração todo o contexto discursivo que envolve o seu uso, sempre em consonância com a sua forma. É o uso que origina a forma, sistema e uso estão ligados de forma inerente, "pressupõe ainda que a forma se adapta às funções que desempenha e que o estudo linguístico precisa estar submetido ao uso (VANDERLEI; MATOS; SOUZA, 2016, p. 87) ".

É no uso efetivo da língua, permeada pelos vários contextos comunicativos, que o funcionalismo linguístico delineia caminhos teóricos para a compreensão das regularidades das ocorrências linguísticas. É por meio dos atos comunicativos que o funcionalismo busca entender as generalizações desses atos que o usuário constrói em seu meio linguístico, pois, segundo Lemos (2015, p. 25), "não será algum critério do sistema que explicará as construções linguísticas, mas os aspectos comunicativos que permitirão entender as influências que levam o falante a fazer uso de determinada construção linguística".

Castilho (2014), em sua obra "Nova Gramática do Português Brasileiro", apresenta a língua em sua vertente falada, expondo uma proposta funcionalista para o uso dos pronomes.

Quadro 7: Os pronomes pessoais no Português Brasileiro.

PESSOA	**PB FORMAL**		**PB INFORMAL**	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa singular	*Eu*	*Me, mim, comigo*	*Eu, a gente*	*Eu, me, mim, Prep. + eu, mim*
2ª pessoa singular	*Tu, você, o senhor, a senhora*	*Te, ti, contigo, (Prep.+) o senhor, com a senhora*	*Você /ocê/ tu*	*Você/ocê/cê, te, ti, Prep. + você/ocê (= docê, cocê)*

3ª. pessoa singular	*Ele, ela*	*O/a, lhe, se, si, consigo*	*Ele / ei, ela*	*Ele / ela, lhe, Prep. + ele / ela*
1ª pessoa plural	*Nós*	*Nos, conosco*	*a gente*	*A gente, Prep. + a gente*
2ª. pessoa plural	*Vós, os senhores, as senhoras*	*(vos, convosco)* *(Prep.+) os senhores, as senhoras*	*vocês / ocês / cês*	*vocês/ocês/cês, Prep. + vocês/ocês*
3ª. pessoa plural	*Eles, elas*	*Os / as, lhes, se, si, consigo*	*eles / eis, elas*	*Eles / eis, elas, Prep. + eles / eis, elas*

Fonte: Castilho (2014).

Por meio do funcionalismo linguístico, essa obra engloba a descrição de uma língua contextualizada, evidenciando o processo discursivo como um processo de intenção que os falantes têm ao produzirem os seus discursos nas diversas situações de uso.

Em Azeredo (2018), afirma-se que os pronomes pessoais, quando são regidos por preposição, classificam-se como oblíquos tônicos e podem apresentar-se sob formas específicas (eu-mim/ tu-ti/ ele, ela-si):

[01]: Passou por mim.[7]

[02]: Falou de ti.

[03]: Comprou para si.

Dando sequência, o autor sugere que após a preposição ‘com’ se empregam as variantes *migo, tigo, sigo, nosco,* e *vosco,* que na escrita vêm unidas à preposição: *comigo, contigo, conosco, convosco*.

[04]: Pensava em ti, mas sonhei contigo.

[05]: Passou por nós, mas virá conosco.

A forma “conosco” de registro altamente formal, hoje é substituída pela construção “com a gente”.

[06]: Nós queremos que ele viesse com a gente.

Azeredo (2018) observa que o “convosco” encontra-se na mesma situação sociolinguística de ‘vós’ e ‘vosso’, restrito, portanto, a empregos ritualizados, como a linguagem religiosa e a oratória formal. Nessa perspectiva, percebe-se a descrição de um

[7] Os exemplos [01] ao [06] foram extraídos de Azeredo (2018, p. 283).

quadro pronominal de maneira mais funcional, pois é possível focalizar elementos que excedem o viés sintático e morfológico. São os elementos observados a partir do contexto comunicativo que exerce pressões discursivas, levando o usuário a fazer escolhas lexicais no intuito de suprir as necessidades comunicativas em situações diversas de fala.

Nesta perspectiva funcionalista de estudos pronominais apresentadas por Castilho (2014) e Azeredo (2018) é que situamos, como forma de aproximação, os estudos de Matos (2008), Vanderlei (2014) e Queiroz (2016), pois todos demonstram, por meio de análises de transcrições de *corpora* da modalidade oral e escrita, as ocorrências e as regularidades da língua.

Nessa pesquisa, abordaremos as formas linguísticas pronominais (conforme capítulo I), os pronomes pessoais do caso reto de terceira pessoa *ele/ela/eles/elas*. Presumimos haver um movimento flutuante pronominal na oração, resultado das pressões e dos fatores comunicativos que possibilitam a ocorrência de posições distintas, além da posição de sujeito concebida pelo tradicionalismo linguístico. Sendo assim, observa-se que os pronomes retos de 3ª pessoa flutuam de uma construção mais tradicional (sujeito), na qual ele é agentivo, para uma posição dativa (objeto indireto) ou acusativa (objeto direto), se colocando como complemento verbal. É o que se observa no exemplo abaixo:

[07]: ela tinha que ir embora... assim... acabou ele nem... ele nem falando com ela... ela só ficou sa... sabendo no dia seguinte... eu até ia com ela... ela... foi uma hora e **nem vi ela indo embora**... porque ela estava conversando lá... (D & G, JUIZ DE FORA, p. 37).

Como bem mostra o Ex7, na construção "*nem vi ela indo embora*", o pronome do caso reto "*ela*" está em uma posição pós-verbal, exercendo a função sintática de objeto direto da forma verbal "vi". Como a LFC concebe a língua como um instrumento de comunicação complexa, plausível de influências linguísticas e extralinguísticas, ao analisar as regularidades de ocorrências desse fenômeno, é possível perceber que não é a forma que define a função, mas sua existência está suscetível à função. Assim, a forma adapta-se às pressões exercidas pelas funções.

Em suma, o desenvolvimento teórico dessa pesquisa segue dois princípios da Linguística Funcional Clássica (LFC):

a) prototipicidade;

b) mudança linguística.

Nas seções a seguir, t rataremos sobre cada um desses princípios.

2.2 – Prototipicidade

Para o funcionalismo, a língua é um reflexo da relação experiencial entre o usuário e o mundo. Categorizamos o mundo a partir das relações perceptivas e conceituais das nossas experiências. Essa relação língua/mundo acontece de maneira categórica e linguisticamente conceitual, dá-se quando as palavras, os sintagmas e seus complementos são reconhecidos e associados a representações armazenadas na base do sistema linguístico do usuário. Toda base linguística é um resultado de construções categóricas de fonemas, morfemas, itens lexicais e sintagmas ordenados por padrões perceptivos na relação língua/mundo.

> Nessa perspectiva, a construção de conceitos relaciona-se às experiências do ser humano no ambiente biofísico e sociocultural, e são esses conceitos que nos permitem caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar sobre elas. Cada categoria é conceitualizada em termos do representante prototípico, aquele que reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria (FURTADO DA CUNHA, BISPO E SILVA, 2013, p. 28).

As categorias são definidas por um conjunto de propriedades já existentes e compartilhadas entre um dado objeto ou espécie do mundo. Cada categoria será classificada a partir dos elementos modelares que melhor constituem e representem seu protótipo de maneira escalar, o que reúne características conceituais mais próximas da categoria que a representa prototipicamente. Aaquela que reunir características conceituais mais distantes do modelo conceptual ficará mais distante do protótipo de representação da categoria. Assim, para Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 29), “essa perspectiva não linear/categórica e não discreta permite o tratamento escalar e contínuo de aspectos gramaticais”. Isso significa que a prototipicidade é consequência de um conjunto de propriedades intrínsecas da percepção humana por meio de experiências no ambiente biofísico e sociocultural. Nem sempre as propriedades categóricas e as classes que envolvem aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos são constituídas por traços definidores fechados que as separem umas das outras. Os traços prototípicos categóricos são identificados especificamente nos usos linguísticos por meio de um conjunto inferencial de propriedades inerentes as categorias linguísticas.

> Segundo Rosch (1973), a prototipicidade é possivelmente uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana, como a saliência cognitiva. Cada protótipo nos possibilita realizar um conjunto de tarefas inferenciais ou imaginativas

> sobre uma dada categoria. Esse processo envolve tanto a gradualidade (não discretude) quanto a fixidez de determinados traços ou propriedades (ROSCH 1973 apud FURTADO DA CUNHA, BISPO E SILVA, 2013, p. 29).

Como há uma fixidez nas propriedades categóricas dos itens linguístico, as categorias apresentam-se maleáveis e instáveis, uma vez que as propriedades sintáticas, morfológicas e semânticas estão sujeitas e emergem das pressões discursivas do uso da língua, por isso haverá sempre um protótipo de cada categoria que serve de base comparativa para os demais itens. Assim, a prototipicidade é uma especificidade das categorias, admitindo-se um movimento de migração entre as categorias, pois são as ocorrências do uso de elementos linguístico nos diversos contextos verbais que estabelecem as regularidades de empregos dos itens linguísticos e do surgimento de um novo sentido para determinados itens que se aproximam ou se distanciam dos representantes prototípicos da determinada categoria. Para apresentar com maior clareza a noção funcionalista de Prototipicidade, recorremos, também, a Matos (2008, p.55 grifo do autor):

> Dos pressupostos básicos da teoria funcionalista, parte-se da noção de *protótipo* (Taylor, 1995), concebido como uma espécie de modelo que representa uma determinada categoria, e "dentro de cada categoria há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo a semelhança com essa configuração que os demais devem ser classificados".

É perceptível que a categoria funcionalista abordada como prototipicidade está relacionada a um padrão frequente de repetição de termos ou elementos linguísticos em unidades comunicativas de uso. Se na língua há o que é prototípico, com certeza há o que não o é.

> Significa que, ao invés de serem definidas, em termos binários e discretos, as coisas percebidas distribuem-se num *continuum* categorial, em que alguns elementos localizam-se mais nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma e outra categoria. (FURTADO DA CUNHA, BISPO E SILVA, 2013, p. 29)

É na relação com o mundo social e físico que captamos perceptivamente o que já existe, alguns membros pertencentes a algumas categorias podem conservar traços mais prototípicos do que outros, principalmente por terem propriedades mais pontuais do que outros, a partir de elementos conceituais representantes de frequência ou por sua flexibilidade. Para Vanderlei, Matos e Souza (2017, p. 93), "entendemos que o estudo dos protótipos estaria

ligado à frequência com que uma determinada função sintática é exercida pelos pronomes". Ou seja, é na frequência de uso de um determinado termo que podemos apontar uma estrutura prototípica:

> Portanto, nessa visão, a estrutura (ou a forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala. Daí segue-se que a estrutura só pode ser explicada levando-se em conta, e considerando-se com especial cuidado, a comunicação (GIVÓN *apud* VOTRE & NARO, 2012, p.17).

Como exposto, queremos ressaltar que o trabalho seguirá a vertente moderada dessa corrente teórica. Como bem pontua Neves (1997), existem pelo menos três modelos de Funcionalismo, *um conservador* (nega as postulações do formalismo/estruturalismo), um *moderado* (propõe uma análise moderada da forma) e um *extremado* (tudo gira em torno da função).

Na próxima seção trataremos de outro conceito importante para nossa pesquisa: a mudança linguística.

2.3 A mudança Linguística

Uma das características principais da língua é a fluidez. É possível identificar como a forma linguística adapta-se, transforma-se e muda. E essas possibilidades surgem no intuito de atender à demanda comunicativa de seus usuários. Por isso, a língua pode assumir formas diferentes para atender usuários diferentes em situações diferentes ou em épocas diferentes. Como a língua é um instrumento comunicativo social complexo, a *mudança* linguística está relacionada à natureza verbal de seu funcionamento. No uso diário da língua, os falantes procuram desenvolver estratégias linguísticas que supram as necessidades comunicativas nos diferentes contextos. Nas palavras de Martelotta (2011, p.27), "a mudança está associada ao funcionamento das línguas (...) é um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso".

É a partir dos anos de 1970, na linguística funcional norte-americana, que o paradigma da gramaticalização tem um ascendente crescimento, justamente por haver um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. The origins of Syntax in Discourse, texto de Sankoff e Brown (1976) impulsionou o ciclo funcional proposto por

Givón (1979), discurso > sintaxe > morfossintaxe > morfofonêmica > zero, estudos apoiados em resquícios linguísticos provenientes da passagem de pidgins para crioulos e dos estudos diacrônicos.

Como a língua é um mecanismo maleável, sua estrutura sofre pressões de fatores discursivos e socioculturais que direcionam os eventos comunicativos. É na direção de perceber as motivações, os aspectos estruturais, discursivos e comunicativos direcionadores da mudança linguística que abordaremos a língua em uma perspectiva dinâmica e fluida, tratando desse fenômeno sob o viés da LFC. Segundo Martelotta (2015), dois aspectos do princípio de gramaticalização propostos por Hopper (1991) são de suma importância para a compreensão do processo de mudança linguística, são os princípios de *camadas* e de *divergência*.

> O princípio de *camadas* refere-se ao fato de as línguas frequentemente possuírem mais de uma forma de desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso, importante registrar que a nova forma não implica o desaparecimento da forma já existente. No caso da *divergência*, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes e, novamente, a existência do novo uso não implica o desaparecimento do uso original. (MARTELOTTA, 2015, p. 49-50).

Além desses dois princípios de mudança linguística, Hopper (1991) expõe mais três princípios não utilizados nessa pesquisa:

a) *Especialização*: versa sobre a diminuição de possibilidades de escolha para a expressão de uma determinada noção gramatical;

b) *Persistência* - ligado ao fato de que quando um item lexical sofre um processo de gramaticalização, traços do sentido original tendem a permanecer nos novos sentidos, refletindo detalhes conceituais da história deste item nas restrições referentes a sua distribuição gramatical;

c) *Decategorização:* consiste na perda que as formas linguísticas sofrem com a gramaticalização, de marcas morfológicas ou privilégios sintáticos característicos de categorias plenas, como nomes e verbos, para contrair características secundárias, como adjetivos e preposições.

Diante dos princípios expostos, evidenciam-se parâmetros sistemáticos metodológicos do processo de gramaticalização. Por meio destes, pode-se afirmar que a mudança linguística é inerente à condição adaptativa da língua. Durante o uso efetivo e interacional da língua, o falante procura ajustar o seu discurso às suas necessidades comunicativas. Nesse sentido, em alguma acepção, acreditamos que os pronomes *ele/ela/eles/elas* atuam num ambiente suscetível às mudanças. Afinal, o uso linguístico é

condicionado por fatores comunicativos e interativos através de motivações contextuais e de fatores extralinguísticos, pois a mudança linguística não é um fenômeno que ocorre de maneira desordenada, ou aleatória. Ela segue caminhos prototípicos e regulares de ocorrências. Assim, o processo de gramaticalização acontece a partir do momento em que uma expressão linguística começa a adquirir propriedades gramaticais ou mesmo quando o item linguístico tem as propriedades gramaticais ampliadas:

> Desenvolveu-se, a partir de então, a ideia de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva as transformações sofridas pelos elementos linguísticos ao longo do tempo e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares (MARTELOTTA, 2015, p. 51).

A unidirecionalidade das transformações dos elementos linguísticos no processo de gramaticalização é um movimento comum nas línguas, dependendo este processo da relação entre a mudança dos elementos linguísticos e do contexto de uso da língua, por isso que o movimento da mudança acontece do discurso para a gramática. Nesse segmento, nem sempre se podem prever os sentidos linguísticos a partir da simples combinação de itens lexicais, pois há na relação contextual, a atuação de fatores de ordem sociocultural, agindo linguisticamente no uso da língua. Esse movimento justifica a linguística funcional, o conceito de gramática emergente que atenda coerentemente aos diversos eventos comunicativos. Já que é por meio dos atos comunicativos que os elementos linguísticos podem se desprender de suas formas prototípicas tradicionais, ganhando substância linguística no discurso, transformando-se em formas mais fixas e mais regulares.

> Neste sentido, pode pensar, com Saussure, que existe, uma pancronia, ou um conjunto de leis gerais, fundamentadas em bases não estruturais e admitir com Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), que há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares, pois há evidencias de que o mesmo tipo de transformação pode processar-se repetidamente, enfraquecendo a visão tradicional de que a mudança está relacionada apenas a sucessão temporal (MARTELOTTA, 2015, p. 51).

O funcionalismo linguístico norte-americano adota uma concepção pancrônica de mudança, não apenas concebendo as relações sincrônicas entre seus elementos no decorrer do tempo. Mas, levando em consideração as forças comunicativas que exercem pressões contextuais nos elementos linguísticos durante o ato concreto da realização verbal.

Nesta pesquisa, o princípio de *camadas*, que está intrinsicamente associado ao

fenômeno de mudança destacado nesse estudo, é admitido, norteando nossas posições, descrição e análise dos pronomes do caso reto *ele/ela/eles/elas.* Nessa direção, os pronomes pesquisados, em alguns contextos de uso, assumem a função de objeto direto, o que, conforme a gramática tradicional, é característica inerente aos pronomes oblíquos. Contudo, as duas formas pessoais (reto e oblíquo) coexistem na mesma função, em situações comunicativas diversas; nesse caso a forma nova não implica o desaparecimento da forma já existente.

Diante do exposto acima, tem-se um movimento sintático de competição entre os pronomes do tipo reto (*ele, ela, eles, elas*) e os oblíquos átonos (*a/o/as/os*), já que a opção de uso de uma forma e não da outra está revestida de consequências sintáticas e discursivas oriundas de pressões da língua. Logo, o pronome pessoal reto de terceira pessoa apresenta um conjunto etimologicamente semelhante, desempenhando funções diferentes, se pré-verbal, função subjetiva, se pós-verbal, função acusativa, considerando que a existência de outra função não anula o uso da função original. É nesse segmento que ancoramos o estudo do princípio de divergência.

No capítulo a seguir apresentamos a metodologia desta pesquisa.

CAPÍTULO III

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O delinear metodológico apontará os procedimentos utilizados, neste trabalho, com a finalidade de confirmar ou refutar se há consequências sintático-discursivas na flutuação dos pronomes de 3ª pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. Buscando, assim, confirmar ou não as seguintes proposições: a) os pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* apresentam uma flutuação sintático-discursiva em funções de complemento verbal e podem ser analisados em uma perspectiva funcional; b) existem verbos motivadores da atuação sintático-discursiva dos pronomes retos de terceira pessoa em posição acusativa, por refletirem especificidades próprias do uso oral e espontâneo da língua em suas diversas situações comunicativas; c) fatores como modalidade da língua (falada/escrita) podem influenciar o uso dos pronomes pessoais do caso reto em função completiva. Corrobora para esse trabalho a perspectiva teórica que considera a língua um instrumento complexo de comunicação, de elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos no discurso, imersa em processos discursivos responsáveis pela realização efetiva do ato comunicativo.

Para verificarmos e compreendermos se há ou não as consequências sintático-discursivas ocasionadas pelo uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* em posição de complemento, realizamos uma análise funcional-discursiva desses pronomes, considerando a prototipicidade e a regularidade de seus usos. No que se refere à movimentação sintática dessa categoria, observa-se o possível indício de que uma mesma forma pronominal, categorizada pela gramática tradicional como de uso exclusivamente subjetivo (sujeito), esteja exercendo função(ões) sintática(s), como as de complemento verbal (função acusativa), não previstas no viés tradicional. Esta movimentação sintática de posicionamento pronominal vem indicar uma tendência de mudança linguística a partir da variação na colocação pós-verbal dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa. Nessa perspectiva, o princípio funcional de camadas e de divergência sustentam nossa análise sob o processo de mudança linguística do pronome em função objetiva, na posição de acusativa oracional.

Como nosso objeto de pesquisa é o pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto e sua movimentação sintático-discursiva no interior das orações, a escolha dos *corpora* utilizados nesta pesquisa levou em consideração alguns critérios metodológicos no intuito de

tornar possível a análise das formas flutuantes do pronome de terceira pessoa do caso reto. Seguimos, assim, os seguintes critérios:

a) Um corpus constituído de um banco de dados com ocorrências efetivas do uso oral, transcrito, em seus contextos reais e naturais de uso cotidiano;
b) No mesmo seguimento do item "a", um *corpus* com um banco de dados de gêneros textuais escritos em situações fluídas(cotidiana) de uso da língua;
c) Procuramos um *corpus* que permitisse a observação de vários usuários em situações diversas de uso da língua, situações formais e informais;
d) Usuários produzindo textos em situações comunicativas diversas, utilizando as modalidades oral e escrita do português brasileiro;
e) Um corpus que permitisse uma abordagem clássica da linguística funcional, formado por um banco de dados com ocorrências efetivas do uso oral, em seus contextos reais e naturais de uso cotidiano e, ao mesmo tempo, de dados escritos representativos do uso efetivo e mais monitorado da língua.

Dessa maneira, adotamos como fonte de análise, primeira, o banco de dados organizado pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática (1993), seções de Natal (RN) (FURTADO DA CUNHA, 1993). Esse banco de dados é o ponto de partida, o princípio norteador para observar a flutuação sintático-discursiva no uso dos pronomes retos de terceira pessoa em funções de complemento verbal a partir das motivações comunicativas, pois o *corpus* em análise apresenta dados de fala e escrita de usuários em cinco diferentes tipos textuais. O mesmo usuário produz um determinado gênero textual na modalidade oral e, em seguida, produz o mesmo gênero textual na modalidade escrita.

Para obtermos um resultado mais sólido e preciso na relação de uso de língua escrita *vs* língua oral na aferição das ocorrências prototípicas dos pronomes de 3ª pessoa do caso reto, também observaremos o fenômeno em um *corpus* de textos escritos em interação verbal na plataforma virtual de aprendizagem do curso de Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa (CLELP). Nessa plataforma, há usuários oriundos de várias cidades do Nordeste brasileiro, que utilizaram a língua de forma autêntica e natural para construir texto, por meio de fóruns discursivos, em meio à interação verbal, sobre diversos assuntos.

Assim, essa pesquisa trabalhará com estes *corpora* (*D&G* e *corpusCLELP*[8]), seguindo os pressupostos teóricos analíticos da LFC, especificamente, no que se refere aos conceitos de prototipicidade e mudança linguística, que, como bem afirma Martelotta (2011), a mudança linguística está associada ao funcionamento das línguas, relacionada às estratégias de comunicação que os usuários utilizam nos diferentes eventos.

3.1 Tipo de metodologia

Como processo metodológico, a pesquisa obedece a uma abordagem descritiva e interpretativa, com um enfoque indutivo, tomando, como amostras de análise, material linguístico empiricamente coletado. Dessa maneira, combinam-se os vieses qualitativo e quantitativo para a análise dos dados coletados, com a finalidade de testar as proposições elencadas ao longo do trabalho. Assim, a análise está dividida em duas etapas: a exploratória, que corresponde à etapa quantitativa, e outra analítica, correspondendo à etapa qualitativa. Entretanto, como os dados são descritos e qualificados, há uma predominância do enfoque qualitativo sobre o quantitativo, pois na análise o fator quantitativo subsidiará a interpretação dos dados. Acerca dos dois enfoques metodológicos, Furtado da Cunha e Bispo e Silva (2013, p. 22) colocam:

> O aspecto qualitativo diz respeito ao caráter descritivo e interpretativo da análise e ao enfoque indutivo baseado na observação das amostras coletadas. Já a dimensão quantitativa refere-se à natureza mensurável do material empírico tomado como amostra. Para tanto, quantificamos, em termos absolutos e percentuais, a recorrência dos fatores selecionados para a análise.

Por meio da quantificação dos dados, busca-se um mapa conceitual das ocorrências comunicativas utilizadas pelos usuários em situação efetiva de uso linguístico. Por isso, ancoramos a pesquisa nos pressupostos metodológicos funcionalistas, especificamente da LFC, por entender que o movimento de mudança e variação linguística estão pautados na natureza dinâmica da funcionalidade das línguas, atrelados aos propósitos comunicativos do usuário. É a necessidade de comunicar de forma contextualizada que faz com que o usuário utilize a capacidade adaptativa da língua, buscando funções variadas para formas existentes, como é o caso da flutuação do pronome reto de terceira pessoa em posição de complemento. Nesse fenômeno parece haver uma movimentação sintático-discursiva motivada por fatores de

[8] A sigla *CorpusCLELP* representa o corpus formado por ocorrências de participantes do Curso de Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa (CLELP), ofertado pela UFPB – campus João Pessoa, a estudantes de pós-graduação *lato sensu*, via EAD, oriundos de várias cidades do Nordeste.

aspectos semântico-pragmáticos. Por isso, retomamos a importância dos métodos quantitativos e qualitativos, pois é a aferição que norteará o princípio de categoria prototípica na configuração de uma gramática que emerge do discurso fluido do usuário. Como bem ressaltam Furtado da Cunha e Bispo e Silva (2013, p.21) sobre o modelo metodológico adotado pela Linguística Funcional:

> Como estamos interessados no uso da língua em situações reais de interação comunicativa, a aferição da frequência de ocorrência de um dado fenômeno linguístico é muito importante, já que assinala aquilo que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto. Importa descobrir como os aspectos interacionais que se manifestam na interação verbal se ritualizam em forma de construções gramaticais disponíveis para o usuário da língua (FURTADO DA CUNHA, BISPO E SILVA, 2013, p. 21).

É na aferição dos dados linguísticos coletados nos *corpora* que poderemos identificar e avaliar fatores de natureza sintático-discursiva do fenômeno investigado, atentando para os padrões comunicativos de realização da categoria pronominal analisada em uso efetivamente verbal e fatores discursivos que exercem pressões sobre o ato comunicativo. Assim como, observar as possíveis pressões de natureza formal que restringem, bloqueiam ou estimulam tendências de regulação das ocorrências da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto em função acusativa. Por isso, testamos nossas hipóteses, elencadas na introdução da pesquisa, com dados de textos reais (falados e/ou escritos) em uma abordagem pancrônica[9], com o intuito de identificar as motivações funcionais e os possíveis efeitos causados pelo papel sintático-discursivo dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto em função sintática acusativa.

Acerca dos exemplos utilizados neste trabalho, frases, períodos ou trechos parciais ou integralmente transcritos, estes estão apresentados em ordem crescente, marcados com numeração arábica, entre colchetes[10]. A construção e a exposição de gráficos, quadros (já mostrados em páginas anteriores) e tabelas permitem uma maior explanação dos conteúdos abordados em cada capítulo bem como iluminam os resultados alcançados (também apresentados em ordem crescente, com numeração arábica).

3.2 O *corpus D&G*: características e validade para a pesquisa

[9] Segundo Martellota e Kennedy (2015, p.20), o funcionalismo tende a adotar uma concepção pancrônica de mudança, observando não as relações sincrônicas entre seus elementos e nas suas relações ao longo do tempo, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam de modo universal, pois refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações.

[10] A cada capítulo, a numeração é reiniciada.

O *corpus* D&G, organizado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, é composto por amostras textuais de língua falada e escrita do português brasileiro. Todo o material foi elaborado a partir de entrevistas com indivíduos pertencentes a comunidades estudantis de níveis escolares diversos, localizados desde a alfabetização, passando pelo ensino médio, até o último ano do ensino superior. As entrevistas aconteceram no final do século XX em cinco cidades brasileiras: Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande (RS), Juiz de Fora (MG) e Natal (RN).

As entrevistas que compõem o *corpus* D&G estão segmentadas em cinco tipos de gêneros textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Todos os textos são produzidos a partir de entrevistas. Há um total de 171 participantes, distribuídos por cada estado e cidade de dados coletados: 18 da cidade de Niterói, 93 do Rio de janeiro e 20 do Rio Grande, de Juiz de Fora e de Natal. Tendo o Rio de Janeiro a maior produção de dados coletados, o que se deve ao tamanho da cidade. Cada participante produziu os cinco tipos de textos supracitados nas modalidades oral e escrita, somando-se 10 produções textuais por cada participante.

Como já citado anteriormente utiliza-se o corpus *D&G* Natal, com as especificidades apresentadas acima. Analisamos todos os gêneros textuais do *corpus* D&G Natal, visto a ocorrência do fenômeno linguístico em análise apresentar-se em todos os tipos textuais componentes do *corpus*. Há uma maior ocorrência do pronome pessoal do caso reto de terceira pessoa na narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada e relato de opinião.

A escolha por trabalhar com este *corpus* se deve pela composição e apresentação dos dados nas duas modalidades da língua (oral e escrita), nos cinco tipos textuais diferentes atribuindo à pesquisa a possibilidade de analisar as consequências sintático-discursivas da flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* nestes dois segmentos linguísticos. Desse modo, este *corpus* apresenta um vasto banco de dados capaz de fornecer o material linguístico para a testagem das hipóteses desta proposta. Assim, a utilização do *corpus D&G* Natal, possibilitará testar os dados de flutuamento do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração, possibilitando verificar se há, ou não, consequências sintático-discursivas em sua movimentação pré e pós-verbal. Como também, fornece dados para a concretização da aferição de frequência em busca da categoria prototípica do fenômeno em estudo. E por sua dualidade nos registros da língua, o referido *corpus* fornece dados contemplativos para uma análise das motivações sintáticas, semânticas e pragmáticas das ocorrências nas modalidades *oral vs escrita*.

3.3 O *corpusCLELP*: características e validade para a pesquisa

O segundo *corpus* selecionado para a análise é o *corpusCLELP*. Este *corpus* é o resultado de uma organização de textos escritos na plataforma virtual de aprendizagem (AVA – ambiente virtual de aprendizagem) do curso de Ciências da Linguagem com Ênfase no ensino de Língua Portuguesa (CLELP). O CLELP é um curso *lato sensu* ofertado a distância, (EaD), pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, campus João Pessoa, como já citado, através do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Na plataforma de aprendizagem virtual, há um conjunto de usuários oriundos de várias cidades do Nordeste, utilizando a língua de forma autêntica e efetiva. Através da plataforma virtual de aprendizagem, citada acima, os participantes construíram textos escritos em meio à interação verbal, em discussões sobre assuntos diversos, em fóruns de discussões com usuários de nível superior completo em formação *lato sensu*, como também com doutores e mestres.

O curso CLELP foi estruturado e ofertado por meio de sete disciplinas, ministradas virtualmente através de sete fóruns de forma interativa. Estes fóruns de interação que compõem o *corpusCLELP*, divididos em sete disciplinas, constituíram sete pastas de registros escritos (7RE), referentes aos anos de 2015, 2016 e 2017. As disciplinas ofertadas pelo CLELP durante a edição do curso nos anos citados e que compõem as pastas de registos (7RE) são: Metodologia do Trabalho Científico, Estratégias na EaD para Ensino de Língua, Libras à Luz das Teorias Linguísticas do Século XX, Espaços e Processos Múltiplos de Leitura & Avaliação: refletindo a produção de textos, Letramento e Letramento Midiático, Linguística Aplicada ao Ensino e Educação a Distância: Fundamentos da Educação a Distância. Todos os informantes do *corpusCLELP* são participantes matriculados no curso CLELP, atuando por meio da escrita na construção dos textos que compõem este *corpus*.

A escolha por trabalhar com este *corpus* se deve pela possibilidade de observação das funções sintáticas exercidas pelos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto, em uma amostra escrita de interação verbal mais monitorada, com falantes cursando o nível superior escolar que, supostamente, dominam um registro mais formal de uso da língua. Dessa maneira, este *corpus* apresenta um vasto banco de dados capaz de fornecer o material linguístico para ancorar nossa análise, de forma comparativa, em uma direção mais pontual na verificação das motivações comunicativas em *corpus* escrito.

3.4.1 O passo a passo metodológico, visando atender aos objetivos de pesquisa

A primeira etapa metodológica a elencar, foi a organização de uma coletânea de obras que subsidiassem uma análise bibliográfica de conceitos, classificações e funções sintáticas dos pronomes, em especifico, os pronomes pessoais do caso reto. Começamos com um levantamento e análise historiográfico acerca da categoria pronominal do português brasileiro, tendo como foco o pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto. Ancoramos este levantamento histórico em alguns manuais e gramáticas da língua latina e em gramáticas históricas da língua portuguesa, dos seguintes autores: Faria (1958); Almendra & Figueiredo (1997); Silva (2012); Rónai (2006); Said Ali (2001[1921]); Coutinho (2005 [1938]); Câmara Jr. (2013 [1970]); e Kury (1970). Nestas obras realizamos um estudo acerca da transição do quadro pronominal da língua latina para a língua portuguesa e suas classificações, funções sintáticas e conceitos operantes desta categoria.

Seguindo na primeira etapa, houve um levantamento de conceitos, classificações e funções sintáticas dos pronomes pessoais do caso reto, em algumas gramáticas tradicionais, no intuito de observar os conceitos expedidos pelos cânones.

Analisamos 04 (quatro) compêndios de gramáticas tradicionais dos seguintes autores: Bechara (2009; 2014); Cegalla (2009); Cunha e Cintra (2007) e Rocha Lima (2011). Analisamos, também, 03 (três) autores que abordam à categoria pronominal em uma vertente menos tradicional, com o objetivo de considerar concepções diversas sobre o pronome em estudo, são eles: Azeredo (2018); Castilho (2014); e Lopes et al. (2018). Ressaltando que Azeredo (2018) e Castilho (2014), também são gramáticos, o que nos possibilitou observar a categoria pronominal em perspectivas gramaticais mais centradas no tradicionalismo e em perspectivas gramaticais que já citam fenômenos linguísticos próximos ao uso. Além dos já elencados, utilizamos o autor Câmara Jr. (1970 [2013]) que em sua obra descreve a categoria pronominal em um viés estruturalista, expondo especificidades sintáticas, morfológicas e semânticas desta categoria.

Para finalizar a primeira etapa, realizamos um levantamento de estudo da arte, analisando trabalhos de pesquisadores que desenvolveram estudos sob o uso dos pronomes em perspectiva funcionalista na última década. Elencam-se os seguintes pesquisadores estudados aqui neste trabalho: Matos (2011); Vanderlei (2014); e Queiroz (2016). Com o estudo destes trabalhos pudemos traçar uma linha metodológica mais precisa sob a flutuação pronominal analisada por nosso estudo.

Em suma, fechamos a primeira etapa da pesquisa com um panorama comparativo acerca de conceitos, classificações e funções sintáticas da categoria pronominal, especificamente, os retos, por meio de levantamento bibliográfico das obras citadas, como também, um panorama funcional de estudos pronominais, por meio do levantamento do estado da arte de pesquisas desenvolvidas sobre pronomes na última década. Vale ressaltar que os trabalhos de linha funcionalista tratam das ocorrências de outros fenômenos envolvendo os usos dos pronomes já em uma abordagem discursiva, semântica e pragmática, o que serve como sugestão para a presente pesquisa por seus dados funcionais de realização linguística.

Os resultados da primeira etapa deste levantamento indicam um consenso em torno da classificação e funções sintáticas atribuídas ao pronome de 3ª pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* na hipótese de partícula agentiva da oração. Apenas um dos gramáticos, Bechara (2004) analisados observa a ocorrência deste pronome como forma completiva (de acordo com o capítulo I). Mesmo assim, atribui um *status* de inadequação de uso.

3.4.2 Segunda etapa: explicitando os procedimentos de análise dos *corpora*

Na segunda etapa, trabalharemos com a análise do primeiro *corpus*, D&G, com os textos na modalidade oral e os seus correspondentes na modalidade escrita. Selecionamos o banco de dados do *corpus* Natal. Este recorte de dados da cidade de Natal que compõe o *corpus*, já nos fornece material linguístico suficiente, além de explanar uma diversidade geográfica dos participantes da constituição do *corpus*. Esse *corpus* nos ajudou a situar a flutuação pronominal com os pronomes da terceira pessoa do caso reto mais pontualmente. O corpus D&G Natal, possibilita maior segurança na obtenção dos resultados apresentados pelos dados em relação ao português brasileiro, pois temos participantes diversos utilizando a língua de forma fluida e efetiva em território nacional brasileiro.

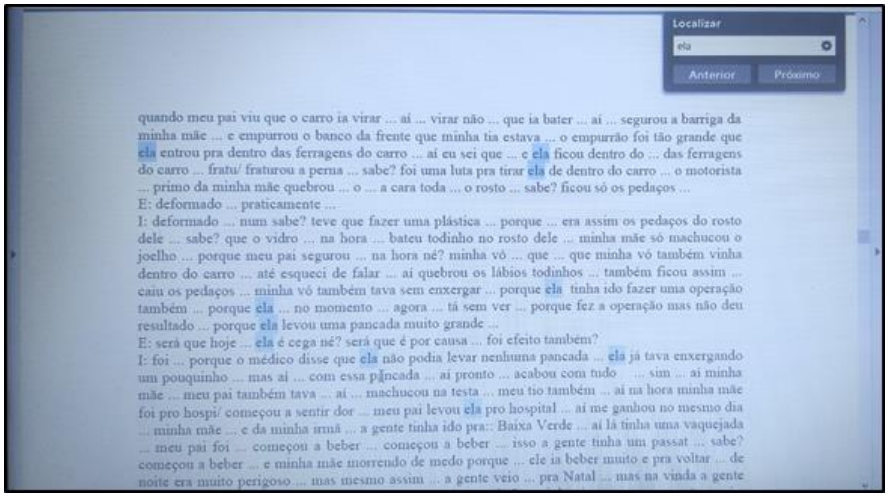
Assim, no *corpus* D&G, partiu-se de uma análise quantitativa de coleta das ocorrências do fenômeno estudado a partir de recortes textuais, nos quais apresentem-se ocorrências do pronome de 3ª pessoa do caso reto ele/ela/eles/elas em situação de acusativo (complemento verbal), tendo em vista a identificação e caracterização dos usos prototípicos dos pronomes em estudo. Vale salientar que os estudos tradicionais apontam apenas uma função sintática para o pronome em análise, a de sujeito, em posição pré-verbal. A coleta também foi realizada nos textos escritos correspondentes e produzidos pelos mesmos participantes dos textos orais. Em seguida, por meio da interpretação dos dados foi possível verificar até que ponto os usos em

diferentes modalidades de língua (oral e escrita), sinalizam a flutuação pronominal de terceira pessoa do caso reto em posição de complemento.

A coleta de dados realizou-se da seguinte maneira:

a) Primeiro, fez-se uma leitura pontual de busca de cada ocorrência do pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto em suas formas variadas *ele, ela, eles, elas*. Como os dados estão em arquivos no formato de PDF, utilizamos a ferramenta de localização do programa *Visualizador e leitor de PDF|Adobe Acrobat Reader*, anexada no menu, com o nome *localizar*. O programa apresenta os trechos onde ocorre o pronome digitado, como se pode ver na figura abaixo:

Figura 01: Identificação de pronomes por meio do Adobe Acrobat Reader



Fonte: *corpus* D&G.

Após isso, passou-se para a segunda etapa.

b) Segundo passo no *corpus*, realizou-se a contagem das ocorrências dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto, levando em consideração os seguintes critérios sintáticos em análise, na oração:

- posicionamento na oração do pronome reto de terceira pessoa: se pré-verbal, ou pós-verbal;
- função sintática exercida pelo pronome reto de terceira pessoa na oração, a depender do posicionamento dele: se pré-verbal de sujeito (subjetivo), ou se pós-verbal de complemento/acusativo (objetivo);
- a partir da frequência, identificando o item mais prototípico;
- se a frequência aponta para o uso canônico dos pronomes de terceira pessoa do caso reto apontados pela gramática tradicional ou se há alguma mudança linguística acerca do uso dos pronomes aqui estudados.

A contagem foi realizada, observando-se cada ocorrência e seguindo os critérios apontados, anteriormente, à medida que o programa *Visualizador e leitor de PDF|Adobe Acrobat Reader* demonstrava cada localização. Registramos as ocorrências em tabela, elencando cada ocorrência a seu devido gênero textual e modalidade da língua pertencente. Neste sentido, a Tabela 1 a seguir, ilustra como foram apontados e quantificados os dados observados no *corpus*:

Quadro 08: **Tabela de coleta de dados**[11]

Pronome de terceira pessoa do caso reto	**____**	**Nível de escolaridade: ensino médio**	Informante N__: Sexo: Idade:	Data da coleta: Páginas:
Gêneros textuais (modalidade oral)				
Quantidade d ocorrências	**Posição pré-verbal (sujeito)**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				

Só contabilizamos as ocorrências dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto classificados em função sintática de sujeito ou como complemento verbal.

c) Terceiro passo da etapa segunda. Em cada ocorrência identificada com o pronome pessoal reto em posição de complemento verbal, selecionamos o trecho da ocorrência, colocamos a oração em negrito, identificando modalidade de língua e gênero textual e o catalogamos em uma sequência com identificação do ano e da página. Conforme o exemplo abaixo:

[11] Nos anexos (p.101-123) apresentamos algumas tabelas preenchidas, resultadas dos apontamentos e observações dos pronomes em estudo nos textos do *corpus*.

> **Narrativa de experiência pessoal (modalidade de língua - oral)**
> gente era um amor assim ... infantil mesmo ... a gente ... **eu tinha ele como um amigo** ... um irmão ... uma coisa assim ... aí ... hoje em dia eu tô noiva ... ele também ... a gente se fala assim ... **mas nunca mais eu avistei ele** ... um dia a mãe dele passou aqui e disse ... "cadê Rose ... (D&G NATAL, 1993, p. 106).

Após a coleta dos dados, houve a contagem das ocorrências pronominais no *corpus* supracitado, verificando a posição sintática assumida pelo pronome de terceira pessoa do caso reto na posição pós-verbal, na qual, especificamente, ele está em funcionamento sintático de complemento, pois compõe a parte acusativa da oração. Vale salientar que na contagem dos dados, observamos, também, a tendência verbal recorrente nos usos do pronome do tipo analisado. Desta forma, foi possível identificar que tipo de verbos são mais regulares. A partir desta identificação, foi possível construir uma tabela com tais verbos.

3.4.3 Terceira etapa: apresentando a coleta de dados e análise dos *corpora*

A terceira etapa se constitui em uma coleta de dados e análise do *corpusCLELP* com o intuito de perceber se o movimento flutuante pronominal de terceira pessoa do caso reto ocorre em um ambiente de interação verbal mais monitorado, já que os participantes dos fóruns possuem um nível de formação acadêmica superior e, supõe-se, possuírem um domínio maior da modalidade padrão da língua. Assim, foi possível contrastar as ocorrências nos corpora *(D&G e corpusCLELP*), por meio da quantidade de ocorrências dos pronomes *ele/ela/eles/elas* em posição acusativa, quando tais pronomes atuam como complemento. Em seguida, realizou-se um trabalho descritivo/interpretativo dos dados, observando se os *corpora* sofrem as mesmas motivações comunicativas em direção de uma mudança linguística.

Como procedimento similar ao tratamento do primeiro *corpus*, após a coleta dos dados, iniciamos a contagem das ocorrências da flutuação pronominal no *corpusCLELP*, verificando a posição sintática assumida pelo pronome de terceira pessoa do caso reto na posição pós-verbal, funcionando sintaticamente como complemento, em uma posição acusativa. Utilizamos as mesmas ferramentas virtuais e o mesmo procedimento metodológico de contagem que utilizamos no corpus D & G. Nesta direção, como amostra, elencamos duas pastas de registro do *corpusCLELP* para a análise, são as seguintes: pasta 01 (um), Metodologia do Trabalho Científico; pasta 02 (dois) Estratégias na EaD para Ensino de Língua. A escolha se deu por estas 02 (duas) pastas apresentarem condições de diálogos intermediados por diferentes participantes.

No *corpusCLELP*, verificamos, em contraste com o *corpus* D&G, se ocorre o mesmo fenômeno de pronomes do caso reto em função de complemento e a mesma proporção, em um corpus de realização linguística mais monitorado, visto que os participantes dos fóruns do CLELP têm a oportunidade de escrever e reescrever seus discursos, normalmente mediados pelo docente da disciplina. Assim, após a contagem das ocorrências no primeiro *corpus*, selecionamos as ocorrências mais recorrentes no objetivo de observar como os mesmos pronomes se comportam no segundo *corpus*.

Assim, a partir dos dados descritos, elencados e analisados dos *corpora*, aferiu-se a função prototípica do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele*, *ela*, *eles*, *elas* e atestaram-se as consequências sintático-discursivas na flutuação deste pronome, quando em posição pós-verbal. A partir da frequência de ocorrências dos pronomes retos em posição acusativa, é possível observar que há uma variação sintática no uso dos pronomes retos ao ocuparem a posição acusativa, própria dos pronomes átonos e tônicos. Portanto, percebe-se a flutuação sintática pronominal na colocação dos pronomes retos de terceira pessoa, na medida em que a mesma forma pronominal desempenha duas funções sintáticas diferentes. O movimento flutuante pronominal caminha em perspectiva de mudança linguística, considerando o princípio de camadas e de divergência, já que tal fenômeno apresenta a mesma forma (pronome de terceira pessoa do caso reto) desempenhando funções distintas. Na mesma medida, ainda que o pronome de terceira pessoa do caso reto passe a ocupar funções características da posição pós-verbal, os pronomes átonos não desaparecem nesta posição e também na função sintática de complemento verbal.

No próximo capítulo, apresentamos as análises, seguindo as indicações da metodologia aqui apresentada.

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Considerando os procedimentos metodológicos descritos no capítulo III, apresentaremos os resultados do tratamento dos dados em paralelo às funções assumidas pelos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas*, devido a seu posicionamento pré-verbal, agentivo ou pós-verbal, acusativo, segmentados no uso comunicativo nas orações dos dados coletados. Esta variação de posicionamento oracional, pré-verbal ou pós-verbal, do pronome reto de terceira pessoa, oriunda das pressões discursivas do uso (fora do tradicionalismo gramatical, que propõe, apenas, a função de sujeito) é um movimento flutuante que parte da relação entre função e forma linguística e aponta para processos de mudança linguística, visto que uma forma está exercendo funções sintáticas divergentes das já cristalizadas pela tradição gramatical, acarretando um novo relevo discursivo ao ato comunicativo.

Foi de suma importância analisar a frequência dos usos dos pronomes pessoais retos em função acusativa/objetiva, primeiro no corpus *D&G* e depois no *corpusCLELP*. Para ilustrar as ocorrências e as análises, seguem abaixo gráficos e tabelas, bem como, análises do fenômeno linguístico abordado neste trabalho. É importante ressaltar que toda pesquisa segue o direcionamento apontado pela Linguística Funcional Clássica, com os princípios de prototipicidade e mudança linguística, considerando que a gramática emerge das situações de uso da língua mediante as pressões discursivas nela exercidas, pelos contextos comunicativos.

4.1 Funções sintáticas desempenhadas pelos pronomes retos de terceira pessoa

O corpus D&G, Natal, (1993), apresentou aproximadamente 2429 (duas mil quatrocentos e vinte e nove) ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto. Estas ocorrências estão distribuídas nas modalidades oral e escrita, conforme o *corpus* referido.

Todas as 2429 ocorrências do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* foram analisadas sintaticamente (conforme procedimento descrito no capítulo três, seção 3.4). É a partir destas análises que inicia o percurso de observação acerca das consequências sintático-discursivas na flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais.

Por meio da verificação da função sintática exercida pelos pronomes retos de terceira pessoa: sujeito e complemento verbal (objeto direto[12]), em cada uma das 2.429 ocorrências, chegou-se aos resultados apresentados no quadro 09 (nove), que atesta e justifica a aferição cabível entre as ocorrências analisadas e o conceito de protótipo desta categoria.

Vejam-se os quadros:

Quadro 09: Ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto no corpus D&G (Natal)

PRONOMES ele/ela/eles/elas	**POSIÇÃO DE SUJEITO**	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO**	**TOTAL DE OCORRÊNCIAS**
QUANTIDADE	2270	159	2429
PORCENTAGEM	**93,4%**	**6,6%**	**100%**

Fonte: D&G, Natal (1993).

A partir do quadro 09 (nove), pode-se verificar que 93,4% das ocorrências do pronome de terceira pessoa do caso reto estão em função sintática prevista pela gramática tradicional: de sujeito, posição pré-verbal. Representando também quase a totalidade das ocorrências do pronome analisado nas duas modalidades da língua (oralidade e escrita).

No mesmo quadro, temos 6,6% das ocorrências do pronome reto de terceira pessoa, exercendo a função sintática de complemento verbal: posição pós-verbal (objeto direto). Posição e função sintática previstas pela gramática tradicional, para serem desempenhadas pelos pronomes oblíquos (átonos e tônicos). Especificamente, nas ocorrências catalogadas no recorte do corpus *D&G*, os pronomes pessoais retos de terceira pessoa estão exercendo a função de acusativo verbal, logo, se apresentam como anafóricos oracionais na posição sintática dos pronomes átonos, como no exemplo abaixo:

Narrativa recontada (modalidade de língua - oral)
[1] ... aí ... mas corria tanto ... sabe? velocidade mesmo ... aí eu sei que, eles começaram a se conhecer e tudo ... aí depois **... ele levou ela pro hotel** ... o hotel super chique ... (D&G NATAL, 1993, p. 108)

Análise sintática:

[12] Ressaltamos que as análises sintáticas foram realizadas sob a égide da gramática tradicional que como já citado, prevê, apenas a categoria de sujeito para os pronomes em questão (capítulo 1).

Ele = pronome pessoal do caso reto terceira pessoa do singular/função sintática de sujeito/posição oracional – pré-verbal.

Levou = verbo transitivo direto e indireto/presente do indicativo

ela = pronome pessoal do caso reto, terceira pessoa do singular/função sintática de complemento verbal (acusativo)/posição oracional – pós-verbal.

Narrativa recontada (modalidade de língua - oral)
[2] ... daquela historinha que ele tinha lido de recorte de jornal né ... e parece que teve um momento em que **o doutor Carrilho chamou ele pra** sen/ ficar na mesa com o pessoal porque tinha vagado o lugar e ele foi pra mesa e ... (D&G NATAL, 1993, p. 48)

Análise sintática:

Doutor Carrilho = substantivo próprio/função sintática de sujeito/posição oracional – pré-verbal.

Chamar = verbo transitivo direto e indireto/pretérito perfeito

ele = prenome pessoal do caso reto, terceira pessoa do singular/função sintática de complemento verbal (acusativo)/posição oracional – pós-verbal.

Relato de opinião (modalidade de língua - oral)
[3] I:Ório passa quatro horas no *video game* ... assim ... a manhã inteira no *video game* ... quando ele tá de férias ou final de semana que ele tá em casa ... ele vê *video game* direto e num quer nem que ninguém fale na sala pra num atrapalhar ou então ... às vezes eu ... eu tô lá na casa dele e ... **nós ouvimos ele** ... "ô meu Deus ... né possível" ... aí eu chego lá perto ... "o que foiÓrio?" "eu num consegui matar esse homem ... eu num consegui matar" ... (D&G NATAL, 1993, p. 70)

Análise sintática:

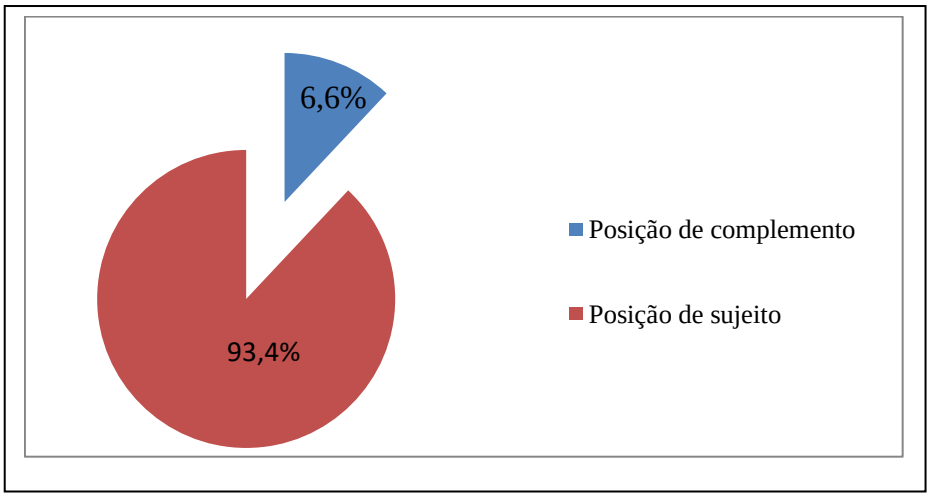
nós = pronome pessoal do caso reto, primeira pessoa do plural /função sintática de sujeito/posição oracional – pré-verbal.

ouvir = verbo transitivo direto /presente do indicativo

ele = prenome pessoal do caso reto, terceira pessoa do singular/função sintática de complemento verbal (acusativo)/posição oracional – pós-verbal.

Seguindo a análise das ocorrências expostas no quadro 09 (nove), e explícita no gráfico 01 (dois) abaixo, as asserções motivadas pela frequência do pronome pessoal do caso reto direcionam a aferir os conceitos de protótipo.

Gráfico 01: frequência de ocorrências do pronome *ele/ela/eles/elas* em posição de sujeito/em posição de complemento (D &G)



Fonte: Autor.

Nota-se, pelo gráfico 01 (um), a possibilidade de observar um dos vieses que vão indicar as características da função sintático-discursiva do pronome reto de terceira pessoa: a frequência das ocorrências. Este papel aponta para informações previstas, a partir da função sintática desempenhada pelo pronome (independente da sua posição na sentença). Neste sentido, há muito mais sentido em afirmar-se que 93,4% de frequência indica que a função sintática é prototípica e não a posição do pronome. Portanto, vale reforçar que a função prototípica do pronome de terceira pessoa do caso reto é de sujeito, embora haja ocorrência de 6,6% de função sintática de complemento verbal desempenhada por tal pronome.

Quadro 10: Ocorrência do pronome reto complemento verbal: modalidade oral e escrita

Modalidade escrita	**Modalidade oral**
10%	**90%**

Fonte: Autor (2019).

O quadro 10 (dez) apresenta o percentual nas duas modalidades de ocorrência (oral e escrita), quando o pronome está atuando como complemento verbal. Ressalte-se, no entanto, que o total, neste caso, refere-se aos 6,6 % de ocorrência, verificada no Grafico1 (equivalente a 159 ocorrências das 2429).

Por isso, embora, proporcionalmente, seja bem mais baixa a ocorrência do pronome nesta função, sob nossa perspectiva, é neste recorte sintático-discursivo diverso que supomos

que a flutuação seja mais perceptível. Especialmente se considerarmos a modalidade oral em oposição à modalidade escrita.

Ademais, reforçando nossas hipóteses da flutuação do pronome reto de terceira pessoa, é bastante interessante notar que neste *corpus* é possível dizer que a atuação do pronome, enquanto objeto direto, tem baixa frequência em comparação à função prototípica do mesmo pronome. Contudo, se considerarmos a previsão de que tais posições e funções deveriam ser desempenhadas por pronomes átonos, é possível afirmar que o pronome reto de terceira pessoa, de fato, começa a ocupar um espaço no discurso em virtude da menor frequência, quase ausência, do pronome átono *o/a/os/as*, se comparado ao pronome de terceira pessoa do caso reto.

Quadro 11: Função sintática complemento verbal dos pronomes *ele/ela/eles/elas* em posição de complemento verbal em comparação aos pronomes *o/a/os/as*.

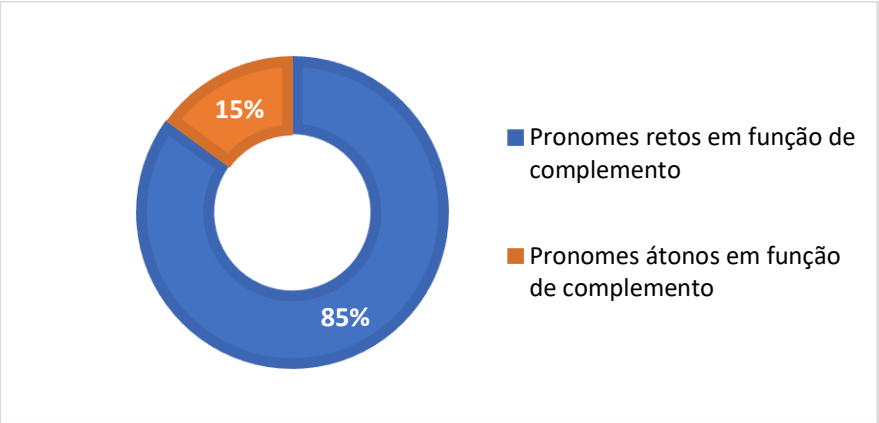
POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) **Pronome – ele/ela/eles/elas**	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL** **Pronome – o/a/os/as**
159	28

Fonte*:* D&G, Natal (2013).

Diante do exposto, é possível afirmar que no corpus D&G, predominantemente em textos da modalidade oral, o pronome pessoal do caso reto tem função prototípica de sujeito, bem como sua posição no discurso se confirma como aquele que age e/ou aquele que diz. Do mesmo modo, é possível afirmar a disposição deste pronome para ocupar posição e função sintática previstas para pronomes átonos. A considerar que o pronome átono já seria uma espécie de variação do pronome reto, podemos admitir que este ambiente morfossintático é estimulado por uma relação dêitica em que aquele que diz (pronome pessoal reto) começa a emprestar características de si, a aquele que aponta para quem diz (o pronome átono).

Diante do exposto, ainda que a função prototípica do pronome átono seja de complemento verbal, já é possível garantir que o pronome pessoal do caso reto começa a ocupar um espaço/função que, sob nossa perspectiva, é motivado por questões sintática-discursivas.

Gráfico 02: Frequência de ocorrências do pronome *ele/ela/eles/elas* em posição de complemento verbal em comparação aos pronomes *o/a/os/as.*



Fonte: Autor (2019).

Já no *corpusCLELP*, predominantemente escrito, ainda que influenciado por certo grau de traços de oralidade, em função de seu ambiente virtual, foi possível observar comportamento bastante distinto do *corpus* anterior, sem necessariamente refutar nossa hipótese de flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto.

Quadro 12: Ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto no *CorpusCLELP*

PRONOMES ele/ela/eles/elas	**POSIÇÃO DE SUJEITO**	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO**	**TOTAL DE OCORRÊNCIAS**
QUANTIDADE	3.720	00	3.720

Fonte: Autor (2019).

Pelo exposto no quadro 12 (doze), atesta-se, no *corpusCLELP*, a frequência de 100% das ocorrências do pronome de terceira pessoa do caso reto em posição pré-verbal e função sintática de sujeito, prevista pela gramática tradicional. Não houve ocorrência, neste *corpus*, do pronome do caso reto em função sintático-discursiva de complemento verbal, não registrando-se, assim, nenhuma intercorrência de colocação sintática do pronome de terceira pessoa do caso reto em posição sintática configurador da flutuação pronominal.

Um fator importante acerca da posição de sujeito dos pronomes de terceira pessoa do caso reto no *corpusCLELP*, é o caráter semântico-discursivo de características *fórico*[13] na oração.

Seguem alguns exemplos abaixo:

[4]: Respondendo as indagações acima **o aluno** precisa ter características específicas: não pode ser uma pessoa que precise da atenção ativa do professor e deve ter disciplina, devem ainda estar acompanhadas da automotivação, pois, apesar de contar com a ajuda do professor, do tutor e dos colegas, **ele** também precisa ter muita vontade de estudar. (corpusCLELP, FORÚM 1. PASTA - EAD, 2018, p. 87.)

Análise:

Aluno = morfologicamente – substantivo/sintaticamente - sujeito do primeiro período/semanticamente – elemento referenciador da argumentação do período.

ele = morfologicamente – pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto/sintaticamente – sujeito – posição pré-verbal/semanticamente – elemento anafórico, retoma o substantivo referente "**aluno**", elemento textual, exercendo função fórica na oração.

Visto que a flutuação está entre aspectos sintáticos da colocação pronominal e aspectos discursivos (contexto comunicativo, aspectos situacionais e extralinguísticos) do uso efetivo da língua, constata-se que em uma modalidade linguística, com possiblidade de monitoramento do ato comunicativo, a variação sintático-discursiva do pronome sob estudo apresenta-se de maneira reduzida, ou não apresenta ocorrências, como é o caso do *corpusCLELP*.

De maneira contrastiva, percebemos o uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto exercendo a função de complemento verbal em gêneros orais e escritos (em frequência menor) no *corpus D&G*. No *corpusCLELP*, a função sintática de complemento verbal é ocupada pelo pronome átono, como previsto pela GT, exercendo a função sintática de complemento verbal. Como aponta o quadro a seguir:

Quadro 13: Comparativo de ocorrências dos pronomes de terceira pessoa do caso reto nos corpora *D&G* Natal e *corpusCLELP*

Corpus CLELP	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/ela/eles/elas**	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – o/a/os/as**	**Total de ocorrências:**

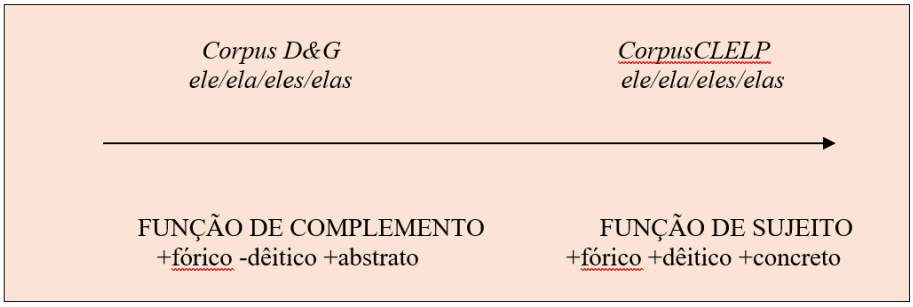
[13] Propriedade anafóricas e catafóricas.

Quantidade	3.720	792	4.512
Corpus D&G	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/ela/eles/elas**	**POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – o/a/os/as**	**Total de ocorrências:**
Quantidade	159	28	187

Fontes: D&G , corpusCLELP.

Observa-se que no *corpusCLELP* o pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto, discursivamente, apresenta propriedades de natureza +fórica (de fazer referência) e - dêitica. Uma vez que os usos apontam +referências a pessoas e/ou referentes internos do texto e - referências a pessoas ou referentes externos ao texto. Enquanto, elementos fóricos ou anafóricos, os pronomes pessoais retos de terceira pessoa apontam na direção de um referente localizado no espaço físico do texto, um lugar +abstratizado, pois é o lugar no texto. Isso não quer dizer que nesta função sintático-discursiva-anafórica os pronomes perderam suas propriedades dêiticas de remeterem às pessoas do discurso, mas que junto às propriedades dêiticas, os pronomes agregaram propriedades fóricas. Logo, quando os pronomes pessoais retos de terceira pessoa ocupam posição pós-verbal, função sintática acusativa, remetem a referentes textuais, em sua maioria retomando pessoas citadas no discurso, como exposto nos recortes do *corpus D&G* (159 ocorrências em posição de complemento). Eles fixam propriedades +fórico, -dêiticas, tendo características discursivas +abstratos quando ocupam posição pré-verbal, função sintática subjetiva (sujeito), tendem a ser +fóricos, fixam propriedades +dêiticos, características discursivas +concretos.

Figura 02: Régua de gradação das funções e propriedades sintático-discursivas do pronome de terceira pessoa do caso reto em função de flutuação.



Fonte: Autor (2019).

Na seção a seguir, apresentaremos uma análise dos verbos motivadores das ocorrências dos pronomes pessoais do caso reto em função acusativa, flutuação pronominal, visto a importância da frequência das ocorrências para a aferição da função prototípica (já apresentada nesta seção) e do princípio de gramaticalização de mudança e variação linguística.

4.2 Relação dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto em função acusativa com verbos motivadores

Como proposta metodológica e pelo fato da importância da frequência na direção de testar as proposições levantadas na introdução deste trabalho, apresentamos a seguir, o quadro 14 (quatorze), que trata do quantitativo de verbos mais regulares nas ocorrências dos pronomes pessoais do caso reto em função acusativa. Observa-se se há regularidade na especificidade verbal (do uso oral e espontâneo da língua) motivadora da flutuação.

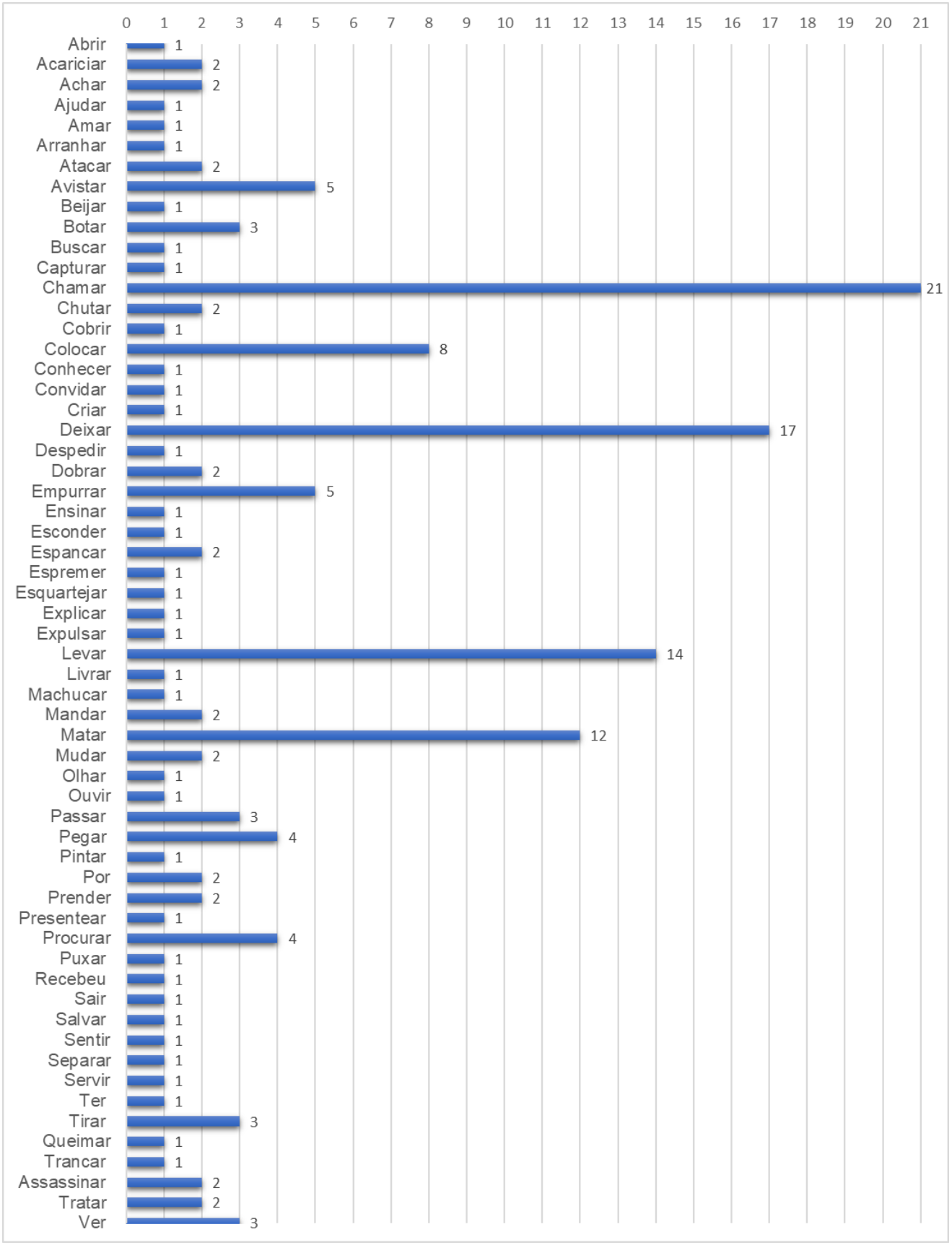
Neste item, só trabalharemos com os dados fornecidos pelo *D&G*, visto o flutuamento dos pronomes retos de terceira pessoa ocorrer apenas neste *corpus* analisado por este estudo.

Quadro 14: Frequência de ocorrências verbais com os pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* no *corpus D&G*

Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência
Abrir	1	Buscar	1	Despedir	1
Acariciar	2	Capturar	1	Dobrar	2
Achar	2	Chamar	21	Empurrar	5
Ajudar	1	Chutar	2	Ensinar	1
Amar	1	Cobrir	1	Esconder	1
Arranhar	1	Colocar	8	Espancar	2
Atacar	2	Conhecer	1	Espremer	1
Avistar	4	Convidar	1	Esquartejar	1
Beijar	1	Criar	1	Explicar	1
Botar	3	Deixar	17	Expulsar	1
Levar	14	Mudar	2	Pintar	1
Livrar	1	Olhar	1	Por	2
Machucar	1	Ouvir	1	Prender	2
Mandar	2	Passar	3	Presentear	1
Matar	12	Pegar	4	Procurar	4
Puxar	1	Sair	1	Sentir	1
Recebeu	1	Salvar	1	Separar	1
Servir	1	Tirar	3	Trancar	1
Ter	1	Queimar	1	Assassinar	2
Ver	3				

Fonte: Autor.

Gráfico 03: Verbos e quantidade de ocorrências



Fonte: Autor (2019).

Com o objetivo de contextualizar as ocorrências dos verbos presentes no processo de flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto *ele,ela,eles,elas*, presentes no quadro 14 (p. 79) e no gráfico 03 (p. 81), apresentamos alguns exemplos a partir do *corpus* D&G Natal:

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[05] I: é ... da areia ... exatamente ... muito sujo ... aí ... de/ aí chamando né ... aí chamando "papai" né ... chamando "papai ... papai ..." aí e pedindo **pra salvar ele né** ... só que ele num tava entendendo por que salvar né? aí abraçou o filho né ... e ele todo estanho ... num ria nem nada ... só dizia "papai" ... aí abraçou o filho né ... aí **chamou ele pra** casa pra tomar um banho né ... (D&G Natal, 1993, p. 07).

(verbo/salvar + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[06] I: ((riso)) aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e **aí ele empurrou ele** pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá ... num quis entrar ... aí o **velho expulsou ele** de casa né ... porque num queria que ele visse é:: a mulher dele lá ... (D&G Natal, 1993, p. 08).

(verbo/empurrar + ele/pós-verbal = função de objeto direto - (verbo/expulsou + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa de experiência pessoal (modalidade da língua – oral)

[07] aí ... aí a gente ficou assim ... eu fiquei ... eu fiquei curioso pra saber ... mas eu também **não deixei ela falar** ... pa ... pa ... pra curiosidade ser melhor ... aí ... chegou à noite ...pra gente naquela formalidade toda ... teve culto e tudo mais ... (D&G Natal, 1993, p. 81).

(verbo/deixar + ela/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[08]... então ... o finalzinho do filme ... do um ... é:: **o doutor Brown deixa ele lá** ... **deixa ele no**:: no ... em mil novecentos e oitenta e cinco e vai para o futuro ... quando volta do futuro ... mas ... no filme mesmo ele volta e diz que tem algum problema com os filhos dele ... (D&G Natal, 1993, p. 84).

(verbo/deixar + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa de experiência pessoal (modalidade da língua – oral)

[09] gente era um amor assim ... infantil mesmo ... a gente ... **eu tinha ele como um amigo** ... um irmão ... uma coisa assim ... aí ... hoje em dia eu tô noiva ... ele também ... a gente se fala

assim ... **mas nunca mais eu avistei ele** ... um dia a mãe dele passou aqui e disse ... "cadê Rose ... (D&G Natal, 1993, p. 106).

(verbo/ter + ele/pós-verbal = função de objeto direto - verbo/avistar + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[10] E: então por que que **ele levou ela** pro motel? (D&G Natal, 1993, p. 108)

(verbo/levar + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[11] esse amigo dele que **mandou matar ele** ... e os dois caras ... **que mataram ele** ... aí no final morreram ... e o espírito deles não ficaram na terra ... porque foram logo pro inferno ... vinha logo aquelas sombras buscar ... sabe? (D&G Natal, 1993, p. 110)

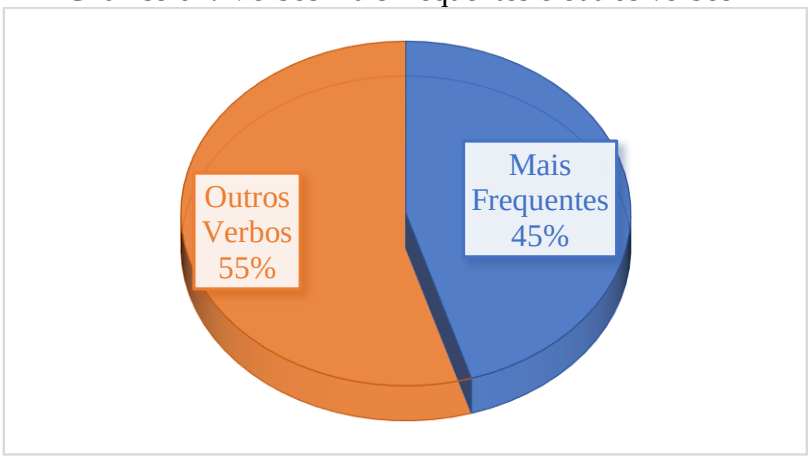
(verbo/mandar + ele/pós-verbal = função de objeto direto - verbo/matar + ele/pós-verbal = função de objeto direto)

Destarte, no quadro 09 (nove) apresenta-se 159 ocorrências do pronome de terceira pessoa do caso reto em função sintática acusativa. Logo, é possível atestar que há um conjunto de verbos mais regulares na ocorrência da flutuação pronominal. Registram-se 60 (quarenta) verbos, para 159 ocorrências. Em termos regulares, há uma aferição de uma média de 03 (três) ocorrências para cada verbo.

Diante da frequência apresentada, percebe-se que há um conjunto de verbos motivadores da flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto. Como também, há uma demanda maior da frequência destes verbos no ato verbal e fluido da língua, atendendo as necessidades comunicativas dos usuários.

Neste segmento, dos 60 (sessenta) verbos selecionados, é perceptível que apenas 05 (cinco) detêm uma regularidade maior, representando 42,6% das ocorrências. Ou seja, das 159 ocorrências dos pronomes retos em flutuação sintático-discursiva, 72 ocorrem com estes cinco verbos citados. Abaixo, apresentamos o gráfico 04 (quatro) sistematizando estas ocorrências.

Gráfico 04: Verbos mais frequentes e outros verbos

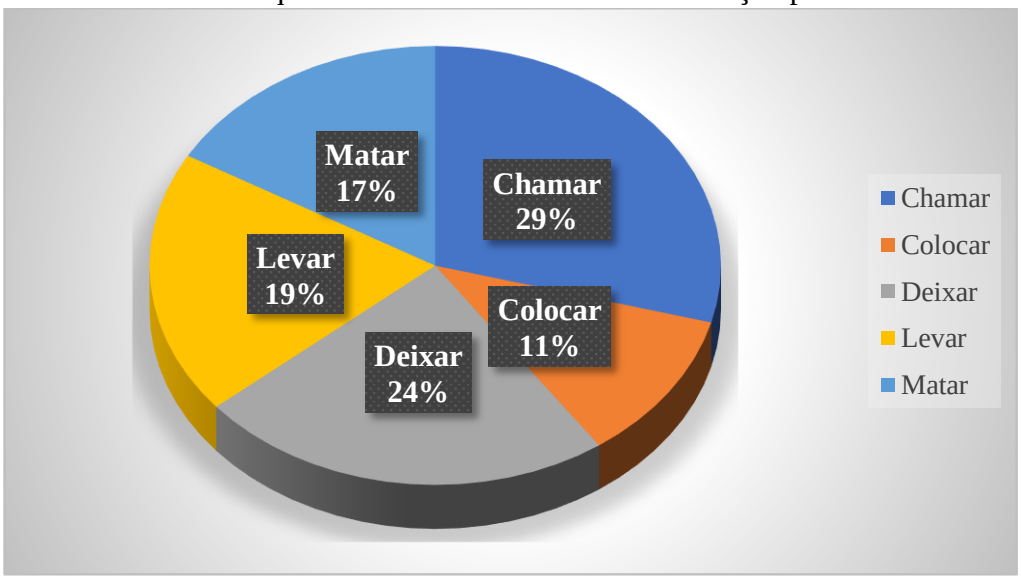


Fonte: Autor (2019).

A partir da análise do gráfico 04, afirma-se o uso decorrente de um conjunto de verbos representados em um recorte de motivações comunicativas que talvez não possam ser ainda delimitados como motivadores da flutuação. Entretanto, este conjunto verbal apresenta uma regularidade de ocorrências possíveis de delimitação e de determinar as escolhas verbais que ocorrem juntos aos pronomes retos de terceira pessoa em posição pós-verbal, exercendo função sintático-discursiva de acusativo.

A seguir, o gráfico 05 (cinco) recorta as ocorrências verbais que mais se relacionam com os pronomes pessoais do caso reto ele, ela, eles, elas em flutuação, a partir do *corpus* D&G Natal. São eles: chamar 29% (21 ocorrências), deixar 24% (17 ocorrências), levar 19% (14 ocorrências), matar 17% (12 ocorrências) e colocar 11% (08 ocorrências):

Gráfico 05: Verbos que mais se relacionam com a flutuação pronominal



Fonte: Autor (2019).

Para exemplificar a ocorrência dos verbos presentes no gráfico 05, apresentamos os seguintes períodos:

Relato de opinião (modalidade da língua – oral)

[12] aí eu sei que ele tava muito ... muito (avaliado) né ... um rosto muito estragado ... aí levaram lá os outros alunos o amigo dele ... **levaram ele** lá pra enfermaria lá ... e ele que tava lá teve que prestar socorro ao cara lá né ... (D&G NATAL, 1993, p. 05).

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[13] I: é ... da areia ... exatamente ... muito sujo ... aí ... de/ aí chamando né ... aí chamando "papai" né ... chamando "papai ... papai ..." aí e pedindo **pra salvar ele né** ... só que ele num tava entendendo por que salvar né? aí abraçou o filho né ... e ele todo estanho ... num ria nem nada ... só dizia "papai" ... aí abraçou o filho né ... aí **chamou ele pra** casa pra tomar um banho né ... (D&G NATAL, 1993, p. 07).

Relato de procedimento (modalidade da língua – oral)

[14] fique em formato de bolo ... então o arroz tá quase pronto ... já tá sem água ... então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma **e deixo ele esfriar bem socado** ... né ... como eu já disse que é pra ele poder virar como bolo ... (D&G NATAL, 2013, p. 21).

Narrativa de experiência pessoal (modalidade da língua – oral)

[15] I: não ... tudo bem ... exatamente porque nos presídios é:: de hoje em dia ... você ... a pessoa mata ... **você põe ela no presídio** ... ela entra em contato ... às vezes ... com pessoas muito mais perigosas que ... que **só ensinam ela a matar** ... (D&G NATAL, 2013, p. 80).

Narrativa recontada (modalidade da língua – escrita)

[16] No final do filme seu amigo **morre e os homens que mataram ele**. E sua noiva consegui se comunicar livremente com ele através de um espirita e logo após ele se vai de uma forma muito bonita. (D&G NATAL, 1993, p. 125)

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)

[17] então a única maneira foi **colocar ela** num convento ... separado da cidade ... talvez fosse o único lugar que eles não fossem ... procurar ... e isso a ... a mulher né ... ela era ... era negra e era super ... assim ... a maneira dela ... o jeito dela era assim muito doida sabe ... muito bagunçada ... se vestia muito bem à vontade ... um dia tava de um jeito ... outro dia tava de outro totalmente diferente. (D&G NATAL, 1993, p. 130)

Portanto, é possível afirmar que o movimento flutuante dos pronomes de terceira pessoa do caso reto, no *corpus* analisado, tem ocorrência maior com um conjunto de verbos

em modalidade oral. Como exposto, são 159 ocorrências. Deste total, há 60 verbos da língua portuguesa em uma relação de frequência maior nas ocorrências. Destes verbos, há 05 (cinco) que preenchem 45% das ocorrências totais, tendo no verbo "chamar" o mais frequente destes.

Diante dos dados expostos, é perceptível que os usuários, principalmente os que participam do *corpus* D&G Natal, para atender às demandas comunicativas na interação verbal, de alguma maneira, selecionam, por algum motivo, estes verbos, principalmente ao que concerne à vertente oral da língua. Este movimento linguístico de consonância dos pronomes com verbos motivadores emerge das pressões discursivas do uso da língua, considerando a gramática sob perspectiva funcional, na qual as formas linguísticas emergem das funções do uso da língua no discurso.

4.3 A Relação da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto com os princípios de mudança linguística

Um dos aspectos importantes no âmago desta pesquisa é o processo de gramaticalização, consequência de usos regulares e frequentes das formas linguísticas no discurso. Inerentes ao processo de gramaticalização estão os fenômenos da mudança e variação linguística, decorrentes de consequência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular das línguas. Nesta perspectiva, apresenta-se, a seguir, a análise de alguns recortes retirados do *corpus* D&G Natal, sob a vertente teórica dos princípios de gramaticalização de *camadas*, direcionados por Hopper (1991), cujo conceito versa sobre os usos que os elementos linguísticos podem assumir, prevendo a coexistência entre unidades da língua. Ou nas palavras de Martelotta (2015, p. 49) "o princípio de camadas refere-se ao fato de as línguas frequentemente possuírem mais de uma forma para desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso, importante registrar que a nova forma não implica o desaparecimento da forma já existente". Para a análise desse princípio, elencam-se fragmentos em que a forma pronominal de terceira pessoa do caso reto está em flutuação sintático-discursiva, posição pós-verbal, função sintática de complemento verbal, função não prevista pela GT, assim como, fragmentos textuais em que os pronomes oblíquos desempenham esta função[14], prevista pela GT.

Para segmentar o exposto acima, acerca do princípio de camadas, seguem, abaixo, ocorrências com o pronome de terceira pessoa do caso reto em flutuação sintático-discursiva,

[14] Nesta seção só apresentaremos o recorte dos corpora do D&G, visto o corpusCLELP não apresentou nenhuma ocorrência de flutuação pronominal de terceira pessoa do caso reto.

exercendo função sintática de complemento verbal, em posição pós-verbal. E a mesma forma pronominal de terceira pessoa exercendo função sintática de sujeito em posição pré-verbal. A mesma forma exercendo duas funções, sem que uma anule a outra. Assim como, seguem ocorrências de pronomes átonos exercendo as funções de complemento verbal, como as formas pronominais previstas pela GT para estes papéis sintáticos. Ou seja, mesmo os pronomes retos exercendo as funções sintáticas dos átonos, estes continuam existindo, uma forma não anula a outra. Como observa-se nos exemplos abaixo:

Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)
[18]o ex-namorado dela tava ... o ex-amante né **... tava procurando ela** ... e a polícia investigando e tal ... pra descobrir pistas de onde ele tava ... como fazer pra **prendê-lo e** tal ... (D&G NATAL, 1993, p. 131)
Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)
[19] ... né ... eles conheciam ele ... ... não ia **deixar ela** ter visto assim. (D&G NATAL, 1993, p. 130)
Narrativa recontada (modalidade da língua – oral)
[20] esse morto tinha pedido para que **ele as** procurasse quando ele conseguisse sair da prisão e (D&G NATAL, 2013, p. 18)

Análise:

a) ...tava procurando **ela** = ela: posição pós-verbal, complemento verbal, flutuação sintático-discursiva;
b) **Ele** ia procurá-**la** = ele: posição pré-verbal, sujeito; la: pronome átono, função sintática de objeto direto;
c) **ele as** procurasse = **ele**: posição pré-verbal, sujeito; **as**: pronome átono, função sintática de objeto direto;

Observa-se em torno do verbo “procurar”, e de sua locução verbal, as formas pronominais do caso reto de terceira pessoa em função de complemento verbal, como em [19] e [18], e de sujeito em [20], ou seja, a mesma forma “ele/ela” desempenhando funções sintáticas de sujeito e de complemento verbal. No mesmo segmento, em [20] tem-se a forma pronominal átona “as” desempenhando a função de objeto direto e a forma pronominal “ele” desempenhando função sintática de sujeito. Ou seja, em algumas ocorrências, a forma pronominal “ele” assume função sintática não prevista pela GT, em outras ocorrências o mesmo pronome assume função sintática de complemento verbal, uma função desempenhada pelos pronomes átonos. Contudo, mesmo o pronome “ele” assumindo a função sintática de um pronome átono, esta ocorrência sintática não anula os átonos que continuam existindo normalmente como mostram as ocorrências [18], [19] e [20].

Para melhor observarmos a flutuação por meio dos princípios de camadas nas modalidades da língua, apresentamos recortes do *corpus* D&G Natal, nas modalidades orais e escrita da língua. Seguem recortes abaixo:

Narrativa recontada – escrita

[21] **Colocou ele** pra dentro e foi dormir mas quando acordou e procurou ele não o encontrou mais. Foi outro dia no cemitério com o velho, levando ferramentas para cavar, depois de muito procurar encontraram as pedras, sim mais antes disso o homem descobrio que o velho já havia morrido também e como essas istória nunca tem fim, termina assim. (D&G NATAL, 1993, p. 14)
[22] Ao chegá-las no hotel o rapaz tirou o seu casaco **e colocou-o nela,** porque o seu traje não estava adequado p/ o ambiente, que só existia pessoas bem vestidas. (D&G NATAL, 1993, p. 124)
[23] No final do filme seu amigo morre e **os homens que mataram ele**. E sua noiva consegui se comunicar livremente com ele através de um espirita e logo após ele se vai de uma forma muito bonita. (D&G NATAL, 1993, p. 125)
[24] No assassinato de Míriam, eu também fiquei muito chocada, porque o assassino confessou que matou a criança porque ela estava chorando demais, mas o seu pai acha que **ele a estuprou** e depois matou, dividiu as partes do corpo e enterrou em lugares diferentes. (D&G NATAL, 1993, p. 126)

Narrativa recontada – oral

[25] polícia ... **ele a ameaçou** de morte ... quando ele ameaça de morte a menina ... o advogado chega ... (D&G NATAL, 1993, p. 19)
[26] Ao chegá-las no hotel o rapaz tirou o seu casaco **e colocou-o nela,** porque o seu traje não estava adequado p/ o ambiente, que só existia pessoas bem vestidas. (D&G NATAL, 1993, p. 124)
[27]... e ponho na geladeira ... isso o peixe tá tomando gosto ... né ... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... **eu pego ele** ... passo manteiga numa forma de bolo ... essas formas redondas de bolo e coloco esse arroz e aperto ... soco ... (D&G NATAL, 2013, p. 21)

Análise:

a) [21] colocou **ele** = ele: pronome pessoal reto, posição pós-verbal, complemento verbal, flutuação sintático-discursiva;
b) [22] colocou-**o** nela = o: pronome átono, posição pós-verbal, complemento verbal - função sintática de objeto direto;
c) [23] os homens que mataram **ele** = **ele**: pronome pessoal do caso reto, posição pós-verbal, complemento verbal – objeto direto; pronome em flutuação sintático-discursiva;
d) [24] **ele a** estuprou = **ele**: pronome pessoal reto, posição pré-verbal, função sintática de sujeito; **a**: pronome átono, função de complemento verbal, objeto direto;

Os trechos tomados como exemplos são recortes de narrativas recontadas de modalidade escrita com formas pronominais do caso reto desempenhando as funções de sujeito e de acusativo. Apresenta-se a forma pronominal do caso reto de terceira pessoa "ele", [21], [23] e [24], exercendo duas funções sintáticas diferentes. Em [21] e [23] exerce função sintática de objeto direto, posição pós-verbal, em [24] exerce função sintática de sujeito, posição pré-verbal. Neste sentido, em [21] e [23] ocorre o princípio de camadas, a mesma forma pronominal que por pressões do uso está desempenhando duas funções. Nas ocorrências [22] e [24] há o uso das formas átonas "*o*" e "*a*" em posição de complemento, função original destes pronomes. Estas ocorrências com as formas pronominais do caso reto e átonas exercendo a mesma função sintática mostram que as pressões comunicativas atuam sobre as formas da língua. Uma categoria que por convenção ou tradicionalismo gramatical não poderia atuar como partícula verbal completiva, convivendo duas formas que disputam a assunção de uma mesma função sintática. Também, pode-se constatar, pelas ocorrências mencionadas, que o uso do pronome do caso reto de terceira pessoa em função completiva, não anula o uso do pronome átono na mesma função.

Por evitarmos redundância, apenas mencionaremos as ocorrências [25], [26] e [27], pertencentes à parte oral do *corpus* D&G Natal. As ocorrências [25], [26] e [27] apresentam formas pronominais do caso reto de terceira pessoa, exercendo funções de sujeito e de complemento: uma forma, duas funções. Do mesmo modo, as ocorrências [25], [26] e [27] apresentam as formas pronominais átonas, exercendo funções completivas. Novamente, o pronome do caso reto não anulou as formas átonas.

Pelo exposto, é possível afirmar que a flutuação acontece nas modalidades oral e escrita da língua. Dessa maneira, e como já mencionado neste estudo, os pronomes pessoais do caso reto de terceira pessoa estão exercendo função acusativa, entretanto, os pronomes oblíquos, também, continuam exercendo esta função, embora, estes últimos tenham apresentado um número de ocorrências bem menor nos *corpora* em análise. Logo, afirma-se que as duas formas pronominais (pronome reto e pronome oblíquo) coexistem. No caso do pronome reto em função acusativa, esse exerce função de complemento verbal semelhante ao pronome oblíquo e continua atuando na função de sujeito, sem perder propriedades de sua categoria.

Em perspectiva funcional de mudança linguística é perceptível que o usuário utiliza formas pronominais de modo diverso, dinâmico e eficaz, com o objetivo de atender suas necessidades comunicativas. No caso da flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto, mesmo exercendo a função sintática de complemento verbal, o pronome continua preservando

a função prevista pela GT, função já existente de sujeito, somando-se, assim, uma nova função para sua forma já existente.

A partir do exposto, fica evidente que as estruturas linguísticas sofrem instabilidade estrutural, pois a língua é uma estrutura maleável, principalmente pelas pressões comunicativas, estando a gramática em um fazer-se contínuo. Assim, pode-se afirmar que a gramática emerge do ato efetivo no discurso, o que Hopper (1987) chama de "gramática emergente". Há uma simbiose entre gramática e discurso, observada por meio da frequência no uso de um item linguístico, visto ser na regularidade do uso da língua que as formas linguísticas emergem. Por isso novas camadas estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas, como exposto no item (2.3).

Com o intuito de efetivação do princípio de camadas, pautado por Hopper (1991) e utilizado neste estudo, segue abaixo figura 03 (três) com a sistematização dos usos linguísticos analisados:

Figura 03 – Camadas

Fonte: Autor (2019).

A figura 03 (três) apresenta os usos da categorial pronominal efetivada na língua em situações de comunicação. A partir do recorte realizado pode-se constatar o uso das duas formas pronominais (retos e oblíquos) em função acusativa. Observa-se que a utilização de uma forma pronominal não descarta a outra e que as formas oblíquas continuam a existir. Um uso não anula o outro. Ressaltamos, apenas, que os textos da modalidade oral da língua apresentam maior ocorrência dos pronomes

pessoais do caso reto em função sintática de complemento verbal.

O outro princípio de gramaticalização importante para este estudo é o de divergência (ver item 2.3), pois na flutuação pronominal abordada aqui, temos um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes, sem que uma forma anule a outra. Novamente, o recorte do *corpus* das ocorrências [18] a [27] exemplificam este princípio supracitado, pois as construções sintáticas em que os pronomes *ele, eles, ela, elas* ocupam posição pós-verbal, exercendo função de acusativo, preenchem um espaço sintático, na oração, correspondente ao dos pronomes átonos. E este emprego implica uma extensão do uso original, inclusive do uso previsto pela GT, dos pronomes retos de terceira pessoa. Neste segmento, há um conjunto de fatores discursivos e sintáticos, exercendo pressões comunicativas fazendo com que a mesma forma pronominal amplie suas funções.

Ainda sobre o processo de gramaticalização dos pronomes pessoais do caso reto em função completiva, percebe-se que este movimento acontece do discurso para a gramática de forma unidirecional, conforme capítulo 2, seção 2.3. De acordo com a natureza pronominal, em um quadro comparativo de propriedades dêiticas e fóricas, em comparação com os pronomes átonos, os pronomes oblíquos retos de terceira pessoa são: em flutuação são +dêiticos que os átonos, por sua forma original remeter a elementos textuais e pessoas do discurso de maneira explícita, mesmo estes retomando referentes textuais na flutuação (função do átono); já os átonos, por natureza, são +fóricos, -dêiticos, +abstratos; os oblíquos retos são +fóricos, por retomarem com maior clareza a pessoa ou o elemento textual referido, visto as formas do caso reto serem compostas de mais substância linguística e principalmente porque os átonos já são variações dos pronomes pessoais. Logo, em comparação aos átonos, os pronomes pessoais de terceira pessoa em função de complemento são +concretos, e em relação a sua própria função canônica de sujeito, estes, quando exercem a função em flutuação sintático-discursiva, tornam-se +abstratos por estarem mais imbricados a elementos textuais e menos discursivos.

Diante do exposto, há uma tendência dos pronomes pessoais do caso reto em flutuação sintática-discursiva, seguindo o processo de gramaticalização, em termo de frequência e de regularidade na função sintática de complemento verbal, de tornar suas formas mais fixas e mais regulares.

No caso da flutuação dos pronomes retos de terceira pessoa, há pressões discursivas na gramática por meio dos usos, que na frequência, passam a ser regulares

nas práticas comunicativas com o intuito de atender as demandas do usuário durante a interação verbal. Assim, nossa discussão nos leva a confirmar o fato de que as regularidades da língua em uso fundamentam a relação simbiótica entre gramática e discurso, como também, a concepção de que a GT não consegue prever todas as estruturas linguísticas nos usos. Ainda é muito cedo para se afirmar que a forma pronominal de terceira pessoa do caso reto se gramaticalizará na função sintático-discursiva de complemento verbal. Entretanto, os dados analisados apresentam a hibridez de funções agrupadas por este elemento linguístico e que diante deste estudo, há um processo de gramaticalização em curso desta classe em flutuação.

CAPÍTULO V

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado na introdução do nosso trabalho, o presente estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica e surge por meio de discussões teóricas sob a funcionalidade da categoria pronominal no português brasileiro, desenvolvidas por membros, em encontros do grupo de pesquisa Teorias Linguísticas de Base - TLB. Tendo como objeto de estudo os pronomes retos de terceira pessoa *ele, ela, eles, elas,* acrescentamos ao âmago de estudos do TLB, a análise de mais uma vertente da categoria pronominal, visto os trabalhos desenvolvidos no grupo versarem sobre perspectivas funcionais dos pronomes átonos, a saber: Matos (2008), pronome "lhe", Vanrderlei (2014), pronome "me" e Lemos (2015) pronome "te".

No âmago da LFC adotamos os conceitos de prototipicidade e de gramaticalização, este último sob a perspectiva dos princípios de *camadas* e *divergência* que dão suporte teórico ao objetivo dessa pesquisa de confirmar ou refutar se há consequências sintático-discursivas na flutuação do pronome de 3ª pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. Como também, elencamos uma revisão de conceitos pautados pela gramática tradicional acerca da categoria pronominal e suas funções sintáticas, em especifico a dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto. Dessa maneira, não se descartou os estudos da gramática tradicionalistas, mas houve um diálogo entre as respectivas abordagens durante toda pesquisa.

Em busca de contemplar o nosso objeto de estudo e de compreender nossas proposições, elencadas na introdução e na metodologia do trabalho, acerca do fenômeno de flutuação pronominal, dividimos essa pesquisa em 04 (quatro) capítulos especificados na introdução do trabalho.

De início, apresentou-se de maneira mais sistematizada um percurso historiográfico acerca da transição do quadro pronominal brasileiro oriundo da língua latina. Constata-se nesse percurso a inclusão de uma forma pronominal para identificar a pessoa de quem se fala, ou o objeto a que se faz referência (a terceira pessoa do discurso ou do não discurso). A terceira pessoa pronominal do caso reto no paradigma pronominal do português acrescenta mais especificidades fóricas (qualidade de retomar conteúdos já mencionados) a suas propriedades dêiticas (de codificação das pessoas do discurso e dos lugares ocupados por elas no espaço linguístico e extralinguístico).

Dando sequência à pesquisa, apresenta-se um estudo acerca das concepções da gramática tradicional. Por meio desse estudo, percebe-se uma visão mais inerte no código linguístico de conceitos e de funções sintáticas exercidas pela categoria pronominal. De modo geral, a GT conceitua os pronomes pessoais do caso reto como a categoria responsável por situar as pessoas do discurso, ou fazer referências a elas. No mesmo sentido, a GT coloca como exclusiva a função sintática de sujeito exercida pelos pronomes oblíquos do caso reto, tratando como desvio de norma qualquer outra função sintática que estes venham a exercer, uma visão cânone de língua, pautada em prescrição, ligada apenas à estrutura linguística desvinculada do uso.

Em seguida, o levantamento de estado da arte de trabalhos acadêmicos sobre a categoria pronominal em perspectiva funcional realizado neste trabalho nos permitiu verificar que: 1) apesar de um aumento considerável de pesquisas que versem sobre essa categoria gramatical, ainda há uma carência de trabalhos no português brasileiro sobre os pronomes, principalmente no que se refere a análises funcionalistas; 2) novas abordagens podem ser dadas à categoria pronominal quando se observa a língua em uso; 3) uma análise discursiva da categoria pronominal pode ajudar a entender as transformações sintáticas e até morfológicas inerentes a essa categoria.

O trabalho constrói-se quantitativa e qualitativamente, a partir da coleta dos dados e da análise. A investigação da flutuação dos pronomes de terceira pessoa do caso reto parte dos dados fornecidos pelos corpora *D&G* e *corpusCLELP* que foram suficientes para a confirmação das asserções propostas no trabalho.

Desenvolvem-se os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa, como já citados. A partir da aferição da frequência foi possível delimitar o uso mais prototípico e regular da função sintática dos pronomes de terceira pessoa do caso reto. Constatando-se a função sintática de sujeito, na posição pré-verbal, agentivo, como prototípica dos pronomes em análise, conforme prevista pela tradição gramatical. É também, por meio da frequência, que nota-se um conjunto de usos dos pronomes *ele/eles/ela/elas* na posição pós-verbal, exercendo a função de complemento verbal (acusativa), função esta dos pronomes átonos. É a partir deste fenômeno linguístico de pronomes retos exercendo função completiva que se configura na flutuação pronominal, a mesma forma pronominal exercendo duas funções sintáticas.

Outra questão examinada foi a relação dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas* em flutuação com alguns verbos que exercem uma regularidade de ocorrências ou que até mesmo atuem como motivadores do fenômeno. Em um conjunto de 159 ocorrências dos pronomes em análise em posição acusativa, registra-se um recorte de

60 verbos que mantêm uma regularidade de 03 ocorrências para cada verbo. Dos 60 verbos recortados das ocorrências, 05 são os mais regulares, representando 40% das ocorrências. Compreende-se, então, que os usuários dos *corpora*, usam um determinado grupo de verbos motivadores que atendem, de algum modo, à necessidade comunicativa dos usuários, explicados a partir da noção de uso da linguística funcional.

Em nossa pesquisa acreditamos que ainda é precoce nos debruçarmos sobre tais motivos de usos verbais motivadores das ocorrências dos pronomes pessoais do caso reto em função acusativa, movimento flutuante pronominal. Entretanto, admitimos que em pesquisas futuras, este ponto, acerca do uso de verbos motivadores podem ser aprofundados.

A aferição prototípica nos disponibilizou os dados quantitativos e delimitou a regularidade das formas pronominais de terceira pessoa do caso reto em posição pós-verbal, acusativa. A partir destes dados, buscamos em Hopper (1991) o aparato teórico funcional do processo de gramaticalização, elencando os princípios de *camadas* e *divergência*. Estes princípios norteiam a possibilidade de ocorrências de duas formas linguísticas exercerem a mesma função. Identificam-se estas ocorrências na flutuação do pronome do caso reto e oblíquo, de terceira pessoa, atuando na função sintática de complemento verbal nos *corpora* (*D&G* e *corpusCLELP*). Como também, registra-se a ocorrência dos pronomes átonos *o, a, os, as* exercendo função sintática de complemento verbal, prevista pela GT. Entende-se, assim, que, além dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto exercer duas funções sintáticas, sujeito e acusativo-verbal, com a mesma forma pronominal linguística, as formas átonas continuam desempenhando as funções sintáticas de complemento verbal.

Um fator importante é que as ocorrências estão presentes tanto em textos da modalidade oral, como também em gêneros textuais da modalidade escrita. Não aferimos o grau de escolaridade, *status* social, ou gênero sexual dos usuários, visto não ser o nosso objetivo. Uma vez que trabalhamos com a frequência e a regularidade, deixamos estes dados elencados anteriormente para uma segunda vertente desta pesquisa.

Para a linguística funcional, o fato da flutuação dos pronomes retos de terceira pessoa, que permite que uma forma pronominal exerça duas funções (sujeito e complemento verbal), uma prevista pela GT e a outra concebida como desvio de norma, é ancorada na concepção de gramática emergente de base teórica funcionalista. Neste sentido, trata estas ocorrências como estratégias comunicativas atuantes para suprir as demandas dos usuários da língua atreladas a pressões discursivas. De tal maneira que o uso de pronomes pessoais de terceira pessoa em função acusativa não anula o uso deste mesmo pronome em função de sujeito. Tão

pouco, anula o uso dos pronomes átonos, evidenciando a relação do discurso com a gramática na construção de uma estrutura linguística maleável e instável, exposta a modificações estruturais oriundas das pressões comunicativas. Assim, é notória a simbiose entre discurso e gramática no intuito de emergir funções novas para formas velhas, em um movimento unidirecional do discurso para a formação da gramática.

É neste sentido que colocamos a flutuação pronominal dos pronomes de terceira pessoa do caso reto da função de sujeito, pré-verbal, para a função sintática de complemento verbal, posição pós-verbal, como um movimento flutuante entre a sintaxe e os elementos discursivos que compõem o discurso.

Outro fator importante na direção da gramaticalização dos pronomes de terceira pessoa do caso reto em função acusativa, de flutuação pronominal, são as especificidades que compõem a natureza constituinte desta categoria gramatical. Os pronomes pessoais *ele, ela, eles, elas,* em flutuação sintática-discursiva, têm suas propriedades constituintes (+)fóricas, (-)dêiticas, (+)abstratas, por remeterem especificamente às estruturas contidas no espaço textual; ao passo que quando estas formas pronominais exercem a função de sujeito, elas são (+)fóricos, (+)dêiticos, (+)concretos. Assim, há uma tendência dos pronomes pessoais do caso reto, em flutuação sintático-discursiva, seguirem o processo de gramaticalização, em termo de frequência e de regularidade na função sintática de complemento verbal, tornado suas formas mais fixas e mais regulares.

Por fim, considerando o objetivo principal de nossa pesquisa, confirmamos as consequências sintático-discursivas na flutuação do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele/ela/eles/elas* em relação à função assumida na oração em posições pré-verbais e pós-verbais. Principalmente no que concerne em demandas de formas linguísticas para atender as necessidades comunicativas dos usuários sob pressão discursiva do uso da língua. Confirmamos a função sintática prototípica de sujeito, função prevista pela GT; identificamos a flutuação dos pronomes pessoais de terceira pessoa do caso reto em posição de complemento verbal, buscamos observar um conjunto de verbos mais frequentes nestas ocorrências. No que concerne ao processo de gramaticalização, apresentou-se a perspectiva de mudança e variação linguística sob os princípios de *camadas* e *divergência* que pautam o uso de uma mesma forma linguística desempenhando funções diversas, caso do pronome em análise aqui. E delimitamos a flutuação sintático-discursiva do pronominal de terceira pessoa do caso reto *ele, ela, eles, elas*.

Portanto, ao contemplarmos nosso objetivo, esperamos de alguma forma lograr êxito na apresentação dele. No âmago das ações desta pesquisa, o nosso desejo de expor nosso

trabalho e nossas contribuições: para a academia, em sentido macro; para a compreensão do funcionamento da categorial pronominal, em mais uma vertente de análise funcional, em sentido micro; e de oferecer mais um suporte de pesquisa para estudantes interessados na estrutura da língua sob um viés funcional, observando os aspectos dos usos linguísticos e o papel discursivo como, o movimento flutuante pronominal abordado aqui. Outrossim, é possível que, em uma pesquisa posterior, estude-se a flutuação, admitindo-a como um fenômeno no interior do processo de variação linguística.

REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. **Gramática Historórica da Língua Portuguesa**. 8ª Ed. Ver. e atual por Mário Eduardo Viaro. Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.
____. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** São Paulo: Editoria Universidade Brasília, 1964.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto Editora, 1997.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss**. Publifolha: São Paulo, 2018.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
_____, **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

_____, **Gramática Escolar da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2010.

CALLES, Diva Cleide. Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico. **Revista Letra Magna**. n. 4, v. 3- n. jan/jun, 2006.

CÂMARA JR., Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
_____. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMARA JR., J. M. ***História e Estrutura da Língua Portuguesa***. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramatica da Língua Portuguesa.** 48 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. revista. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S/A – Indústria e Comércio, 1976 [2005].

CUNHA, C; CINTRA. L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 4 ed Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DUBOIS, Jean [et al.]. **Dicionário de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FARIA, Ernesto. **Gramática Superior da Língua Latina.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FURTADO DA CUNHA, M. A; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA

CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2015.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CARAIG, C. (Ed.) **Noun classes and categorization**. New York: Academic Press, 1986. p.1-2.

GIVÓN, T. *Functionalism and gramar*. Amsterdã: John Bejamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**. v 1. Amsterdã: John Bejamins, 2001

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática.** Tradução**:** FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; MARTELOTTA, Eduardo; ALBANI, Filipe. São Paulo: Cortes; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: John Benjamins, v 1, 1991.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

KURY, Adriano da Gama. **Lições de Análise Sintática** (Teoria e Prática**).** 5. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Culturas S/A, 1970.
_____, **Pequena Gramática para explicação da Nova Nomenclatura Gramatical.** 7. ed. Melhorada e Aumentada**.** Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961.

LEMOS, Cleber de Araújo. **O uso do pronome *te*: reflexões numa perspectiva clássica a linguística funcional.** 2015. (Dissertação) Mestrado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2014.

LOPES, Celia [et al.]. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: **História do português brasileiro: história do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: contexto, 2018.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1974.

MARTELOTTA, Mário E. &. AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro Parábola Editorial, 2015, p. 17 – 28.
_____, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. 1 ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, Denilson Pereira de. **Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome lhe.** 2008. (Tese) Doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal Fluminense – UFF. Rio de Janeiro, 2008.

MATOS, D. P. de. Transitividade: de uma perspectiva categorial/formal para uma perspectiva oracional/funcional. In: SILVA, C. R.; MATOS, D. P. de. (Orgs.). **Sintaxe do Português: abordagens funcionalistas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 33- 64.

NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. Páginas 43 - 48**.** Mecanismos Funcionais do uso da língua: função e forma. In:VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da Gramática**. Niterói: Editora UFF, 2012.

NEVES, Maria Helena Moura. ***A gramática funcional*.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PACKER, Abel L. et al. **SciELO:** 15 anos de acesso aberto: um estudo analítico sobre acesso aberto e comunicação científica (Versão preliminar). Ed. UNESCO, 2013. Disponível em <http://www.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=59>. Acesso em 24 set. 2015.

QUEIROZ, Janaína Maria Fernandes Guedes. **Os usos dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa: um estudo a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Letras – (PPGL), Mestrado em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, 2016.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 4**9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011.

RÓNAI, Paulo. Curso de latim: gradus primus. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

SILVA, Amós Coêlho da. **Ars latina: curso prático da língua latina**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TORRENT, Tiago Timponi. A construção do dativo com infinitivo. In: MIRANDA, Neusa Salim. SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). **Construção d Português do Brasil – da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VANDERLEI, D. de M. **Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te.** 2014. (Dissertação) Mestrado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2014.

WILLIAMS, E. B. ***Do latim ao português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Trad. Antônio Houaiss. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

ANEXOS

Tabela de coleta de dados – alfabetização

Pronome	**Ele**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Talita Sexo: feminino Idade: 06 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 212 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**03**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**09**	**02**		
Total	**12**	**02**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**01**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total	**01**			

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Eles**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 02 Talita Sexo: feminino Idade: 06 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 212 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal**	**Posição pós-verbal**	**Quantidade de ocorrências**

		(complemento) objeto direto	**(complemento) objeto indireto**	
Narrativa de experiência pessoal	**01**			
Narrativa recontada	**08**	**03**		
Descrição de local	**01**			
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total	**11**	**01**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				

... que ta/ ele **tava chutando ela** ... e ela tava quietinha no lugar dela ... num tava **empurrando ele** ... pode empurrar ele assim pra não ficar brigando com ela ... mas a gente quer brincar com ela porque ela ... num **tava chutando ele** ... (1993, p. 215)

ela entrou e disse pra eles entra::rem ... mas ela tava com uma ... ela virou ... é:: uma velhinha ... **aí mandou eles entrarem** ... (1993, p. 213)

( ) aí tinha um bocado de portão ... aí ... **pegaram eles** ... bateu assim no portão ... aí **saíram eles ...** aí os pai dele encon/ encontraram todo mundo vivo ... aí foi pra casa ... aí foi felizes para sempre ... (1993, p. 213)

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Empurrar	01	Chutar	01
Mandar	01	Pegar	01

Sair	01		

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Ela**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 02 Talita Sexo: feminino Idade: 06 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 212 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**09**	**03**		
Descrição de local	**04**			
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**12**	**01**		
Total	**25**	**04**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total	**01**			

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Elas**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 02 Talita Sexo: feminino Idade: 06 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 212 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				

	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				

como ela foi fazer as coisa ... aí Maria pegou o pau e **empurrou ela dentro** do:: é:: da:: do fogão ... **como empurrou ela no** fogão ... o fogão era bem grande ... **empurrou ela** no fogão né? aí ele disse ... "me ajuda" ... aí ela trancou o fogão ... soltou ... João ... mas (1993, p. 213)

que ta/ ele tava **chutando ela ...** e ela tava quietinha no lugar dela ... num tava empurrando ele ... (1993, p. 215)

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
empurrar	03	Chutar	01

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/eles
24	03

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/os
03	00

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ela/elas
26	04

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – a/as
04	

POSIÇÃO DE SUJEITO	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/ela/eles/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/a/os/as
50	07	00

Tabela de coleta de dados – Ensino fundamental

Pronome	**Ele**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Sueli Sexo: feminino Idade: 13 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 193 a 203
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**

Narrativa de experiência pessoal	**19**	**02**		
Narrativa recontada	**21 + 15 + 13**	**04**		
Descrição de local	**02**			
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total	**70**	**06**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**01**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total	**01**			

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Eles**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Sueli Sexo: feminino Idade: 13 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 193 a 203
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**01**			
Narrativa recontada	**18**	**01**		
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**04**			

Total	**23**	**01**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				

I: foi assim ... no sábado quando eu cheguei ... **logicamente eu vi ele primeiro** ... daí:: como eu fiquei olhando pra ele ... ele deu tchau ... daí eu dei ... depois eu entrei ... quando foi lá pra de tardezinha mi/ ... de noite ... minha prima chegou ... **eu chamei ela** e disse ... daí minha tia na terçafeira chamou ele ... a gente ficou conversando ... tiramos a foto ... (1993, p.194)

depois chegou os homens que tava atrás do rapaz porque eles sabiam que o rapaz tinha pego o dinheiro daí os homens que tavam atrás dele ... chegaram sabendo que ele estava com o dinheiro ... **pra matar ele** e pegar o dinheiro ... (1993, p.197)

... daí ele pegou ... quando ele chegou com a moça na casa ... daí viu o homem ... ameaçando o amigo dele **... ameaçando matar ele** ... (1993, p.197)

do rapaz e:: disse ... "quieto aí ... não ... não se mexa" ... daí pegou **... colocou ele dentro** do carro e foi embora atrás do rapaz ... daí eles fugindo ... fugindo ... daí eles pararam num lugar ... bateram num ... numa banca do homem ... fizeram a maior confusão ... daí deu um pouco de dinheiro pro homem e (1993, p.198)

se a gente ficar ..." daí vinham os homens de lá ... dentro ... **daí levaram ele** lá pra dentro ... trancaram eles num quarto onde tava o amigo deles ... daí o ... o menininho inventou ... "eu tô apertado ... eu quero ir no banheiro ... abra aqui a porta" ... daí ele disse ... o homem (1993, p.198)

daí vinham os homens de lá ... dentro ... daí **levaram ele lá** pra dentro ... **trancaram eles** num quarto onde tava o amigo deles ... (1993, p.198)

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Ver	01	Chamar	01
Matar	02	Colocar	01
Levar	01	Trancar	01

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Ela**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Sueli Sexo: feminino Idade: 13 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 193 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**02**	**01**		
Narrativa recontada	**07**	**01**		
Descrição de local				
Relato de procedimento	**01**			
Relato de opinião	**01**			
Total	**11**	**02**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**03**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total	**03**			

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Elas**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Sueli Sexo: feminino Idade: 13 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 193 a
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**

Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total				

fiquei olhando pra ele ... ele deu tchau ... daí eu dei ... depois eu entrei ... quando foi lá pra de tardezinha mi/ ... de noite ... minha prima chegou **... eu chamei ela e disse** ... daí minha tia na terçafeira chamou ele ... a gente ficou conversando ... tiramos a foto ... **(1993, p.194)**

... ela tinha sido despedida ... daí jogando dinheiro ... dinheiro ... quando o patrão dela ... que **tinha despedido ela** ... viu no jornal ... ela a maior jornalista do mundo ... que fez a entrevista sobre esse ladrão ... daí o ... o ... patrão dela num queria ... **(1993, p.199)**

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Chamar	01	Despedir	01

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/eles
94	07

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/os
07	00

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ela/elas
14	02

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – a/as
02	00

POSIÇÃO DE SUJEITO	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/ela/eles/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/a/os/as
108	09	00

Tabela de coleta de dados – Ensino 9º ano

Pronome	**Ele**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Lúcia Sexo: feminino Idade: 16 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 159 a 172
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**14 + 8 + 13 + 17 = 52**	**02**		
Narrativa recontada	**08 + 26 + 21 + 06 = 61**	**04**		

Descrição de local	**01**			
Relato de procedimento	**01**			
Relato de opinião	**07 + 38 = 45**	**01**		
Total	**160**	**07**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal	**06**	**01**		
Narrativa recontada	**14 + 7**	**05**		
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**05**			
Total	**32**	**06**		

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Eles**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Lúcia Sexo: feminino Idade: 16 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 159 a 172
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**09**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**13**			
Total	**22**			
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				

Narrativa recontada	**04**	**01**		
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total	**05**	**01**		

... ele já conhecia minha prima ... dançou com minha prima ... aí começou a dançar ... dançar ... quando ele ia embora eu disse ... "a ... espera aí ... você num me chama pra dançar ... mas eu vou te chamar pra dançar" **.... aí chamei ele pra** dançar ... quase que morria de dançar comigo ... (1993, p. 160)

... aí veio o papel ... aí pronto menina ... peguei o guia ... peguei o guia ... **aí eu peguei ele** ... aí quando foi Cristiane ... aí ficou eu e Cristiane ... (1993, p. 161)

... aí quando foi ele pegou no táxi ... **aí ia levar ele pro hospital** ... porque todo mundo tava sabendo que foi um lobisomem que atacou ... aí quando foi ele disse ... "é ... matou um monte de gente ... (1993, p. 163)

... ficou já lá e os policiais querendo **matar ele ...** mas só que pra matar lobisomem precisa de uma bala de prata né? aí os policiais todinho lá com revólver ... querendo **matar ele** ... aí foi ... só sei que a namorada chegou ... aí começou a falar com ele num sabe? (1993, p. 163)

... eu num sei o nome dele não ... aí **eu chamo ele assim** ... quer que eu diga o nome? quer que eu diga o nome que eu chamo? não ... num vou dizer não ... aí ... eu sempre paquero com ele ... aí se eu quiser ... menina ... mas ele tava olhando tanto pra mim ... (1993, p. 168)

Narrativa de experiência pessoal - escrito

Depois a noite fomos para o Bar MARIA BONITA dança forró lá só passa forró. Eu não gosto muito de forró gosto de músicas variáveis. Mas o guengo do guia não me chamava prá dança, chamava todo mundo menos eu. ai já que ele não me chama prá dança **eu vou chama ele**. (1993, p. 170)

Narrativa recontada

Ai minha amiga falou que ele ficou morando com a enfermeira, no outro dia ela foi trabalhar **deixou ele sozinho** ele não conseguiu comer de noite ele se transformou em um Lobo e começou a matar as pessoas. No outro dia ele estava no zoológico nú e depois ele viu o menino e pediu as bolas e saiu correndo pegou um casaco e quando chegou na fila do ônibus todo mundo que estava na fila ficou olhando ai ele disse que era a moda. (1993, p. 171)

Ai quando ele chegou a **moça chamou ele para** ir no hospital. Ele foi pegar um táxi ai o homem do táxi falou que morreu muita gente de noite, só que as meninas que estava contando esse filme disse que ele saiu correndo e que não queria que a namorada fosse atrás dele. Ele mandava o policial **prender ele** mas o policial não prendeu. (1993, p. 171)
Ai ele estava parado quando o **amigo chamou ele** para entra no cinema, (1993, p. 171)

Quando ele entrou as pessoas que ele matou estava tudos sentados com o amigo dele, dizendo a ele que o tempo dele estava acabando que ele tinha que se mata ou morrer. Ele começou a

transformar, mais na frente dele tinha um velho com uma lanterna na mão. Ele mandava o velho sair e o velho não saia ai ele matou o velho. Ai chegou os policiais ele correu ficou preso no beco ai chegou a namorada começou a fala com ele dizendo que gostava, **amava ele mais não** tava nem ai, quando ele ia ataca ela os policiais atiraram nele morreu. (1993, p. 171)

Bem foi minhas amigas que contaram esse filme O Lobisomem em Londres eu nunca assisti só sei que eram dois rapazes que pegaram um carro cheio de ovelhas **deixaram eles no** meio da estrada foram andando chegaram em uma tapera sentaram (...) . (1993, p. 171)

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Chamar	05	Pegar	01
Matar	02	levar	01
Deixar	02	Prender	01
Amava	01		

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Ela**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Lúcia Sexo: feminino Idade: 16 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 159 a 172
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**23**			
Narrativa recontada	**11**	**01**		
Descrição de local	**02**			
Relato de procedimento		**01**		
Relato de opinião	**12**	**02**		
Total	**48**	**04**		
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal	**02**			

Narrativa recontada	**01**	**01**		
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**04**			
Total	**07**	**01**		

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Elas**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante: 03 Lúcia Sexo: feminino Idade: 16 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 159 a 172
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total	**01**			
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**01**			
Total	**01**			

... aí começou a falar com ele num sabe? ela disse ... "olha ... eu sou ... sou sua amiga" ... falando com ele mesmo ... **e ele em ar de atacar ela ...** e ela disse ... "ó ... sou sua amiga ... vamo pra casa ... num sei o quê" ... quando ele ia atacar ... aí deu um tiro ... nele ... aí ele morreu ...

... **eu boto ela** e pego a escorredeira ... aí pego o pano ... enrolo na minha mão ... pra num queimar ... aí eu pego e jogo ... aí dou ... aí eu lavo com água ... porque se não ... mãe disse que se num lavar com água acontece alguma coisa lá ... parece que fica num ... ou que pega ... aí pronto ... E: não ... e o molho do macarrão? (1993, p. 166)

... ela disse que tava com sono ... aí ele **vai deixar ela** em casa ... aí:: já ... fica ... com outra ... aí quando chega aí pergunta se ele foi pra festa ... aí ele diz que num foi ... (1993, p. 169)

Narrativa recontada - escrito

Ai chegou os policiais ele correu ficou preso no beco ai chegou a namorada começou a fala com ele dizendo que gostava**, amava ele mais** não tava nem ai, quando ele ia ataca ela os policiais atiraram nele morreu. (1993, p. 171)

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Atacar	01	Botar	01
deixar	01	Atacar	01

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/eles
219	14

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/os
14	00

POSIÇÃO DE SUJEITO	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO

Pronome – ela/elas	Pronome – ela/elas
57	05

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – a/as
05	00

POSIÇÃO DE SUJEITO	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/ela/eles/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/a/os/as
276	19	00

Tabela de coleta de dados – Ensino Médio

Pronome	**Ele**	**Nível de escolaridade: ensino médio**	Informante 3: Rosemeire Sexo: feminino Idade: 19 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 101 a 126
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**18 + 15 + 6 + 23 + 14 = 76**	**02**		**78**
Narrativa recontada	**14 + 02 + 13 + 18 + 07 + 07 + 09 + 03 + 16 + 06 + 03 + 13 + 09 + 25 + 1 = 146**	**09 + 2 + 1 + 1 + 2**		**161**
Descrição de local	**14 + 05**	**02 + 01**		**22**
Relato de procedimento	**30**			**30**

Relato de opinião	**13**			**13**
Total	**284**	**20**		**304**
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal	**04**			**04**
Narrativa recontada	**07**	**01**		**08**
Descrição de local	**01**			**01**
Relato de procedimento	**02**			**02**
Relato de opinião	**02**			**02**
Total	**16**	**01**		**17**

Narrativa de experiência pessoal (oral)

gente era um amor assim ... infantil mesmo ... a gente ... **eu tinha ele como um amigo** ... um irmão ... uma coisa assim ... aí ... hoje em dia eu tô noiva ... ele também ... a gente se fala assim ... **mas nunca mais eu avistei ele** ... um dia a mãe dele passou aqui e disse ... "cadê Rose ... (1993, p. 106)

Narrativa recontada

... **ela queria seduzir ele** ... mas ele não queria daquele jeito ... uma coisa ... mecânica ... né? Ele queria que no/ que:: no passar do tempo ... começasse a sentir alguma coisa por ela e ela por ele ... **aí ela começava acariciar ele** mas ele num queria nada com ela ... assim ... sabe? queria que o tempo ... se arrumasse ... (1993, p. 108)

E: então por que que **ele levou ela** pro motel? (1993, p. 108)

... ele matou ... aí na hora que ele matou ... a namorada dele começou a chorar ... a chorar e o espírito dele saiu sabe? **e ficava só olhando ele morto** ... ele não acreditava ... aí olhava assim pra ele e ... dizia "eu tô aqui ... eu tô aqui" ... ela num via ... que era um espírito né? aí ... eu sei que ele ficou olhando pra cara de um e de outro e ninguém ... **avistava ele e nada** ... (1993, p. 109)

I: foi ... não mandou matar ... mandou pegar o disquete ... mas os cara ... mataram ... porque na hora ele não se encontrava com o disquete ... o disquete tava na casa dele ... aí eu sei que ... ele começou a ... a sempre tá do lado dela ... mas era mesmo que nada ... né? **ela num avistava ele** ... aí tinha uma ... uma vidente ... uma espírita ... que ela ... enrolava o povo sabe? aí .. ? (1993, p. 110)

esse amigo dele que **mandou matar ele** ... e os dois caras ... **que mataram ele** ... aí no final morreram ... e o espírito deles não ficaram na terra ... porque foram logo pro inferno ... vinha logo aquelas sombras buscar ... sabe? (1993, p. 110)

por isso que ele ficou na terra ... até um certo ponto ... aí no final ele vai embora ... aparece uma luz ... assim bem ... bem bonita ... aí **puxa ele** ... sabe? (1993, p. 110)

... aí ela disse assim ... "eu posso levar você lá" ... então ... aí então ela **... levou ele** até o hotel ... aí quando ela entrou no carro ... achou o carro muito bonito ... né ... uma coisa super interessante ... aí ... ele dirigindo assim ... quase num saía do lugar e ela ... acostumada a dirigir né ... pediu pra levar até lá ... pediu pra dirigir ... então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... **aí levou ele até o hotel** ... aí chegando lá ... é:: como ela era (1993, p. 111)

... e ele começou a gostar dela ... aí pediu ... porque **ela foi só deixar ele** né ... no hotel ... mas aí ele insistiu muito pra ficar (1993, p. 112)

... aí saiu na janela ... quando ouviu ... quando **ela saiu avistou ele** ... no cavalo ... todo de branco com a espada ... aí ela desceu com tudo ... pela ... entrada de serviço ou saída ... que era ... o elevador assim todo ... só as ferrugem mesmo ... aí ela saiu ... toda alegre ... porque tinha realizado aquela fantasia ... e não acreditou que **era ele quando ela viu** ... (1993, p. 113)

Descrição de local

I: fisicamente ... ele é baixo ... bem baixinho ... meu namorado **chama ele** de ... meu ... meu noivo **chama ele** de que meu Deus ... tamborete de forró ... nem pode dizer muito ... porque ele é quase da mesma altura dele ... mas é porque ele é muito chato ... sabe? gordo ... tão gordo minha filha ... que se você visse a bunda dele ... eu dou um ... olhe ... eu dou duas dele ... você acredita? dessa largura ele ... tem cinqüenta anos ... (1993, p. 121)

sabe? você quer **machucar ele** ... é você querer tirar dinheiro dele ... (1993, p. 121)

Narrativa recontada (escrito)

No final do filme seu amigo morre e os homens que **mataram ele**. E sua noiva consegui se comunicar livremente com ele através de um espirita e logo após ele se vai de uma forma muito bonita. (1993, p. 125)

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Eles**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante 3: Rosemeire Sexo: feminino Idade: 19 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 101 a 126
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal	**02**			**02**
Narrativa recontada	**14 + 07**			**21**
Descrição de local	**04**			**04**
Relato de procedimento	**02**			**02**

Relato de opinião	**13**			**13**
Total	**42**			**42**
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				**00**

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Ter	01	Seduzir	01
Avistar	04	Acariciar	01
Levar	03	Olhar	01
Mandar	01	Matar	02
Puxar	01	Deixar	01
Chamar	02	SER	01
Machucar	01		

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Ela**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante 3: Rosemeire Sexo: feminino Idade: 19 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 101 a 126
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**

Narrativa de experiência pessoal	**09 + 05 + 13 = 27**	**02**		**29**
Narrativa recontada	**17 +09 + 23 + 39 + 12 + 08 + 05 + 08 + 14 = 135**	**13**		**148**
Descrição de local	**01**			**01**
Relato de procedimento				
Relato de opinião	**11**			**11**
Total	**174**	**15**		**189**
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal	**01**			**01**
Narrativa recontada	**05**			**05**
Descrição de local	**01**			**01**
Relato de procedimento	**00**			**00**
Relato de opinião	**01**			**01**
Total	**08**			**08**

Narrativa recontada

foi uma luta **pra tirar ela de dentro** do carro ... o motorista ... primo da minha mãe quebrou ... o ... a cara toda ... o rosto ... sabe? ficou só os pedaços ... (1993, p. 103)

aí minha mãe ... meu pai também tava ... aí ... machucou na testa ... meu tio também ... aí na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... **meu pai levou ela pro hospital** ... aí me ganhou no mesmo dia ... minha mãe ... e da minha irmã ... a gente tinha ido pra:: Baixa Verde ... (1993, p. 103)

"cadê Rose ... um dia desse Alexandre tava perguntando ... **nunca mais tinha visto ela** ..." num sei o quê ... sabe? aí teve um dia que eu fui na casa dele ... (1993, p. 106)

E: então por que que **ele levou ela** pro motel? (1993, p. 108)

I: pro hotel pra ficar com ele ... mas num foi pra isso ... que ele gostou dela mesmo ... como pessoa ... pra fazer compahia ... não pra outras coisas ... e ela já tava pensando em outra coisa ... que ele tava ... **querendo ela pra** ... o que os outros queria ... uma prostituta ... (1993, p. 108)

... aí ... mas corria tanto ... sabe? velocidade mesmo ... aí eu sei que eles começaram a se conhecer e tudo ... aí depois **... ele levou ela pro hotel** ... o hotel super chique ... (1993, p. 108)

... essa morena ... aí ... **ela convidou ela** pra ir na casa dela ... aí tava preparando pra receber sabe? o ... o espírito dele ... aí eu sei que ele ... **viche acariciou ela ...** sabe? como se ele tivesse sentindo muito ... (1993, p. 110)

quando **ele avistou ela** ... todo dia era uma roupa mais bonita que a outra ... e ela tinha que ir ... pros lugares com ele né? (1993, p. 112)

aí ... ele foi convidado pra ir pra um jantar ... e um parece que era um sócio dele ... do ... do setor que ele trabalhava ... que ele era dono né? aí tinha um sócio ... aí **ele levou ela** pra ir ... chegando lá ele pediu um prato ... (1993, p. 112)

ela era ruiva ... o cabelo em camada ... ela usava peruca loira ... e ele ... **quando ele viu ela** sem peruca **ele achou ela linda** ... porque aquela peruca era muito artificial ... quando **ele viu ela** sem peruca ele se apaixonou ... aí ela disse que ia buscar as roupa dela em casa e tudo ... (1993, p. 112)

... mas um pouco safadinho ... era casado e tudo ... **e achou ela** muito bonita quando chegou com ele né? (1993, p. 113)

No apartamento que eles estavam ... e:: querendo seduzir sabe? a ... a moça ... mas ela não aceitou sabe? ele querendo abraçar ela ... beijar ela ... mas ela empurrava e tudo ... então ele ... ficou muito chateado com a reação dela porque por ela ser prostituta ele ia pensar que ela ia ... aceitar ... né? (1993, p. 113)

que eles estavam juntos ... ela era muito sonhadora ... aí dizia pra ele que queria ... que um príncipe ... um príncipe encantado ... **viesse buscar ela num cavalo branco** e com uma espada ... então ... quando ele tava sozinho com ela ... lembrando das coisas que ele tinha passado ... (1993, p. 113)

Narrativa recontada (texto escrito)

No final do filme seu amigo **morre e os homens que mataram ele**. E sua noiva consegui se comunicar livremente com ele através de um espirita e logo após ele se vai de uma forma muito bonita. (1993, p. 125)

FORMA ÁTONA – texto escrito

No assassinato de Míriam, eu também fiquei muito chocada, porque o assassino confessou que matou a criança porque ela estava chorando demais, mas o seu pai acha que **ele a estuprou** e depois matou, dividiu as partes do corpo e enterrou em lugares diferentes. (1993, p. 126)

Ao chegá-las no hotel o rapaz tirou o seu casaco **e colocou-o nela,** porque o seu traje não estava adequado p/ o ambiente, que só existia pessoas bem vestidas. (1993, p. 124)

Relato de opinião

No assassinato de Míriam, eu também fiquei muito chocada, porque o assassino confessou que matou a criança porque ela estava chorando demais, mas o seu pai acha **que ele a estuprou** e depois matou, dividiu as partes do corpo e enterrou em lugares diferentes. (1993, p. 126)

Tabela de coleta de dados

Pronome	**Elas**	**Nível de escolaridade: ensino superior**	Informante 3: Rosemeire Sexo: feminino Idade: 19 anos	Data da coleta: 1993 Páginas: 101 a 126
Gêneros textuais (modalidade oral)				
	Posição pré-verbal (sujeito)	**Posição pós-verbal (complemento) objeto direto**	**Posição pós-verbal (complemento) objeto indireto**	**Quantidade de ocorrências**
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada	**01**			
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total	**01**			**01**
Gêneros textuais (modalidade escrita)				
Narrativa de experiência pessoal				
Narrativa recontada				
Descrição de local				
Relato de procedimento				
Relato de opinião				
Total				

PRINCIPAIS VERBOS	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**	**PRINCIPAIS VERBOS**	**QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS**
Avistar	01	Ver	02
Levar	04	Querer	01
Convidar	01	Acariciar	01
Achar	02	Buscar	01

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ele/eles
342	21

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/eles	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/os
21	01

POSIÇÃO DE SUJEITO Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO Pronome – ela/elas
183	15

POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ela/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – a/as
15	02

POSIÇÃO DE SUJEITO	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL (FLUTUAÇÃO) Pronome – ele/ela/eles/elas	POSIÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL Pronome – o/a/os/as
525	36	03